

REVISTA



PORTO ALEGRE
RIO GR. DO SUL

ANO
de 1947

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

ÍNDICE

Dados biográficos do prof. Leonardo Macedonia Franco e Souza	5
O 27.º aniversário do Instituto — Discurso do dr. Eduardo Duarte	9
Bento Gonçalves da Silva — Conferência do sr. Othello Rosa	15
General Bento Gonçalves — Discurso do sr. Marino Josetti de Almeida	31
Inventário dos bens deixados pelo Cel. Bento Gonçalves da Silva	39
O "Compêndio Noticioso do Continente do Rio Grande de São Pedro" e outros documentos de Francisco João Róscio	47
Mamíferos fósseis do Brasil, pelo sr. Carlos de Paula Couto	95
Os homens do segundo vilamento do Rio Grande, pelo sr. Antenor de O. Monteiro	123
O Visconde de São Leopoldo — Conferência pelo dr. Eduardo Duarte	133
Graciano Alves de Azambuja — Palestra do sr. Othello Rosa	141
A independência do Brasil — Conferência pelo prof. dr. Armando Dias de Azevedo	149
Tomada de Curuzú, pelo cap. Henrique Oscar Wiederspahn	155
Antigualhas — Reminiscências de Porto Alegre, de Antonio Alvares Pereira Coruja (reimpressão)	165
Alcides Maya — Conferência do sr. Luiz Felipe de Castilhos Goycochea	185
O vento minuano, pelo Cel. Luiz Carlos de Moraes	197
7 de Setembro — Discurso do sr. Othello Rosa	201
A eucaristia e o sentimento religioso no velho Rio Pardo, pelo dr. Eduardo Duarte	209
A galeria dos comandantes do salão de honra do Q. G. da 3.ª Região Militar, do Major Antonio da Rocha Almeida	215
A freguesia de N. S. Bom Jesus do Triunfo, pelo dr. José de Araujo Fabricio	229

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL



SÉDE DO INSTITUTO:
Rua Riachuelo, 1307
PÔRTO ALEGRE
Rio Gr. do Sul - BRASIL

1948

OFICINAS GRÁFICAS DA IMPRENSA OFICIAL
PÔRTO ALEGRE

NOTA

Ingrata surpresa colheu o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul por ocasião do incêndio verificado em a noite de 21 de outubro de 1947 na Imprensa Oficial do Estado. E' que, além dos muitos prejuizos daí advindos, para o poder público e a terceiros, encontrava-se naquelas oficinas, composto, revisado e até mesmo paginado, o número 104 desta "Revista", correspondente ao 4.º trimestre de 1946, afora muitos outros originais que formariam o seguinte fascículo, já então em linotipia.

O trabalho de remoção do entulho e a pesquisa do material extraviado exigiram meses, motivo por que já com muito atrazo poudes editar-se aquele referido número 104. Posteriormente, viu-se a impressora, como é óbvio, a braços com grande acúmulo de serviço, de natureza urgente, como a recuperar-se do grande dano sofrido.

As providências governamentais, prontas e eficazes, encontraram, todavia, eco na capacidade administrativa do sr. diretor da Imprensa Oficial e na dedicação e esforço de seus muito dignos auxiliares, permitindo que, menos de um ano decorrido, tenham assumido as abundantes tarefas que lhes cabem um curso de quase completa normalidade.

Expostos, assim, sumariamente os fundamentos da demora na publicação deste volume relativo ao ano de 1947, que sai, aliás, abrangendo os números correspondentes aos quatro trimestres, esperamos ver regularizado o aparecimento da "Revista" dentro em breve e obedecendo à mesma periodicidade que em um quarto de século tem porfiado por manter.



Professor Leonardo Macedonia Franco e Souza

REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul

Ano XXVII

— I a IV trimestres de 1947 —

Ns. 105 a 108

Dados Biográficos do Professor Leonardo Macedonia Franco e Souza

O Professor Leonardo Macedonia nasceu em 29 de Janeiro de 1872, na cidade de Cachoeira, Estado do Rio Grande do Sul, sendo filho legítimo do Dezbargador James de Oliveira Franco e Souza e D. Angelica Candida Macedonia e Souza.

Diplomou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, tendo colado grão em 22 de Dezembro de 1891.

Foi Promotor Público em Curitiba, Estado do Paraná, de 1892 até 1893, tendo exercido, posteriormente, de 1894 até 1898, as elevadas funções de Procurador da República naquele Estado.

Transferindo residência para esta capital, abriu banca de advocacia à cuja testa se manteve até 1945.

Foi presidente do Instituto da Ordem dos Advogados do Rio Grande do Sul desde a sua fundação, em 1926 até 1935.

Exerceu a Presidência do Conselho Penitenciário do Estado no período de 1935 a 1936.

Ocupou, também, a presidência do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul no período decorrente de 12 de Setembro de 1934 a 15 de Abril de 1942, sendo nesse mesmo mês eleito presidente honorário.

Além da obra didática, realizada na Faculdade de Direito de Porto Alegre, desde 1902, produziu trabalhos forenses de vulto, que correm impressos, e deu a lume, em 1895, trabalho de análise e anotação das leis do Paraná sobre terras. Esse livro, cuja edição se encontra exgotada, mereceu do Secretário Moreira Garcez, a seguinte referência:

“Seria da maior conveniência uma revisão da nossa legislação sobre terras, justificando-se ainda essa conveniência pelo facto de estar actualmente exgotada a publicação do “precioso trabalho feito pelo Dr. Leonardo Macedonia Franco e Souza, no qual se encontram commentados todos os regulamentos e leis de terras até o anno de 1895, e que constituia um valioso guia para os interessados nesse assumpto, facilitando o pleno conhecimento da respectiva “legislação até aquella epocha”.

Cumpre assinalar também a publicação na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, e no Boletim do Instituto da Ordem dos Advogados, de conferências, discursos e outros trabalhos.

Merece referência especial a atividade do Professor Macedonia na Faculdade de Direito de Pôrto Alegre, de que foi um dos fundadores.

Exerceu no estabelecimento os cargos de Secretário, Tesoureiro e Bibliotecário desde a fundação, em 1900, até o ano de 1923, funções que foi obrigado a deixar em virtude de grave moléstia. Nomeado lente substituto da Faculdade em 24 de Fevereiro de 1900, foi elevado a categoria de catedrático da cadeira de Direito Penal em 21 de Abril de 1904. Regeu a mencionada disciplina desde 1902 até 1940, quando foi aposentado.

Vice Diretor da Faculdade no período de 1932 até 1937, quando assumiu o cargo de Diretor, que somente deixou em virtude de aposentadoria no referido ano de 1940.

Sem pretender diminuir a ação dos abnegados fundadores da Faculdade de Direito de Pôrto Alegre, fieis e devotados ao estabelecimento que ajudaram a criar, é de justiça assinalar que ninguém o excedeu no amor e dedicação à Escola. Ela foi para ele um motivo de vida, tinha por ela um carinho paternal.

Secretário e Tesoureiro na fase mais difícil da Faculdade, quando minguados eram os recursos de que dispunha, conseguiu dirigir as finanças do estabelecimento com tal proficiência, que apenas dez anos depois de sua fundação, era inaugurado o magnífico prédio em que se encontra atualmente. Acompanhou e fiscalizou a obra dia por dia, até mesmo o pagamento dos operários era feito pessoalmente por ele. Nada descurou no sentido de ser levada a bom termo aquela grande realização. Devotada e desinteressadamente, esteve sempre à frente dos trabalhos, sem descuidar-se dos demais serviços da Secretaria e sem deixar de atender com proficiência ao ensino de sua disciplina na Faculdade.

Sua ação, porém, não terminou com a conclusão do prédio. Apesar do auxílio recebido dos poderes públicos, o estabelecimento teve de atender durante vários anos ao pagamento dos juros e amortização de empréstimo contraído para a ultimação das obras. Mercê da mesma orientação e firmeza, foram saldados todos os compromissos. E, finalmente, em 1923, ao deixar o Professor Macedonia, por motivo de grave moléstia, a parte administrativa da Faculdade, encontrava-se esta em sólida e florescente situação econômica, possuidora de avultado patrimônio.

Si é certo que a Faculdade de Direito, com justiça, venera a memória de André da Rocha, seu grande diretor, é de acentuar que, sem favor nenhum, igual preito de gratidão deve ser conferido à memória do Professor Leonardo Macedonia, impecavel gestor das finanças do estabelecimento, legítimo braço direito daquele saudoso Diretor, cuja ação à frente dos destinos da Escola foi sobremodo facilitada pela contribuição abnegada e clarividente do seu companheiro de administração.

Si algum dia fôr escrita a história da Faculdade de Direito de Pôrto Alegre, ressaltada será sem dúvida a atuação do seu devotado servidor.

Desde já, porém, pode ser assinalado um fato, que constitui documento singelo mas expressivo de reconhecimento aos inestimáveis serviços prestados à instituição: no primeiro andar do prédio, corredor da esquerda, encontra-se pendurado à parede, pequeno quadro contendo um apelo aos alunos para cooperarem com a administração da Faculdade na conservação do imovel e do material escolar. É datado de 1910, quando foi inaugurado o edifício, e está assinado pelo Professor Leonardo Macedonia, Secretário da Faculdade. Segundo o testemunho do Professor Elpidio Paes, antigo aluno e atual diretor, o referido qua-

dro, apesar de amarelecido pelo tempo, ali é conservado como reliquia da Faculdade, constituindo assim tocante homenagem ao seu dedicado Secretário.

Também relevante foi o desempenho do Professor Leonardo Macedonia na sua peregrinação professoral de quarenta anos, como lente catedrático de Direito Penal, disciplina que lecionou com proficiência e saber, ilustrando a cadeira com as cintilações de cultura e talento invulgares, destacando-se como uma das grandes expressões intelectuais do corpo docente da Faculdade.

Lecionou também, por diversas vezes e em períodos dilatados, no impedimento dos titulares, as cadeiras de Processo Penal e Processo Civil e Comercial.

A rápida análise da atuação do Professor Leonardo Macedonia, como administrador e lente da Faculdade, mostra que sua vida foi bem um exemplo sugestivo de dedicação e idealismo na obra fecunda de educação da mocidade riograndense.

Afastado da Faculdade, por imposição legal, depois de quatro dilatados decênios de atividade incessante, jamais dela se apartou em definitivo. Sempre encontrava pretextos para voltar ao convívio, embora rápido, de sua família espiritual. Ora uma comemoração ou festividade acadêmica, ora o transcurso de alguma data assinalada da vida da Escola, efemérides que jamais esqueceu e sempre trouxe vivas no coração, — constituíam motivos que lhe permitiam rever as paredes daquela casa tão rica de tradições, entrar em contato com seus professores, todos ou quasi todos seus antigos alunos.

E já enfermo, no leito de morte, ardendo em febre, recomendava à esposa que não deixasse de cumprimentar a direção da Faculdade pela data que então descorria, 17 de fevereiro de 1947, que assinalava o 47.º aniversário de sua fundação. Assim, no testemunho de pessoa de sua família, um dos seus últimos pensamentos lúcidos foi ainda para a sua estremecida filha espiritual.

Para completar estes ligeiros dados biográficos, vale a pena transcrever aqui a notável oração de despedida, proferida pelo Professor Rui Cirne Lima quando o Professor Macedonia deixou a direção da Faculdade.

“Senhor Professor Leonardo Macedônia.

“Aqui estamos, antigos alunos, colegas e amigos vossos para
“dizer-vos a palavra de despedida, neste momento em que
“a idade avançada vos impõe o repouso com dignidade, que
“bem merecestes da pátria.

“Sabemos que vos dobrais a essa imposição da idade com a
“mesma firmeza, austera e silenciosa, com que vos destes,
“durante a vida toda, ao cumprimento dos deveres, de que
“a tivestes cheia.

“Sabemos, também, entretanto, que nunca o cumprimento do
“dever vos terá custado sacrifício tamanho.

“Amargo, haveis de reputar êsse descanso, que vos exila
“do seio de vossa grande família espiritual.

“A essa grande família, que é a nossa Faculdade, não devotastes, somente, os frutos de vossa dedicação ao estudo

“e à ciência do Direito; destes-lhes, por igual, o vosso co-
“ração.

“Contam-se às dezenas os antigos alunos vossos, aos quais,
“de vosso bolso, supristes dinheiro para o pagamento das
“taxas escolares; igualmente numerosos são os que, da vossa
“biblioteca, receberam os livros de estudo; e aqueles que
“assististes e visitastes, nas enfermidades, que amparastes e
“consolastes, nas crises morais. Formam multidão os jovens
“que, durante quarenta anos, silenciosamente, acolhestes em
“vosso afeto.

“Nunca parecestes curar senão do vosso dever. Criastes a
“reputação de fiel e exato, mas impassível servidor da coisa
“pública.

“Entretanto, o signo da vossa vida interior foi sempre, —
“mais do que o dever, — a afeição; mais do que a estrita
“justiça, — a generosidade.

“Tivestes por herança paterna a rijeza moral, que vos tem
“caraterizado as atitudes, através da existência. De vossa
“Mãe, a doce e piedosa Senhora, a quem conheci, herdastes
“a brandura de coração e a grandeza de alma.

“Essa grandeza de alma, — mais do que tudo, — vos iden-
“tifica com a nossa Faculdade.

“Nesta casa, cada canto evoca uma virtude.

“A perseverança, a fé, o desinteresse, a solidariedade frater-
“na são a nossa tradição.

“Ninguém a representa melhor do que vós.

“Estaveis entre os que, no comêço do século, se reuniram
“para realizar um sonho: — fundar uma Faculdade de Di-
“reito, no Rio Grande do Sul.

“Estaveis, ainda, entre os que, para fazer vingar o ideal do
“ensino jurídico em nosso Estado, renunciaram aos proven-
“tos que lhes eram devidos pelos encargos do magistério.
“Sempre estivestes entre aqueles que a luta não intimidava
“e o sacrifício não afligia.

“Esta é a moldura, dentro da qual se desenrola a vossa car-
“reira.

“Professor, ilustrastes a cátedra, — não somente pelo saber,
“— como pelo devotamento sincero e constante, pelo desin-
“teresse incondicional.

“Secretário da Faculdade, — constituistes um exemplo, —
“não somente pela exação no cumprimento do dever, — como
“pela inquebrantável perseverança na ação em prol da causa
“do ensino.

“Diretor da Faculdade, — cargo a que André da Rocha im-
“primiu os traços insignes de sua personalidade, — fostes o
“continuador impecável da obra de vossos antecessores, mas,
“além disso, e principalmente, a afirmação viva da firmeza
“daquela fé que, ha quarenta anos, uniu, como irmãos, um
“punhado de homens em tôrno do mesmo ideal.

“Devemos, agora, dizer-vos a palavra da despedida. Porém,
“não vos diremos adeus. Diremos, sim: Benvindo, sempre,
“sereis ao nosso afeto”.

O 27.º Aniversário do Instituto

Dr. Eduardo Duarte

Senhor Presidente. Meus confrades.

E' sempre com intenso jubilo que nós, os que compõem o quadro social da nossa companhia, celebramos o dia que hoje transcorre. E, principalmente, permiti-me dizê-lo, os que ainda figuram na velha guarda, aqueles que com o seu idealismo cheio de fé nos dias que adviriam para justificar o valor da obra cujos fundamentos foram lançados, em sessões preparatórias contínuas, em uma das salas do Arquivo Público, repartição então a cargo do desembargador Florencio de Abreu, sessões que precederiam a instalação dêste Instituto em memorável reunião realizada no salão de honra da então Intendência Municipal de Pôrto Alegre.

E daquêles idealistas quantos podemos contar nos dias que correm...

E, ultimamente, quão cruel tem sido a negra Parca com o nosso quadro social! Em sessões passadas várias homenagens foram rendidas, nesta sala, a membros ilustres que do nosso meio foram arrebatados, esplêndidas vidas que, com a fôrça de sua inteligência e valor de sua produção, tanto mérito conquistaram, tanto honraram as nossas fileiras.

E dentre êsses, o ultimo a abrir dolorosa vaga no quadro, foi êsse companheiro de longo tempo, entusiasta do Instituto, que aqui formou junto daquêles que vinham de dias distantes; trabalhando sem esmorecimentos, sem vacilações, em demanda da finalidade colimada pelo Instituto na sua razão de ser.

Leonardo Macedonia Franco e Souza! Era um consócio ilustre que honrava a nossa casa. Que jamais regatou esforços e até mesmo sacrificio de bem estar em idade avançada e de sua delicada saúde, como sabemos; jamais se poupou para que a obra em que se integrara com amor e fôrça de sua convicção fosse sempre para a frente, para honra do Rio Grande e maior glória desta grande Pátria de todos nós nunca assás bem-amada.

E si cada um de nós pôde bem avaliar e louvar o grande apêgo que ao Instituto tinha o extinto confrade, quem escreve estas linhas, seu secretário

(*) Discurso pronunciado na sessão solene de 5-8-1947.

rio no dilatado período em que exerceu a presidência do sodalício, pôde bem julgar do seu valor e do muito que elle sabia querer á instituição em que se integrára com a força do seu coração e da sua privilegiada intelligência.

Em sua presidência o Instituto teve um período áureo de vida com a realização de dois congressos de História e Geografia, tentativa que, a princípio, se considerava uma temeridade, pois fôra cousa jamais tentada nestes lados do Brasil meridional.

Entretanto, o primeiro congresso realizado, em comemoração ao centenário do levante revolucionário de 1835, a famosa Revolução Farroupilha, foi levado a termo, e de tal forma foi o efeito produzido, como repercutiu em todos os recantos da Pátria e extra-fronteiras, pois até do longinquo Chile recebemos adesão e colaboração, que, dois anos após, com a passagem do bi-centenario do desembarque de Silva Pais na cidade de Rio Grande, outro congresso foi levado a termo, com o mesmo surpreendente successo do primeiro. Dessas duas realizações bem alto falam os respectivos anais.

Pois bem, êsse êxito tão feliz, e que tanto prestígio trouxe ao nosso Instituto, êsses dois congressos tiveram á sua frente a figura altamente querida, respeitável e inconfundível do dr. Leonardo Macedonia.

Outros congressos levou a termo o nosso Instituto, e todos com o brilho de sempre, mas a verdade é que o caminho estava aberto, a estrada desbravada, e os successos anteriores enchiam de coragem aquêles que a seu cargo tiveram as novas realizações.

A Revista teve sempre no extinto Presidente o seu maior animador; no exercício da sua presidência, em largo período de tempo, como dissemos, elle foi sempre de uma assiduidade sem par; acompanhava o expediente com toda reguaridade, tomando elle mesmo o encargo de redigir as peças de maior responsabilidade sempre que assuntos de máxima importância se apresentavam á vida do Instituto.

Posso eu, seu secretário — e amigo de sua quasi intimidade, bem afirmar que o extinto dr. Leonardo Macedonia foi um grande Presidente que teve o Instituto Histórico.

Nos congressos levados a termo sob sua direção, vimos todos nós como elle sabia dirigir as sessões plenárias, encaminhando as votações, aduzindo conceitos, contribuindo com preciosos conhecimentos, illustrando o assunto em foco, conquistando, enfim, da assistência, justificada simpatia.

Os seus discursos de abertura e encerramento dos congressos, são peças notáveis de grande illustração que os anais recolheram e que constituem fontes de ensinamentos ás futuras gerações.

Ainda bem pouco tempo antes do seu falecimento, tivemos-lo entre nós, subindo as escadas desta casa com grande difficuldade, pois o mal que o vitimou vinha minando-lhe a existência há longos anos, sem que jamais dos seus lábios saísse uma queixa, a mais leve lamen-

tação, que êle era um bom, um resignado, e seus males não exteriorizava, evitando aflições ou lamentações áqueles que o cercavam.

Justo é, portanto, esta homenagem que hoje o Instituto, em seu dia natalício, presta à memória do seu extinto Presidente Honorário, que bem merecida é, pois êle a conquistou de todos nós no longo período de tempo em que esteve integrado na vida do Instituto.

— O dr. Leonardo Macedonia Franco e Souza era filho do desembargador James de Oliveira Franco e Souza, Presidente do Superior Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul.

Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, o dr. Leonardo Macedonia veio residir nesta Capital, já consorciado com a exma. snra. dona Antônia Alves de Araujo, filha do coronel Henrique Alves de Araujo, paranaense. Ainda em Paraná, onde exerceu a Procuradoria da República, publicou um livro — Consolidação das Leis sobre Terras Públicas, livro que foi recebido com aplausos dos juristas da época.

Vindo logo depois para esta Capital, aqui se integrou em nossos meios jurídicos e durante meio século de trabalho soube conquistar as maiores simpatias da nossa gente. A sua banca de advocacia foi sempre das mais procuradas e por ela passaram as maiores causas do fóro local.

Fundador que foi da Faculdade de Direito, hoje integrada em nossa Universidade, a ela se consagrou com a maior dedicação, não somente regendo com proficiência uma de suas cátedras como estando sempre á testa de sua direção, tendo, após quarenta anos de exercício, alcançado sua aposentadoria, sem que, apesar disso, esquecesse a sua Faculdade, para a qual êle guardava um compartimento no seu coração. E êsse edifício que aí está, embelezando a cidade com suas linhas arquitetônicas tão severas, deve-se ao dr. Leonardo Macedonia, que, para sua construção, grandes dificuldades teve que vencer, pois, sabemos, os tempos eram outros e tais empreendimentos só eram levados a termo á custa de grandes somas de devotamento e sacrifício.

Por último vamos aqui transcrever, para que conste dos nossos anais, a notícia que sobre o falecimento do dr. Leonardo Macedonia deu um dos órgãos da imprensa local.

“Consternou profundamente a sociedade portoalegrense, principalmente os circulos jurídicos da Capital, a infausta notícia do falecimento do prof. Leonardo Macedonia Franco e Souza, lente aposentado e antigo diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Porto Alegre.

Possuidor de cultura enciclopédica e brilhante estudioso das questões de direito, o prof. Leonardo Macedonia, através de meio século de fecunda atividade, prestou relevantes serviços ás letras jurídicas, e, na cátedra, lecionou com inexcédível proficiência, a várias gerações de moços, laureados pela nossa tradicional Faculdade.

Entre outros cargos desempenhou as funções de Consultor Jurídico da Prefeitura. Dedicou-se posteriormente á advocacia e instalou

uma das bancas mais concorridas e afamadas da Capital. Fundou, há mais de 40 anos, a Faculdade de Direito de Pôrto Alegre, que lhe deve a construção do edificio em que se acha instalada.

Sua ação também se estendeu á antiga Escola de Comércio, hoje Faculdade de Economia e Administração. Foi o fundador e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Presidente de várias instituições ligadas ás letras jurídicas e á profissão de advogado.

A sua biografia não cabe numa notícia de última hora, que os serviços por êle prestados e a sua marcante personalidade que se projetou em todos os campos da nossa cultura, exigem um biógrafo de escol.

Ligado a tradicionais famílias do Paraná, a sua nobresa de sentimentos, incorruptível e delicadesa no trato, cativava a todos que dêle se aproximavam. Era progenitor do dr. James Macedonia Franco e Souza, juiz de direito de Pôrto Alegre; da sra. d. Laura Macedonia Santana, espôsa do dr. Cumplido de Santana, residente no Rio de Janeiro, e da sra. d. Angélica Macedonia, irmão do extinto médico dr. Artur Franco, genro do dr. Júlio de Castilhos de saudosa memória, do sr. Mário Franco e da exma. viúva d. Virginia Masson.

Ontem com grande acompanhamento se realizaram os atos fúnebres, vendo-se entre os presentes o dr. Cilon Rosa, Interventor Federal, acompanhado de seus secretários; reitor da Universidade, diretores de estabelecimentos de ensino, professores, advogados, médicos, engenheiros e antigos alunos.

Feita a encomendação, falou em nome da Faculdade de Direito o dr. Elpidio Pais, estando os membros da congregação revestidos de beca e capelo.

Ao baixar o corpo á sepultura falou o dr. Salgado Martins."

Snr. Presidente. Meus confrades. Há dois anos passados aqui fizemos, por determinação da presidência, um retrospecto, tão desenvolvido quanto possível, da vida do Instituto, pois que completavam-se vinte e cinco anos que o Instituto nascera em uma das salas do Arquivo Público, repartição então a cargo do desembargador Florêncio Carlos de Abreu e Silva, no tempo diretor da citada repartição.

Nesse retrospecto fizemos, com o pouco engenho e arte com que nos dotou a natureza, o histórico de nossa vida social, desde os primeiros passos do Instituto até alcançar o seu jubileu.

No dia de hoje, que mais um ano de vida contamos, pouco poderíamos adiantar; o Instituto continúa caminhando, sem vacilar, colimando a sua finalidade. A Revista, o melhor sintoma de nossa existência continúa a ser publicada com a possível regularidade. Temos o amparo moral e material do Govêrno do Estado e da República como vimos ainda na ereção do obelisco de Poncho Verde, obra que foi financiada pelos poderes públicos, pois, pela sua elevada monta orçamentária não poderia ser feita pelos fundos do Instituto.

Mas, si pelo lado material, principalmente, não nos tem faltado

o amparo oficial, é de notar o conceito que nos últimos tempos tem o Instituto conquistado dos poderes públicos e das classes mais representativas do nosso meio social.

Vezes a fio tem sido o Instituto convocado a emitir parecer sôbre os mais variados assuntos, principalmente dos poderes públicos, e os seus pareceres são acatados com o maior respeito, o que torna o Instituto um órgão de consulta sôbre temas que lhe são propostos, notadamente quando em relação ás cousas da história regional. A Revista continuamente publica na íntegra os pareceres que, pelas respectivas comissões, são emitidos.

Ora, senhores, força é convir, e o fazemos pondo de parte quaisquer sentimentos de modéstia, que o fato que vimos de apontar, constitui uma grande honra para todos nós. E' que o Instituto tem sabido alcançar no meio em que vive um alto conceito, o que o faz a custa de grandes sacrificios, é verdade, porém que tem sido fartamente compensado pelo indiscutível prestígio de que hoje goza.

O Instituto Histórico, nos dias que correm, deixou de ser aquela meia dúzia de caturras, como se dizia alhures, que vivia a desencavar velharias, cousas que deviam ficar sepultadas, *ad aeternitatem*, indignas de virem a lume neste século do suingue, sambas e do futebol.

Não, meus senhores. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul é hoje uma entidade integrada no respeito e admiração do Rio Grande, quicá do Brasil inteiro, e o seu nome já ultrapassou nossas fronteiras como, continuamente, nos adverte a nossa correspondência de todos os dias, pois, desde o extremo norte do continente americano, pelos países centrais e meridionais, — notadamente nas repúblicas platinas, o conceito de que desfrutamos é altamente consolador, justa recompensa, repetimos, do nosso esforço, de um trabalho beneditino e proficuo, de alta benemerência, o que nos anima, nos dá força para prosseguir sem esmorecer, na tarefa que há vinte e sete anos encetamos, que não teve solução de continuidade, obra que legaremos às gerações que hão de vir.

Portanto, sempre para frente, que muito temos ainda a fazer, a realizar.

Snr. Presidente. Meus consócios.

Congratulemo-nos pelo dia que hoje passa e façamos ardentes e sinceros votos para que essa auspiciosa data se reproduza ainda, muitas vêzes, tempos em fóra, e que possam as gerações que se sucederem bem compreender e abençoar a obra que realizamos e que lhes transmitiremos, para glória do pago de todos nós tanto amado, desta imensa vastidão querida que é o Brasil, que, muito embora tão grande seja, no dizer da conhecida canção, cabe dentro dos nossos corações.

Disse."

Bento Gonçalves da Silva

Othelo Rosa

Era assim, na segunda metade do século XVIII, o Continente de S. Pedro do Rio Grande do Sul: um descampado imenso que os simples “posseiros”, de início, e depois os titulares das sêsmarias, iriam, pouco a pouco, articulando socialmente, n’uma luta tenaz contra as distâncias, através dos nódulos de fixação e de irradiação que eram as **fazendas**.

Aqui e ali, perdidos na vastidão da terra aspera e deserta, os primeiros aglomerados humanos, as velhas fraguezias, bases e origens da nossa existência comunal, transplantada pelos colonizadores lusitanos daquela tradição municipal portuguesa, que Alexandre Herculano, em paginas memoráveis, descreveu e analisou: Rio Grande, Viamão, Santo Antonio da Patrulha, Conceição do Arroio, Porto Alegre, Estreito, Triunfo, S. Luiz de Mostardas, Santo Amaro, Rio Pardo, Vacaria, Taquari — nucleos primarios de uma civilização que alvorecia, pontos de partida de um destino, que haveria de ser cumprido...

Na séde das freguezias, de casas espalhadas, o primeiro centro de vida coletiva seria, decerto, aquela pequenina, humilde, simpatica igreja-jinha de taipa, que o colonizador construía sem delonga, para a prática de seus deveres religiosos, substituindo-a, assim que possível, por esses templos magníficos, de uma severa beleza arquitetônica, que em muitas das nossas cidades atuais, permanecem ainda hoje como testemunhos invioláveis do nosso passado. Depois, viriam as Camaras Municipais, com as suas vereanças, com os seus assômos de autonomia e independencia, contrastando, não raro, com destemôr e altivez, o arbitrio de capitães-generais e governadores, e dando aos homens do Continente de S. Pedro, com o exercicio de atribuições de caráter publico, uma rija consciência do seu dever e uma consciência ainda mais forte de seu direito.

Lá, na campanha, tudo haveria de girar, necessaria e inevitavelmente, em tórno do fazendeiro. A ação do poder publico como que se diluía, através dos espaços: as suas resonancias, na longura dos pagos,

(*) Conferência pronunciada em 18-7-1947, primeiro centenario do fallecimento do heroi farroupilha, em sessão solene do I. H. G. R. G. S., na séde da Associação Rio Grandense de Imprensa, de Porto Alegre.

eram descontinuas e fragilimas. A força real, a força presente, a força unica que se poderia impôr, estaria detida nas mãos do homem a quem a posse da terra conferia as prerogativas de superioridade e direção. O simples fato da concessão da sesmaria gerava um outro fato de natureza social, e de uma importancia extraordinaria no processo da nossa formação: o de uma gradação entre os homens, de uma hierarquia que, não prevista em leis ou em codigos, assentaria na autoridade indominavel dos costumes, afirmando-se decisiva e vitoriosamente, quer entre os elementos da população, quer nas proprias relações com os poderes governamentais. Reconhecendo que o seu dominio aparente não passava de uma fraqueza intrinseca, os governos tenderiam a procurar apoio na força real e viva do fazendeiro, que se iria fazer tambem um chefe militar.

Esboçam-se, ai, dois fatos, de marcante relevo na formação do povo gaúcho: a sesmaria creará o latifundio; o latifundio vai gerar o caudilho. Mas, sem o latifundio, sem a base economica da posse dos grandes tratos de terra, não poderia haver o desbravador das campanhas, estabelecendo, aqui e ali, centros de irradiação do povoamento; sem o caudilhismo, não seria possivel a estrutura das relativas condições de ordem e segurança, essenciais à nossa evolução. Condenando-os hoje, como inadaptaveis e prejudiciais ao desdobramento harmonico da vida moderna, é justo reconhecer que, nós albôres da civilização do Rio Grande, latifundio e caudilhismo constituíram, para nós, elementos indispensaveis e uteis, forças quasi providenciais, que permitiram assentar e fortalecer as bases do nosso futuro.

O peão, o agregado, o posteiro, o proprio visinho, aglutinavam-se naturalmente em derredor do homem que lhes dava o trabalho, a terra em que erguiam o rancho, o amparo, a proteção. E o fariam ainda porque, à mingua de estradas, de escolas, de assistencia de qualquer ordem, de propria justiça, não poderiam confiar em um governo que lhes impunha onus, deveres, encargos, sacrificios, sem que lhes desse compensação alguma.

Ao fazendeiro serviriam sempre; e ao seu lado, se necessario, saberiam morrer. Ou nas lidas do campo, ou nas álgaras da guerra, acorriam pressurosos ao chamamento do homem que nunca faltara tambem aos seus apêlos e que, patrocinando-os no bem, não relutaria em patrociná-los no mal...

O que aí ocorre, entretanto, não é apenas a submissão, a obediencia do mais fraco ao mais forte. A força do fazendeiro é predominantemente moral. Ele não é um senhor, pois ao gaúcho repugnava senhores e mandos; ele é um chefe, na significação perfeita da palavra, um orientador, a quem o gaúcho adhire sentimentalmente, com espirito e corpo, inspirado por pensamentos nobilissimos de dedicação e de lealdade. A quem o serve, a quem o ampara, a quem o defende, o gaúcho servirá e defenderá, sem medir perigos nem sacrificios porque é isso, a seu juizo, um dever indeclinavel e sagrado. Fal-o-ha, porem, de fron-

te erguida, sem humilhação e sem desaire, com uma claríssima consciência do proprio valor e da significação da sua attitude e do seu ato.

Harmonisam-se, neste passo, duas condições, aparentemente inconciliaveis: uma linha hierarquica, essencial á estrutura da vida social, e ainda mais á da vida militar, e um sentimento hasico e profundo de igualdade humana. As peculiaridades do Continente de S. Pedro iriam anticipar, aqui, a concepção individualista, que caracterisaria o seculo XIX. Para isso contribuiria visceralmente a tendencia democratica do gaúcho, que nasce e se fortalece na existencia variada e rica das estancias, — nas “domas”, nas marcações, nos rodeios, nas “tropeadas”, — onde os homens se igualam e fraternisam, exercendo os mesmos mistéres, correndo os mesmos riscos, sofrendo as mesmas privações, na dependencia reciproca da pericia, da agilidade, da audacia de uns e de outros. Na situação do proprio escravo, no Rio Grande, essa tendencia irá refletir-se: ella será diferente, menos deshumana e cruel, — como se vê dos depoimentos de Saint Hilaire, de Dreys, de Luccok, e de outros viajantes, — pois que o negro, no serviço de campo, ou ainda nos acampamentos, e no tumulto dos entreveros, podia conquistar o seu lugar ao sól, pelas excellencias do seu trabalho de campeiro, ou da sua bravura de soldado, hombro a hombro com o senhor.

Era assim, na segunda metade do seculo XVIII, o Continente de S. Pedro do Rio Grande do Sul... Essa visão panoramica do velho Rio Grande, porem, não seria completa, nem de todo verdadeira, se não levassemos em linha de conta algumas outras circunstancias, que delimitam e definem a ação do homem naquêl meio fisico.

O Rio Grande nasce ao signo do trabalho agricola. O colonizador, que aqui chega, é um lavrador pacifico e ordeiro, com preferencia pela estabilidade, pois a agricultura assenta na colheita e a colheita é uma vitoria da paciencia e do tempo.

A vida, entretanto, tem imposições indeclinaveis: o que o destino reserva a esse lavrador ordeiro é, dentro de pouco, a vida agitada ridos pelo minuano; e o que o destino reserva a esse homem pacifico é, dentro de pouco tempo, os rigores e as incertezas de refrega das estancias, o nomadismo e a dispersão nos pampas interminos, varsem conta, uma eterna, impiedosa vigilia de armas.

Agricultor; campeiro; soldado — eis as condições contraditorias e diversas em que teria de viver, em um verdadeiro milagre de adaptação, o homem que viera dirétamente de Portugal, ou dos Açores, ou de Laguna, e outros pontos do país, para crear em terras do Continente de S. Pedro, com o seu suor e o seu sangue, a civilização de que somos, hoje, legatarios displicentes e pródigos.

Essa adaptação, porem, não se poderia ter feito sem choques e sem conflitos. O gaúcho haveria de cumprir o seu destino; mas attendo, argutamente, no que havia de injustiça e de sacrificio nesse destino... Pelo fascinio da luta e do sofrimento, dia a dia mais se ape-

gará ao pago, a terra risonha e linda desse Rio Grande que lhe tocou por sorte cultivar com a força do seu braço, servir com a energia de seu espirito, defender com o aço da sua espada; e irá votar a essa terra um culto sincero e forte, de uma veemencia que o leva quasi ao exclusivismo, pois que lhe dóe na alma e na carne qualquer agravo ou melindre que á terra se faça...

Esquecem-n'á, de fato, os poderes magestáticos e distantes. Tudo lhe tiram; nada lhe dão. Porque região de fronteira ela terá, às vezes quasi sòsinha, de defender-se das incursões constantes do inimigo tradicional, que dela insiste em apoderar-se, à invocação de uma linha incerta de demarcação, traçada incetamente pela mão tremula de um Papa sobre um mapa incertissimo... Sofre as agruras da guerra; e sofre as agruras da paz, quando o adversario, levando a melhor na rude contenda, longo trecho da terra detem e conserva, dela se presumindo dono definitivo.

Tudo lhe tiram; nada lhe dão. O gaúcho ha de abrir, com o seu unico esforço, os seus caminhos; ha de vadear, a nado, ou seguro às crinas de seu pingó, os seus rios. Não tem escolas, para os seus filhos, a não ser, uma ou outra, em sédes de povoação. A guerra dispersa-lhe a familia, arebata-lhe os animais, inutilisa o seu esforço creador; e quando ha um parentesis de paz, nem o sòldo lhe pagam. Ainda assim, trabalha e produz: e sente a mão pesada do fisco a exigir ironicamente o seu quinhão leonino...

Trabalha; peleja, e paga; e descrê de tudo. Só não descrê dêle mesmo. Torna-se altivo, arredio, algo rebelde; e gera-se no gaúcho um sentimento natural de orgulho; o orgulho de quem se basta a si proprio, de quem nada espera dos outros, de quem dá e não recebe. Tratando-o assim, o governo, com o seu descaso, afasta-o, e mais o aproxima dos chefes locais, que sofrem com ele, e com ele são solidarios. E, dos labios desses chefes, ele ouve as mesmas queixas contra o governo, que os esquece e os oprime, e a reiterada sentença de que o Rio Grande tem um direito a defender, e não esquecerá jamais o dever imprescritivel dessa defesa...

À tendencia democratica, a que já nos referimos, há que acrescentar o conceito, nítido e forte, que o gaúcho tinha e fazia, da liberdade.

O Rio Grande, realmente, nunca teve donatario. Não importa discutir se a concessão feita ao Visconde de Asseca comprehendia o Continente de S. Pedro, ou parte de seu territorio; o fato, incontrastavel, liquido e certo, é que esse pretenso donatario jamais aqui esteve, ou siquer exerceu, mesmo indiretamente, por quaisquer prepostos, a sua ação, e muito menos a sua autoridade.

E se a patente de 1.º de fevereiro de 1721 nomeava Francisco de Brito Peixoto, o pioneiro lagunense, — “capitão mór das terras da Laguna e seo districto com a Ilha de Santa Catharina sua anexa, e do Rio Grande de S. Pedro por tempo de tres annos”, essa nomeação, por prazo tão restrito, outra coisa não visava senão influir sobre Brito

Peixoto para a tarefa tremenda de crear uma linha de comunicações entre Laguna, posto avançado da posse portugueza, e a Colonia do Sacramento, que D. Manoel Lobo audazmente fundara ás margens do Rio da Prata, em 1680.

Sentindo-se livre, o gaúcho fizera da liberdade uma mistica. Era o monarcha das coxilhas que despontava, impávido e energico, algo desdenhoso de autoridades e governos, no tópo das virentes coxilhas do Rio Grande...

Era assim, na segunda metade do seculo XVIII, o Continente de S. Pedro do Rio Grande do Sul; e foi nesse ambiente que nasceu, na freguezia do Senhor Bom Jesus do Triunfo, em 23 de setembro de 1788, Bento Gonçalves da Silva.

Examinemos a ascendencia do chefe farroupilha, nos termos da sua certidão de batismo:

“Aos dezanove dias do mes de outubro de mil setecentos e oitenta e oito, nesta Matris do Senhor Bom Jesus do Triunfo, batizei e pus os Sats Oleos a — Bento — filho legitimo do Alferes Joaquim Gonçalves da Silva, natural da Freguezia de Santa Marinha de Real, bispado de Lamego, e de sua mulher Perpetua da Costa Meirelles, natural desta freguezia do Triunfo; neto pela parte paterna de Manoel Gonçalves da Silva e de sua mulher Josefa Maria de Jesus, ambos naturaes da freguezia de Santa Marinha de Real, do mesmo Bispado acima dito; e pela materna de Manoel Gonçalves Meirelles, natural de Mondim de Bastos, Arcebisado de Braga, e de sua mulher Antonia da Costa Barbosa, natural da Villa de Guaratinguetá, Bispado de São Paulo. Foram padrinhos o Tenente Manoel Carvalho de Souza, e Anna da Costa Meirelles, solteira. De que para Constar, fiz este assento que assinei. — O Vigario Euzebio de Mages. Rangel e Sá.”

Ascendencia limpidamente luzitana. Bento Gonçalves, como todos os elementos que intervieram com relevo na formação do Rio Grande — os Pinto Bandeira, os Marques de Souza, os Menna Barreto, Serro Largo, Canabarro, Netto, Osorio, Sebastião Barreto — não só entroncam directamente na cêpa portugueza, como saíram, um a um, daquêles nucleos primarios de população, a que aludi: Rio Grande, Povo Novo, Porto Alegre, Rio Pardo, Taquari, Triunfo, Conceição do Arroio...

Rezam tradições que os pais destinavam Bento Gonçalves à carreira ecclesiastica. Era costume do tempo, em cada familia, dar um filho à igreja. Não sorriu, ao futuro general, semelhante destino: fez-se substituir por um irmão, Roberto Gonçalves da Silva, que ordenou-se, de fâto. E êle se fez um campeiro, de renomadas pericia e galhardia

nas lidas do gaúcho; e em 1811, na "campanha de D. Diogo", enveredaria pelo caminho da glória e da imortalidade fazendo-se soldado.

Não me seria possível, sem o vosso sacrifício, e o dos próprios imperativas da polidez, traçar em uma conferencai a biografia de vulto de tal póрте. Mesmo para fixar apenas características predominantes da personalidade do heróe continentino, terei de fatigar um tanto a vossa atenção e a vossa benevolencia.

A careira militar de Bento Gonçalves é notavel: pela sua intrepidez, pela sua atividade, pelo seu conhecimento da guerra que ao tempo se guerreava, ele galgará, de simples soldado de fileira, a situação excepcional de coronel do Exercito brasileiro. Em 1817, era capitão de guerrilhas; em 1829, era promovido a coronel do Estado maior e nomeado comandante do 4.º regimento de cavalaria. Seria, ainda, comandante da fronteira de Jaguarão, e comandante da Guarda Nacional.

Currales; Las Canas; Cordovez; arroio Carumbé; arroio Olimar; Sarandi; passo de S. Diogo; Estancia do Sego; Passo do Rosario, ai estão alguns dos muitos combates e batalhas em que pelejou pelo Brasil, com varia e incerta sorte, sempre, porem, com iguais destemor e bravura. Existe, até na vida militar de Bento Gonçalves, esse episodio interessante: no combate de Sarandy, em 1825, contra as forças de Rivera e Lavalleja, era êle tenente-coronel, comandando o 39 regimento de milicias. As armas brasileiras sofreram, nesse dia 12 de Outubro, um duro revêz; sem embargo, após o desastre, que procurara evitar, opinando no sentido de se não desferir o ataque ao inimigo, muito superior em numero, foi êle promovido. Tão bem se houvera, no fragor da derrota, que a propria derrota lhe valeria uma insignia a mais.

Apezar das suas virtudes militares, e da sua longa e trabalhosa vida de soldado, não estaria aí, somente, a gloria de Bento Gonçalves: êle iria encontrar, no panorama politico da época, um clima propicio ao esplendor da sua personalidade de escól.

Desde a segunda déécada do seculo XIX era Bento Gonçalves um grande nome na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Homem simples, afavel, perfeitamente identificado com os sentimentos da sua gente, que se revia com orgulho naquéela figura bizarra de guerrilheiro destemeroso e audaz, conquistara imenso prestigio. Filiando-se, desde logo, ao partido liberal, faz-se nêle um verdadeiro chefe, de incontrastavel influencia.

O liberalismo gaúcho tendia para a republica e para a federação. O Rio Grande, submetido a um regimen fiscal iniquo; sofrendo as consequencias de guerras interminaveis; desdenhado, material e politicamente, pelo governo geral, attribuia todos os seus males ao Imperio e, principalmente à ferrenha centralização monarchica. Tornara-se, assim, um campo aberto às idéias de liberdade, de autonomia, de soberania popular, que surgiam e se espraiavam por todo o mundo, em um choque tremendo com o absolutismo. Alie-se a isto a revolta do povo continentino, altivo e forte, que se formara no perigo e na

luta, cioso da sua dignidade, com um senso de nacionalismo muito apurado, em face da influencia luzitana, ainda pronunciada e sensível, maxime em assuntos militares, e ter-se-á, em linhas muito gerais, o quadro social em que se foi processando o movimento insurreccional de 1835. Subterraneo e lento, esse processo operou-se em meio de choques surdos, de tendencias dispares e sentimentos divergentes que um denominador comum — a liberdade — aproximava e conjugava, para o esforço heroico da reivindicação farroupilha.

A abdicação de Pedro I, em 7 de abril de 1831, foi encarada como o inicio de uma era nova: verificado, porem, que o fáto não trazia as consequencias previstas e desejadas, os riograndenses, desde esse momento, orientaram-se decisivamente no sentido da conquista violenta dos seus direitos e das suas prerogativas.

O dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, presidente da Provincia depôsto pelos revolucionarios, em officio de 5 de novembro de 1835, afirmava que

“não era possivel que um delegado do governo podesse obstar ao apparecimento da revolução, para que, ha 4 annos, se trabalha na provincia.”

fixando assim, aliás em perfeita consonancia com os fatos, em 1831, a data inicial do movimento. E de que este, no fundo, nascia de idéias republicanas, provam-no eloquentemente as cartas do dr. Marciano Pereira Ribeiro a Bento Gonçalves, de 29 de dezembro de 1822, e de Bento Gonçalves a Antonio de Souza Netto, de 10 de Janeiro de 1833, cartas essas que esclarecem o verdadeiro pensamento dos farrapos, pensamento que eles teriam de occultar, de disfarçar, de encobrir por algum tempo, não só para evitar as reacções naturais do governo imperial, mas ainda para impedir dissidios e divisões entre os elementos trabalhosamente articulados para a conspiração. Atentae, snhores, nessa circumstancia: essas cartas particulares, nas quais se poderia dizer francamnte o que se pensava, de fins de 1832 e inicio de 1833, e onde se fala em Republica, em partido republicano, foram trocadas entre Bento Gonçalves, que seria o chefe da revolução de 20 de setembro; dr. Marciano Pereira Ribeiro, que seria o primeiro presidente revolucionario da Provincia; e Antonio de Sousa Netto, que seria, nos campos do Seival, o proclamador da Republica...

Comandava Bento Gonçalves a fronteira de Jaguarão, em 1832, quando ai foi procurado pelo general uruguaio Lavalleya, que lhe fez propostas de caráter politico. Sagazmente, ao invéz de uma negativa pura e simples, Bento Gonçalves encaminha Lavalleya ao dr. Marciano Ribiro, homem inteligente e culto, portador de um diploma conquistado na Faculdade de Medicina de Edimburgo, na Escossia, e cujos prudentes conselhos eram gratos ao guerreiro gauchó. Leiamos a

resposta do dr. Marciano Ribeiro, resposta que é um grande raio de luz aclarando as legítimas origens e intenções dos farroupilhas:

“— Meu estimado coronel — Tenho que responder a sua distinta, de que foi portador o general oriental emigrado João Lavalleya, em a qual V. S. me diz ouça o dito general sobre propostas politicas que vinha fazer aos homens do partido republicano, nesta provincia.

Creio não avanço juizo exagerado, dizendo que o plano Lavalleya é absurdo.

Nós devemos tomar do sr. general os elementos subalternos de que póde dispôr, porem não dar-lhe ingerencia em nossos assumptos, desde que conhecemos sua **arièrepensée**, e muito menos propender a restabelecel-o no poder, idéia que persegue em seu paiz, cujo estado politico devemos deixar dormir. Quanto ao seu plano, basta só meditar que, conseguida a desmembração do Rio Grande, o prejuizo seria para esta provincia, parte integrante do pretensio Quadrilatero dos de Corrientes, Entre-Rios e Provincia Oriental. Segregada politicamente a Provincia do Rio Grande do resto do Imperio virá a ficar submetida por compromissos de alliança e outros inconvenientes a inimigos (pois sempre o foram) que tirariam o melhor partido desta desmembração. O movimento riograndense não deverá nunca perder o seu caracter eminentemente nacional; deve apoiar-se em elementos e em politica essencialmente brasileira.”

Ai temos, nesta carta, a preceito fixadas, em 1832, duas circunstancias fundamentais à comprehensão da revolução de 1835: a da existencia de um partido republicano na Provincia, de que faziam parte Bento Gonçalves e Marciano Ribeiro; e a do repudio dos farroupilhas à idéia da desmembração do Rio Grande do Brasil.

O movimento não perderia nunca o seu caráter nacional, apoiando-se exclusivamente em elementos e em politica essencialmente brasileira, adverte e prescreve o dr. Marciano. E tem-se mesmo a impressão de que o Brasil inteiro acampara nas coxilhas do Rio Grande, de 1835 a 1845, para aqui pelejar pela liberdade e pela Republica, pois entre as figuras de pról da revolução, entre muitos outros filhos das demais Provincias, destacam-se: Domingos José de Almeida, dr. Marciano Pereira Ribeiro, padre Antonio Ribeiro, José Pinheiro de Ulhôa Cintra, mineiros; general João Manoel de Lima e Silva, fluminense; brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, paulista; major José Mariano de Mattos, carioca; padre José Antonio Caldas, alagôano, revolucionario de 1824, em Pernambuco; coronel José Manoel de Leão, catarinense; te-

nente-coronel Daniel Gomes de Freitas, bahiano, revolucionario da “sabinada”, de 1837...

O pensamento dominante na revolução farroupilha, sendo essencialmente brasileiro, seria republicano e federativo. Qualquer dessas idéias vinham se afirmando e reafirmando, através dos tempos, em todo o decurso da nossa evolução.

A federação, no Brasil, não é só aquele imperativo geografico, de que falava Alberto Torres; é quasi, tambem, um fatalismo politico. As capitánias foram a nossa primeira lição de federalismo. Esparsas pelo nosso imenso litoral; isoladas uma das outras pela carencia quasi completa de transportes e comunicações; com donatarios investidos de poderes discricionarios; com um governo central invisivel, de ação descontinuada, que a propria distancia ainda mais anulava, as capitánias hereditarias seriam forçosamente o germen do nosso localismo, creando na mentalidade do homem do tempo um forte espirito de autonomia, que os seus sucessores receberiam como herança. E quanto à Republica — idéia sempre associada à da federação, — nós a veremos, surgindo e ressurgindo, desde o regimen colonial, em uma série de revoltas e revoluções, que demonstra a persistencia e a força de um ideal: 1684; 1710; 1789; 1798; 1817; 1824; 1835; 1837 — datas que são, na nossa historia, as precursoras de 15 de novembro de 1889.

Fenomeno que se processa rigidamente no ambito da evolução nacional, diretamente vinculada a movimentos que a antecedem, como as revoluções de 1817 e 1824, em Pernambuco, e a outras que lhe são contemporaneas, como a da Bahia, em 1837, e as de S. Paulo e Minas Geraes, em 1824, a insurreição farroupilha inspirar-se-ia na mesma orientação ideologica, concretisada no binomio — republica e federação. — E faria da Republica uma realidade, em 12 de setembro de 1836, nos campos de Seival; e estruturaria um regimen republicano, de modelo romano, naquele admiravel projeto de Constituição da Assembléia de 1842, em Alegrete, — projeto escrito sobre as caronas, nos raros intervalos das refregas e dos recontros, e sobre o qual Felisbello Freire escreveu os seguintes conceitos:

“Em todo o caso a constituinte da Republica de Piratini é a primeira assembléia republicana que tirou de seu seio as formulas e bases de uma constituição. Constitui o elemento historico do direito constitucional da Republica, que é preciso consultar como uma fase da revolução republicana. Se a Confederação do Equador é o berço historico da federação, ainda que se limitasse a delinear os principios gerais do direito republicano, a Republica de Piratini é o berço historico desse direito. Nela estão os seus primeiros fatores de elaboração. Eis a que ponto chegou a evolução da idéia republicana na sua primeira fase de propaganda, cujo ciclo se fecha justamente com a Republica de Piratini.”

Surpreendem-se, alguns, com o fato de, vencedores em 20 de setembro, com a deposição do presidente da Província e do Comandante das Armas, não haverem os farroupilhas proclamado de imediato a República.

Inhabil e desastroso seria fazê-lo.

A própria facilidade da vitória valeu como uma advertência ao espírito perspicaz dos chefes farroupilhas. E a revolução não tinha um caráter estritamente local. Estava condicionada a compromissos e repercussões fóra da Província. Bento Gonçalves, chamado à Côrte em 1833, por denuncia do comandante das armas, marechal Sebastião Barreto, apoiada pelo presidente da Província, Manoel Antonio Galvão, de lá regressara, incolume e vitorioso, mantido no seu comando e ainda honrado pelo governo com uma pensão anual de 1:200\$000, pelos serviços prestados à Patria nas guerras anteriores. Lá estreitara relações com politicos eminentes, entre êles Evaristo Ferreira da Veiga.

Com êles delineara os traços e os planos de um movimento de grande envergadura.

Não esqueçamos que, até para aceitar em definitivo a paz, proposta pelo eminente Caxias, David Canabarro mandaria antes um emissário a Theophilo Ottoni... E o que havia, no Rio de Janeiro, em 1835, era um sigiloso e cauto governo regencial tentando aquela "experiência republicana" a que se refere Joaquim Nabuco. Não será possível analisar, e muito menos compreender a revolução de 1835, principalmente entre os meses de Setembro e Dezembro desse ano, que foi a fase culminante e critica da sua organização politica, sem articular os fatores internos com esses fatores externos. A historia, como a filosofia, já o ensinou um mestre, há de ser uma compreensão com perspectivas...

Sem embargo de, no Rio Grande do Sul, na frase de um documento da época, "cada capim parecer um republicano", carecia o movimento, para a vitória final, da colaboração eficiente, principalmente nos meios militares, de elementos que, sendo embora revoltosos e liberais, não aceitavam a criação de uma Republica no seio do Imperio. Entre êles, Bento Manoel Ribeiro. O episodio é tipico e elucidativo: abandonando a revolução, em proclamação de 30 de dezembro de 1935, fa-lo Bento Manoel à invocação da sua fidelidade à monarquia, declarando que fóra o **partido republicano** que levara a anarquia à Assembléia Provincial e denegara posse ao novo presidente, dr. José de Araujo Ribeiro — declaração que implica na pre-existencia desse partido republicano, a que alude Bento Manoel com tanta certeza e segurança.

Leiamos alguns excerpts da proclamação de Bento Manoel:

"Quartel do comando das armas em São Gabriel 30 de dezembro de 1835.

Tendo as camaras municipaes das cidades do Rio Grande, e Pelotas, e vila de São José do Norte dirigido-se oficialmente ao comandante das armas, conjurando-o a que,

em cumprimento das promessas emitidas em suas proclamações, salve a provincia dos males da anarchia, em que a pretende envolver um partido republicano, que infelizmente aparece, o qual tem xegado a dominar a assembléia legislativa provincial, conseguindo obstar que se desse posse ao dr. José d'Araujo Ribeiro da presidencia da provincia..."

E linhas adiante, acrescenta:

"O comandante das armas está demaziadamente ao facto dos manejos do partido republicano, e dos meios que emprega, e mais certo ainda das desgraças que acompanham a separação da provincia", concluindo com essas frases: "Não sejamos submisos escravos do pequeno partido republicano, que desvairadamente assim o pretende."

Não nos impressionemos com a preocupação de Bento Manoel com a separação da Provincia. O separatismo era a arma predileta, e sem duvida habil, dos defensores da causa imperial, que se pretendia inseparavel da unidade nacional. O historiador Jonathas Serrano frisa argutamente o fato de terem assumido carater republicano as primeiras tentativas de independencia no Brasil, e o de serem todas as revoltas republicanas denunciadas logo como movimentos separatistas...

Quem denegara posse a Araujo Ribeiro? Bento Gonçalves e a ala de deputados que ele chefiava na Assembléia. Si Bento Manoel, monarchista, abandonava a revolução e denunciava a denegação de posse como manobra do partido republicano, somos levados a admitir, dentro da mais absoluta logica, que elle se separava de Bento Gonçalves porque este era republicano e, mais do que isso, chefe daquêlê partido republicano que Bento Manoel incriminava de anarquico na proclamação de 30 de dezembro de 1835.

Nem todos comprehendem a razão determinante das atitudes de Bento Gonçalves, nessa fase inicial da revolução.

Prudente, arguto, de uma intelligencia que os historiografos, em regra, não levam em linha de conta, ele não confinava o seu raciocinio no ponto de vista local. Interpretava o fenomeno com a necessaria vinculação ao problema politico nacional; e não perdia de vista um outro problema, que ele conhecia melhor do que ninguém: o problema do Prata, sobre o qual iria refletir-se a irrupção do movimento. O seu espirito propendia ainda a uma dilação, no intuito de articular-se melhor com o republicanos do resto do país. Nesse sentido, não o ignora ninguém, Bento Gonçalves varias vezes dispendeu esforços insistindo em estabelecer uma ligação dirêta e eficiente com os elementos de outras Provincias do Imperio. Quando, em Outubro de 1834, na ausencia de Fernandes Braga, Pedro Chaves, detentor de fato da governança, crêa em Porto Alegre, com um gesto de inexcusavel prepotencia, uma grave

situação, Bento Gonçalves acóde ao apêlo aflitivo do Presidente da Província, que se achava na cidade do Rio Grande, dêle recebe as célebres “cartas brancas”, vem a capital, acalma e tranquilisa os seus amigos e, nobremente, devolve a Fernandes Braga as “cartas brancas”, de que não se valera.

Não era oportuno o momento: e o chefe — chefe na grande significação da palavra — detem a impaciencia de seus correligionarios, não permitindo a eclosão de um movimento, que sacrificaria o Rio Grande, sem resultados apreciaveis para a causa republicana.

De 1831 a 1834, a fermentação revolucionaria vai aumentando. E Bento Gonçalves, figura primacial na época, de uma popularidade incomparavel, tornou-se o elemento condensador de todas as aspirações do povo do Rio Grande. E o alvo predileto, consequentemente, dos adversarios.

As eleições para a Assembléia Provincial, creada pelo Ato Adicional, constituíram um derivativo. E elas levaram para o legislativo da Província numerosos republicanos, destacando-se entre êles Bento Gonçalves, Domingos José de Almeida, Marciano Pereira Ribeiro, José Mariano de Mattos, José de Paiva Magalhães Calvet, deputados efetivos, e entre os suplentes José Gomes de Vasconcellos Jardim e José Pinheiro de Ulhôa Cintra. Um sinal dos tempos: para a presidencia da Assembléia foi eleito o dr. Marciano Ribeiro...

Instalada a Assembléia, em 12 de abril de 1835, ela se fez o cenario de lutas tremendas, preliminares do choque de 20 de setembro. O presidente da Província, Fernandes Braga, deixando-se guiar pelo temperamento violento de seu irmão, dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, depois barão de Quarai, não trepidou em articular contra Bento Gonçalves e seus companheiros a acusação formal de uma conspiração tendo em vista separar a Província do Imperio e incorpora-la à Republica Oriental, nesses termos, constantes da “fala” presidencial:

● — “Consta-me que João Antonio Lavallega ainda não deixou o nosso territorio, e que juntamente com o seu mentor, o indigno padre José Antonio Caldas, trabalha de mãos dadas com diferentes ambiciosos para perturbar o socego da Província, e levar avante seus planos de separação do Imperio e federação com a Cisplatina.”

Esse libelo, articulado pela primeira autoridade da Província, em plena Assembléia, provocou reação terrivel. Os liberais ergueram a luva e exigiram que Fernandes Braga exhibisse ao plenario as provas da acusação. Hesitou o Presidente; e confessou afinal que não tinha provas, no sentido exáto da expressão, aludindo vagamente a cartas particulares, que não podia exhibir, o que teve como consequencia sair Fernandes Braga diminuido e desmoralizado do episodio rumoroso, que veio assim fortalecer os liberais, conquistando-lhes mais largas simpatias

●

na opinião publica. Encerrada a Assembléia, em junho de 1835, dela saíram os republicanos convictos da necessidade do recurso ás armas. E o consenso unanime dos farroupilhas indicou para chefe do movimento o coronel Bento Gonçalves da Silva.

Militar de renome, com uma fé de officio brilhantissima; figura prestigiosa em todos os recantos da Provincia; gaúcho autentico, dê irradiante simpatia pessoal, de sentimentos muito claros e leais, o valeroso guerreiro reunia todos os attributos essenciaes à direção do movimento insurreccional. Mais do que um chefe, ele se fez, desde esse momento, a mais alta e mais pura expressão do pensamento politico do Rio Grande do Sul.

Se quizerdes avaliar do seu prestigio, atentaes neste fâto: em 6 de novembro de 1836, em Piratini, vae efetuar-se a eleição do primeiro presidente da Republica; Bento Gonçalves, derrotado no Fanfa, está fóra da Provincia, prisioneiro do governo imperial; o general João Manoel de Lima e Silva, comandante em chefe do exercito farroupilha, indica para o cargo um outro candidato: pois apezar de tudo isso os farrapos elegem Bento Gonçalves e, para substitui-lo durante a sua prisão, escolhem José Gomes de Vasconcellos Jardim, aquêla austêra figura de republicano sem jaça, com o qual êle discutira e acertara o plano da revolução, à sombra do cipreste historico, no distrito de Pedras Brancas.

Presidente da Republica, ou renunciando à presidencia, soberbo de desprendimento, para contornar difficuldades de ordem politica, para evitar dissidios e competições; comandante em chefe do exercito, ou renunciando, pelos mesmos motivos, à suprema direção militar, que entrega aos generais Antonio Netto ou David Canabarro, indo combater, às ordens dêles, como simples comandante de divisão; vencedor ou vencido, em mil e um combates, a figura de Bento Gonçalves atravessa o decenio heroico n'um sulco de legenda. Nobre, generoso, desinteressado, ele serve à Republica pelo amor à Republica. Dá exemplos constantes de tolerancia e desambição. Sofre as consequencias da situação que o destino lhe creou com animo varonil e forte. Na defesa da sua dignidade, não fugirá à dolorosa contingencia de terçar as armas com Onofre Pires, seu parente ainda, legionario da primeira hora, companheiro de destêrro e de prisão, naquêle terrivel ajuste de contas das margens do Sarandi, de 27 de fevereiro de 1844.

A mais alta e mais pura expressão do pensamento politico do Rio Grande do Sul: e assim o consagrou, em 1881, a mocidade gaucha que cursava a Faculdade de Direito de S. Paulo.

Fazendo profissão de fé republicana, em 29 de agosto de 1881, os estudantes rio-grandenses da Faculdade de S. Paulo reeditaram o manifesto de Bento Gonçalves, de 29 de agosto de 1838, colocando-se assim à éégide do glorioso chefe da revolução farroupilha. E escreveram os conceitos, que vou lêr, pois que valem, para a memoria do egregio

continentino, como homenagem magnifica e sadia de uma mocidade na plenitude do seu idealismo:

“A geração atual deve conhecer melhor este manifesto que faz honra ao tão adulterado passado da terra rio-grandense. Publicando, divulgando este antigo documento, sentimos, alem da satisfação dum ato espontâneo de justiça, a do cumprimento dum dever honroso: em primeiro lugar, porque contribuiremos para fazer desvanecerem-se indignas imputações com que se tem pretendido nodoar a nossa brilhante historia; depois, porque sendo a revolução operada pela quasi unanimidade da Provincia, tendo saído espontaneamente da sua indole e aspirações, da sua natureza intima, nós — filhos seus — nos cobriríamos do mesmo baldão, com que a quisessemos manchar; finalmente, porque, dadas as necessarias diferenças entre aquela e a nossa época, justificamos, aceitamos, glorificamos o pensamento politico dos revolucionarios de 1835. Trabalhamos tambem pelas condições indispensaveis ao bem da Patria, e essas condições só nos parecem legitimas no seio da ordem democratica. Somos republicanos. Não pelas nossas individualidades, mas pelo proprio patriotismo, temos necessidade de fazer francamente, perante os nossos patricios, esta declaração.

Como republicanos convictos, sem exaltações imprudentes, tolerantes para com os individuos, intolerantes no terreno das idéias, reivindicamos o glorioso passado, que muitos caluniam e que outros, mais ingratos ainda, repudiam envergonhados. Havemos de alevantá-lo, havemos de reabilitá-lo.”

Assinam esta admiravel profissão de fé os seguintes academicos gauchos: João J. Mendonça Junior — Julio de Castilhos — Eduardo Fernandes Lima — Joaquim Pereira da Costa — Adolpho Luiz Osorio — J. F. de Assis Brasil — Homero Baptista — Victorino Ribeiro Carneiro Monteiro — João Francisco Machado da Silveira — Thedolino Fagundes Filho — Xisto Pinto Barbosa — Alfredo Gama — Ernesto Alves — Antonio Mercado — Alvaro Chaves — Estevam de Oliveira Junior — Leão Ribeiro — J. M. Gonçalves Chagas — Henrique Martins Chaves — Argemiro Galvão — Alcides Lima — Oscar Paranhos Pederneiras — Joaquim Martini — Angelo Pinheiro Machado — Enéas Galvão — Francisco Leonardo Falcão Junior — Antonio Augusto Borges de Medeiros — Severo B. d'Oliveira — João de Barros Cassal — Germano Hasslocher — Erico da Costa — João Jacintho de Mendonça.

Era, em verdade, a alma do Rio Grande, na voz comovida da sua

mocidade, rendendo ao maior de seus filhos a mais limpada e expressiva das homenagens.

Sobre Bento Gonçalves escrevi um dia, e peço venia para repeti-los, os seguintes conceitos:

“Homem, e homem no grande significado da palavra, capaz de atitudes definidas, de gestos heroicos; homem que carregou sobre os ombros o peso de responsabilidades tremendas, a cujas consequências, por mais graves que fossem, nunca se furtou, antes enfrentando-as com incomparável firmeza, não raro visinha do estoicismo; chefe de partido, chefe de revolução, Bento Gonçalves haveria de ser, como todas as figuras da sua altitude, incompreendido por alguns, por outros malsinado.

A gloria, para o egregio filho do Continente, correu paralela com a amargura. Quem lhe acompanha e analisa a vida sente, percebe, advinha, aqui e ali, a tragedia intima que muitas vezes ensombrou e torturou o espirito do gaúcho legendario que aos olhos de Garibaldi surgiu com a beleza evocativa de um cavaleiro andante.

Sobranceando o seu tempo, projetando-se no futuro, com uma visão profetica das coisas, Bento Gonçalves surpreenderia os seus contemporaneos, incapazes, muitos deles, de seguir-lhe o vôo: e quantos, ainda hoje, tateiam e de todo se extraviam, no malogrado intento de abranger, em vista de conjunto, a personalidade e a ação do farrapo glorioso.”

Em 1847, Bento Gonçalves, n'uma romaria de saudade vai rever Triunfo, a sua pequenina, inesquecida terra natal. Acomete-o uma pleurisia. Insiste em seguir para o seu lar, em Camaquan. Em Pedras Brancas, na casa do velho companheiro de trincheira, José Gomes de Vasconcellos Jardim, no dia 18 de julho, a morte vence e domina o lutador insigne.

Era, dos chefes farroupilhas, depois da paz de Poncho Verde, o primeiro a desaparecer. Andara sempre na frente, durante a vida; quiz ir na frente de seus heroicos legionarios, tambem na morte...

Ficou, entretanto. A historia, nem sempre tardia na justiça inapelaveu das suas sentenças, esculpiu o seu nome, para a eternidade, na pagina mais bela do nosso passado. E Bento Gonçalves se fez um simbolo: o simbolo do que ha de forte, de digno, de leal, de corajoso, de nobre e de elevado no povo gaúcho.

Comemorando hoje o centenario da sua morte, o Rio Grande reitera, ao seu heroe impoluto, o voto e a promessa de cumprir o seu destino, modelarmente fiel ao seu ideal luminoso de justiça, e ao seu ideal, ainda maior, de liberdade.

General Bento Gonçalves

Marino Josetti de Almeida

Decorre, hoje, o centenário da morte objetiva do general Bento Gonçalves da Silva.

É ele, porém, redivivo na rememoração dos riograndenses e brasileiros, animando-os pelas boas ações e grandeza intemerata das atitudes que legou à posteridade.

A promoção das solenidades realizadas aqui e alhures, comemorando esta data assinaladora da passagem mais melancólica da vida humana, parece, deveria cingir-se a cerimônias funebres e de recolhimento espiritual.

Por certo, é lamentável que a vida lhe tivesse sido arrebatada aos 59 anos de idade quando em plena maturidade mental e integridade física, recompunha nas lides de sua estância os seus cabedais destracados pela gloriosa revolução que chefiara.

Mas a personalidade de Bento Gonçalves, valor exponencial de nossa raça, homem simbolo a balisar, por seus nobres e heroicos lances civis e militares, a ação cívica e social de seu povo, constitue patrimonio da consciencia publica, que ora se manifesta em reverentes e gratas homenagens à sua impar memoria.

Não se festeja um funesto aniversario: cultua-se a trajetória duma patriotica e modelar vida votada, abnegadamente, aos serviços da sua patria e da sua gente.

Conscio de minha triplice responsabilidade de socio efetivo do Instituto Historico e Geografico de nosso Estado, de triunfense e de porta-vóz da illustre comissão presente, que me honrou não só com sua presidencia de honra, como me outorgou este mandato, constato deficiencia oratoria e cultural para librar-me ás alturas onde paira, subjetivamente, ofuscante de glorias, exemplificante e tutelar a figura consular e inesquecível do bravo general gaucho.

A Bento Gonçalves, mais que o legitimo orgulho de patriciado, deve-se ininterrupta justiça historica.

E os meus comitentes, na hora em que ela se reaviva e ressalta em todo Rio Grande, reafirmando sanção pacifica da posteridade, acor-

(*) Discurso pronunciado em Bom Jesus do Triunfo, em 18-7-47.

rem para se integrar nesse superior juízo, com os aplausos voluntários da administração, das autoridades, dos funcionários públicos e dos habitantes da terra legendária de seu berço.

Nossa posição não pode ser de merencório enternecimento pela perda do justo que, ainda que prematuramente, pagou tributo á natureza ingressando na eternidade, mas de oblata ao Onipotente por conceder ás gerações que lhe foram coevas e ás que lhe sucederam a dadi-va de um homem padrão, aureolado de aprimoradas virtudes.

Conspicuo varão que sublimou uma época pela impavidez, heroísmo e retidão de sua ação e que, ha um seculo, exemplifica com o eco dos seus atributos exepcionais, em perene lição civica e moral, a comunhão social, sobrevivendo á propria contingencia organica, não deve ser chorado, mas admirado, seguido e imitado.

Afirmou illustre confrade do Instituto Historico que os grandes homens, que gozam da aura da immortalidade, são fontes de intensa luz que ilumina a escuridão do mundo e, porque são uteis focos de visão, atraem os outros homens que os apreciam.

Ajusta-se esse lapidar conceito á egrégia figura de Bento Gonçalves, porque tão legitima é sua immortalidade que, quanto mais andam os tempos, suas glorias mais se cristalizam e avultam na consciencia coletiva e mais se aprofundam na veneração popular.

A magestosa consagração hoje promovida em todo Rio Grande do Sul á memoria de Bento Gonçalves contamina de vibração civica e afetuosa a gente triunfense, que exulta de regosijo pela renovação de julgamento historico sempre maior e mais limpido do seu excelso conterraneo.

E nem poderia ser doutra forma. Porque povo que não ama a tradição de sua terra e não revê nas suas glorias passadas estímulo para promissora marcha no presente e no futuro — é povo decadente.

O nosso, porém, em caldeamento racial ascencional, busca tipo superior, repudia o declive social e orgulha-se de passado heroico construtor de uma patria nova, grandiosa e respeitada.

Eis por que, ás portas da casa de seu berço, no templo da arte de sua estremecida terra, a gente sua conterranea, pelo natal e pela adoção, como geração militante, em consonancia com a doutras plagas gauchas, ao influxo da fulgurante atuação exercitada em vida pelo insigne morto, aqui se reúne para esteriorisar comoventes aplausos a seus inconfundiveis atos de benemerencia.

E' que Bento Gonçalves, nascendo, em 23 de setembro de 1788, na então freguezia de Nosso Senhor Bom Jesus do Triunfo, fundada por seus ancestrais, desde a adolescencia á maturidade não só devotou-se aos serviços de nossa pátria e de nossa gente, como enalteceu Triunfo, tornando-o historicamente inobscurecível e, á sombra de seu nome tutelar, vitorioso, indestrutível e preponderante.

A infancia e idade juvenil do então Bentinho transcorreu alegre e

feliz na casa avoenga de Piedade, onde com a peonada se adestrara em esgrima e nas lides campesinas em hipismo.

Manejando a espada, que sempre honraria, tornou-se espadachim perfeito e agil. Aos 18 anos, desafiado por temido valentão, pavor do meio ordeiro, com ele bateu-se em porfiado duelo, que se desenrolou tragico e torvo na mudez dos lutadores á sombra bucólica da ramaria do Capão do Couqueiro. Cruzados os ferros ponteagudos, afiados e resplandecentes, faiscaram nos atritos dos golpes mutuamente desferidos, até que a pericia e a coragem de Bentinho vencesse o contendor: sua lamina embebera-se no amplo peito do seu terrível adversario. Estava vitorioso!

Esse temerario fato foi decisivo para gloriosa vida publica de Bento Gonçalves. Seu pai, o Capitão de Dragões Joaquim Gonçalves da Silva, com ele se agastara, recolhendo-o a uma de suas fazendas de Camaquã, onde fê-lo assentar praça no Exercito.

Ingressando, em 1811, na coluna do Governador do Rio Grande, D. Diogo de Souza, na campanha da Banda Oriental, marchou, então, no posto de official de inferiores do Corpo a que pertencia. Contava, apenas, 23 anos aquele que assombraria o "Continente" com o denodo de sua ação e o valor de seus feitos.

Tão grandes foram os notaveis lances da vida de Bento Gonçalves, tão estensa sua atuação que não repetirei sua biografia com os dados já colhidos pelos historiadores em varios esboços literarios, porque a carencia de tempo e a carateristica desta solenidade não comportam. Sintetizarei, apenas, no dizer de Carlyle, uma vida bem vivida.

"Concluida a guerra conhecida por campanha de D. Diogo, o Corpo de Exercito a que Bento Gonçalves pertencia teve Jaguarão por sede. Desonerado, então, de seu compromisso, foi residir em Cerro Largo no Uruguai, onde contraiu nupcias com dona Caetana Garcia da Silva, natural de Povo Novo, distrito da cidade de Rio Grande.

Formado o lar, desenvolve industria pastoril, prospera em negocios de tropas e faz-se estimar pelos moradores, sem arrefecer-se de amor patrio e praticando atos em favor do Brasil.

Em 1817, o Capitão General Marquês de Alegrete, tendo em conta serviços prestados e suas intuitivas aptidões militares, nomeou-o capitão de guerrilhas, em corpo de milicianos.

Na defesa, porém, da fronteira do Rio Grande, esse homem singular e destemido, com resumido numero de valentes comandados, destroçou diferentes forças estrangeiras, sendo promovido a Major.

As lutas da Independencia, encontraram-no a postos, no sul, prestando relevantes serviços, "ocupando os pontos mais importantes e perigosos com habitual intrepidez e tino não vulgar", o que lhe valeu a promoção a Tenente Coronel.

"Em Currales, em 1818, derrotou o caudilho Moreira, do Uruguai; e, em 20 de julho desse anno destroça e aprisiona o comandante Francisco Delgado, em Las Canas, repelindo um ataque de Tomaz Latorre".

No dia 6 de maio de 1819, bate, em Cordovez, o chefe artiguista Fernando Ortoguez.

A 29 de julho do mesmo ano ataca e derrota o famoso "Lopez Chico" ou José Lopez e, em janeiro de 1820, destróçou o coronel Aguiar, auxiliar de Artigas, no arroio Olimar.

Promovido a Tenente Coronel, foi nomeado comandante do trigésimo nono (39) regimento de milícias, por êle organizado, a frente do qual, em 12 de outubro de 1825, no combate de Sarandi, em que 1.504 brasileiros enfrentaram, sob o comando do coronel Bento Manoel Ribeiro, 2.000 homens das forças derrotadas de Rivera e Lavalleja, portou-se com tal bravura que, nesse dia, foi também promovido a Coronel.

Uma força de cavalaria argentina foi por êle batida em 24 de maio de 1827, no Passo D. Diogo; e, em 2 de julho seguinte, na estancia do Cego venceu e abateu um destacamento da coluna do general Lavalleja.

Na guerra com a Republica Argentina, na batalha do Rosario, em 20 de fevereiro de 1827, onde se defrontaram em cruenta luta belica as forças imperiais e argentinas de resultado indeciso, a brigada de cavalaria comandada por Bento Gonçalves foi a ultima tropa a abandonar o campo. O marquês de Barbacena, comandante brasileiro, na parte oficial da pugna elogia a cavalaria ligeira de seu comando, em parte, dizendo não dever "omitir o quanto brilhou na ação".

Em consequencia foi nomeado comandante do 4.º regimento de cavalaria de 1.ª linha, sediado em Jaguarão, no posto de Coronel do estado-maior.

Estava no exercicio dessa função, quando o comandante das armas, marechal Sebastião Barreto seu inimigo pessoal, officiou nos seguintes termos ao Presidente da Provincia: Achando eu que nas atuais circumstancias se nomeie um comandante para a fronteira do Rio Grande, que reuna em si as qualidades que para tal se devem exigir, como é a confiança pública, atividade e préstimo militar, e concorrendo na pessoa do Cel. do estado maior do Exercito, Bento Gonçalves da Silva todos esses requisitos assim o levo ao conhecimento de V. Excia. a fim de que achando justa essa lembrança se sirva dizer-me se pode efetuar semelhante nomeação. Contestou o presidente: Achar conveniente a dita nomeação visto o patriotismo e qualidades que concorrem na pessoa do dito Cel. E a nomeação se fez.

Concomitantemente com essa alta investidura exerceu o comando da Guarda Nacional da Provincia, nobilissima força auxiliar do exercito.

O Governo imperial reconhecido aos seus valiosos serviços condecorou-o. Era cavaleiro das ordens de Cristo e Cruzeiro, possuindo as duas comendas. Ornavam o peito de sua farda as medalhas honorificas das campanhas de 1815, 1816, 1817 e a da Independencia.

Demonstrada ficou, sinteticamente, a trajetória militar de Bento Gonçalves a serviço do Brasil, que lhe deve, bem como o Rio Grande, a garantia da fixação de nossas lindes com os estados cisplatinos.

Mas, não terminou aí a projeção da personalidade de Bento Gonçalves. Depois da Independência, sua nomeada e fama de militar irradiavam-se por todo Brasil, aureolando seu nome de grande prestígio. Era também o chefe político incontestável e entusiasticamente obedecido do Partido Liberal.

A província atravessava, então, fase de exaltada agitação política. Um presidente nefasto e inábil procurava garrotear as liberdades públicas a ponto de criar grave incidente com a Assembléia, constituída pelo ato adicional de 12 de agosto de 1834.

O Partido Liberal, com acentuada tendência republicana não escondia suas preferências pela federação. Bento Gonçalves, como figura central era visado de preferência e pela insidia se procurava abate-lo.

O comandante das armas, Marechal Sebastião Barreto em conluio com o presidente Fernandes Braga denunciaram-no ao Governo Imperial, como desobediente, protetor de Lavalleja e doutros imigrados políticos. Chamado à côrte, tão bem se justificou que não só regressou mantido no comando da fronteira e da Guarda Nacional, como o governo da Regência, por Decreto de 24 de janeiro de 1834, concedeu-lhe uma "subvenção de 1.200\$000 anuais para a sua subsistência em recompensa aos grandes serviços prestados á Pátria nas campanhas do Sul".

Precipitados os acontecimentos com a reação da assembléia, agravada a situação, insustentável a ordem política, a 20 de setembro de 1835, estala o movimento cognominado posteriormente de farroupilha. A capital foi tomada e o presidente reacionário fugio para Rio Grande.

Bento Gonçalves, chefe supremo da revolução acorre a Porto Alegre e a 25 de setembro do mesmo ano lança manifesto em que começa declarando "ter-se consagrado desde a infancia á ordem e a liberdade. Viu a arbitrariedade entronizada, pediram-lhe a sua cooperação e voou até a capital para ajudar a sacudir o jugo que, com a mão de inepto administrador, tinha sido imposto por uma facção retrograda e anti-nacional, são palavras suas.

O chefe liberal encarnava, a par de sua bravura militar e incontestável talento político, o expoente moral alevantado de sua gente. Nascera com a vocação da liberdade, por ela lutara e com ela haveria de vencer.

Estabelecida a luta em toda a Província, Bento Gonçalves, á frente de seus esquadrões, segue para Rio Pardo após empossar na presidência o vice-presidente Marciano Ribeiro. Depois, em 20 de outubro toma Pelotas; levanta acampamento a seguir e, dirige-se para Rio Grande, capital provisória, e dali enxota, foragido, barra-fóra, para o Rio de Janeiro, embarcado em canhoneira, a Fernandes Braga.

Voltando a capital ao poder legalista, Bento Gonçalves procura retoma-la, lutando de 30 de junho a 20 de julho de 1836. Não podendo retoma-la, cercou-a até fins de setembro depois de haver batido Ben-

to Manoel no arroio Barcellos, obrigando-o a voltar às trincheiras de Porto Alegre.

Este, astuto e guerrilheiro habil, conseguiu infiltrar nas hostes farroupilhas, com quartel general em Setembrina (Viamão) elementos de espionagem que o traziam informado dos movimentos dos adversarios. Bento Gonçalves, sem suspeitar, pois, a todos julgava com nobresa igual a sua, e generalizada na época, encetou marcha para a fronteira, dirigindo-se a ilha do Fanfa, glorioso chão deste município, onde foi traiçoeiramente atacado por tropas superiores à sua e pela esquadra legalista.

Durou a batalha de dois a quatro de outubro de 1836, encarniçada, violenta e tenaz. Proposto armistício honroso por Bento Manoel, que mesmo em posição superior julgou ter que fazer grandes sacrificios para consumir a vitoria, foi aceito por Bento Gonçalves, cujas tropas tinham munições quasi esgotadas estando o campo juncado de cadaveres de seus valentes soldados, cessou a luta. Nas condições estipuladas poderiam e deveriam voltar aos lares, desarmadas as tropas revolucionarias. Á noite, porém, em navio especial chegou ao local o presidente da Provincia Araujo Ribeiro que, num gesto de felonía, desfez o patuado, prendendo entre outros Bento Gonçalves que foi remetido para uma fortaleza do Rio de Janeiro, pouco depois removido para um forte na Bahia.

Estava encarcerado, quando os bordados de general ornaram sua gloriosa farda. A República Riograndense, por decreto de 12 de novembro de 1836, promoveu-o áquele posto "por merecimento, valor, acrisolado patriotismo, pericia militar e relevantes serviços prestados á causa da liberdade Riograndense."

Tão grande era a sua projecção individual, tão elevada sua personalidade, que mesmo custodiado foi eleito presidente da República. Conseguindo evadir-se da prisão, prestou compromisso de chefe de estado, em 16 de dezembro de 1837, assumindo de logo o exercicio da função e expedindo providencias politicas, administrativas e militares.

Em 31 de dezembro de 1839, Bento Gonçalves assumiu o posto de generalissimo do exercito republicano, e a 3 de maio seguinte trava batalha com as tropas legalistas do marechal Manoel Jorge, em Taquari, começando a luta no Barro Vermelho, neste município. Eram mais de dois mil homens em ação. Os imperiais atravessaram o rio Taquari para Santo Amaro e os republicanos voltam a assediar Porto Alegre.

Corria o ano de 1840. Bento Gonçalves, auxiliado por Garibaldi na noite de 15 para 16 de julho surpreende a guarnição de São José do Norte, ataca-a com seus homens e a toma. Retira-se, porém, o magnanimo general, quando constatou ter que incendiar a vila para submete-la.

Voltou, então, para continuidade do assédio á capital, onde permaneceu com 500 homens enquanto o grosso da tropa manobrava, sob

comando de Canabarro, em direção á Serra. Depois, em 27 de novembro foi alcança-lo em Torres. Daí dirigiu-se a Passo Fundo e, após, a São Gabriel.

A 14 de março de 1841, reassumiu a presidencia da República.

Finalmente pelos 1843 e 1844, já no declínio da revolução, Bento Gonçalves, em pequenas guerrilhas com Chico Pedro, encerrou sua gloriosa carreira militar.

A respeito de Bento Gonçalves foram todos os criticos "acordes em lhe reconhecerem qualidades fora do comum no tocante á guerra que se costumava em geral faze-la no sul, isto é a guerrilha" e "a argucia para evitar as pugnas que lhe seriam desfavoraveis".

Dêle disse Garibaldi, condotieri-genial, que unificou a Italia: Bento Gonçalves verdadeiro cavaleiro andante do século de Carlos Magno, irmão pelo coração dos Oliveiras e dos Roldões, vigoroso, agil e leal como eles, verdadeiro centauro, governando um cavalo como ainda não vi governar senão ao general Neto — modelo completo para um cavaleiro; era realmente o filho querido da natureza, que lhe havia prodigalisado o que torna o homem verdadeiro heroi. Bento Gonçalves teria, então, perto de 60 anos. Alto, esbelto, montava a-cavalo com garbo e agilidade admiraveis. Naquela posição ninguem o julgaria com mais de 25 anos. Valente e feliz não teria hesitado um momento, como um cavaleiro de Ariosto, em atacar um gigante ainda que tivesse a estatura Polifemo ou a armadura de Ferragus. Com tais dotes naturais e adquiridos Bento Gonçalves era o idolo de seus concidadãos."

Esses conceitos do grande soldado italiano, exarados em suas memorias, escritas na Europa, sagraram definitivamente a personalidade de Bento Gonçalves. Por eles, julga um dos maiores guerreiros do mundo a excepcional figura de nosso inolvidavel patricio.

Não foi a revolução farroupilha uma vulgar sedição. "E' preciso, sobretudo, ter bem presente o idealismo incomparavel que animou a ação dos combatentes destemerosos" da maior guerra civil de todos os tempos no Brasil. Um decenio de lutas em prol da liberdade!

Bento Gonçalves, como homem público pagou á inveja os seus tributos. Procuraram denegri-lo, a calunia e a injuria corvejaram sobre seu nome. Superou, todavia, as rudes adversidades, sereno e inatingido. Esquecido da própria gloria, desinteressado e réto, confiado na sua sabedoria e experiencia, marchou sempre á porfia do bem, da grandesa e liberdade de seu povo.

Homem de coração, não esqueceu o pago de seu berço. Ha precisamente cem anos nos dias primeiros de julho de 1847, como prova de amor lugarenho, visitou sua terra natal. Reviu com amigos a casa em que nascera, de cuja visita resultou a colocação da placa metalica que, naquele edificio, encima a porta principal.

De volta, enfermou em Guaiba, recolhendo-se á residencia do ex-presidente farroupilha Vasconcelos Jardim, que, médico, atendeu-o. A

pleurisia que lhe minou a existencia zombou da assistencia médica e deu-lhe a morte.

Falecendo a 18 de julho de 1847, seus restos mortais foram inhumados em sua estancia do Cristal donde viera e para onde regressava.

A cidade de Rio Grande ergueu alteroso monumento em sua memória na praça Tamandaré, onde os seus desposos repousam, trasladados de Cristal. Foi a primeira terra gaucha que o immortalisou em magnifica estatua de bronze, coroando o monumento.

Triunfo, seguiu-lhe o exemplo com modesta herma. Mas, lado a lado dessa homenagem, cultua o coração triunfense não só o brasileiro notavel, o riograndense excelso, como o conterraneo illustre e amado.

Com estes singelos traços biograficos, insuficientes a uma completa elucidação historica, carecentes de erudição e detalhes maiores, procurei cumprir a triplice obrigação contraida.

Agradecido pela incumbencia e certo da indulgencia dos que me honraram, ouvindo-me, sinto-me civicamente satisfeito por colaborar nesta consagração ao maior filho da minha querida terra.

Que esta expressiva solenidade, simples nos seus móveis, grandiosa na intenção e sublime na sua reverencia, seja para as gerações presentes e vindouras um exemplo de continuidade e uma reminiscencia de veneração pela memoria de nossos maiores que se sacrificaram para legar-nos uma grande Patria. — Disse.

CÓPIA DO INVENTARIO do Coronel Bento Gonçalves da Silva, feito por escritura particular, extraída dos autos da medição da Fazenda do Christal, em 21 de Julho de 1938.

Nós abaixo assignados D. Caetana Garcia da Silva, como inventariante, cabeça de casal, Joaquim Gonçalves da Silva e sua mulher Josephina d'Azambuja Gonçalves e como procurador de Caetano Gonçalves da Silva e sua mulher Clara Soares Gonçalves, Antonio Je. Centeno e sua mulher Maria Angelica Gonçalves Centeno, Leão Gonçalves da Silva e sua mulher Emilia Gonçalves Caldeira e como procurador de Marco Antonio Gonçalves da Silva, Anna Joaquina Gonçalves, Bento Gonçalves da Silva e sua mulher Maria Thomasia de Azambuja Gonçalves e Perpetua Justa Gonçalves de Oliveira, viuva, filhos e genros do fallecido Coronel Bento Gonçalves da Silva, todos de maior idade, tendo de procederem a inventario e partilhas dos bens deste, por se achar proindiviso, expontaneamente havemos concordado em fazer extrajudicial e amigavelmente o referido inventario e partilhas na forma adeante prescrita e queremos que valha e tenha pleno e inteiro vigor como se fora feito em juizo, por se achar a aprazimento de todos os interessados pelo que mutuamente protestão de fazer observar o dito inventario e partilhas tão inteiramente como nelle se contem e declara. E para firmeza da referida convecção he a mesma assignada por todos os interessados que se achão presentes e pelos procuradores dos ausentes, devendo igualmente assignarem no fim da descripção e avaliação dos bens, bem como apóz ao pagamento de todos os herdeiros. Fazenda do Christal aos quinze dias do mez de Fevereiro de 1857.

Bento Gonçalves da Silva. — Caetana Garcia da Silva. Leão Gonçalves da Silva por mim, Josephina Azambuja Gonçalves e como procurador de Marcos. — Antonio José Centeno. Antonio Gonçalves da Silva. Maria Angelica Gonçalves Centeno. Joaquim Gonçalves da Silva, por mim e como procurador de Maria Thomazia de Azambuja Gonçalves, de Caetano Gonçalves da Silva e sua mulher Clara Soares Gonçalves. — Emilia Gonçalves Caldeira. — Perpetua Justa Gonçalves de Oliveira. Anna Joaquina Gonçalves

Descrição e avaliação dos bens pertencentes ao casal de D.^a Caetana Garcia da Silva, no Inventario amigavel a que procede com seus herdeiros por falecimento de seu marido o Coronel Bento Gonçalves da Silva, na forma com elles convencionada.

M O V E I S

1 Sofá	25\$000
1 mesa de jacarandá	30\$000
2 ditas de dito 16\$	32\$000
1 oratorio com imagens	150\$000
1 Meza velha	4\$000
1 lavatorio de jacarandá	6\$000
1 dito velho	2\$000
1 relógio de meza	10\$000
6 marquezas velhas, 6\$	36\$000
1 cama de jacarandá	32\$000
1 dita velha	10\$000
1 comoda dita	20\$000
1 meza de jantar	20\$000
1 canapé velho	6\$000
1 meza pequena dito	2\$000
1 duzia de cadeira velhas	12\$000
1 relógio de ouro	40\$000
1 estojo grande de navalhas	40\$000
450 oitavas de prata velha 200	90\$000

E S C R A V O S

Ambrosio da Costa,	idade 44 annos.....	750\$000
Caetano, mulato	" 42 "	1.000\$000
Domingos, •criolo	" 48 "	800\$000
João Baiano, mulato,	" 56 "	600\$000
Joaquim, Alfaiate,	" 50 "	1.400\$000
Eleuterio, sapateiro	" 50 "	1.300\$000
Jeremias da Costa,	" 45 "	400\$000
Jesuino Cabra,	" 50 "	800\$000
João Mulato,	" 60 "	200\$000
Adão, criolo	" 4 "	500\$000
Raimundo, criolo,	" 1½ "	200\$000
Epifanio, criolo,	" 2 "	250\$000
Manoel, mina	" 60 "	200\$000
José Maria, mulato,	" 13 "	1.400\$000
Estavão, criolo,	" 34 "	1.400\$000
Eva, criola,	" 34 "	1.300\$000
Francisca, cabra, doente	" 44 "	400\$000

Eva, crioula,	"	5	"	600\$000
Celestina, cabra,	"	17	"	1.400\$000
Maria Franca,	"	11	"	1.200\$000
Delfina, mulata,	"	10	"	1.200\$000
Thereza, crioula,	"	50	"	600\$000
Joanna da Costa, doente	"	44	"	300\$000
Maria Conga, doente	"	44	"	300\$000
Maria, mulata,	"	37	"	1.300\$000
Benvinda, crioula,	"	9	"	900\$000
Malvina, crioula,	"	4	"	500\$000
Narciza da Costa,	"	25	"	1.300\$000
Henriqueta, mulata	"	16	"	1.400\$000
Ambrozina, mulata,	"	13	"	1.400\$000
Victoria, crioula,	"	1/2	"	150\$000
Maria, da Costa,	"	25	"	1.300\$000
Josefa da Costa,	"	25	"	1.300\$000

A N I M A E S

300 rezes manças de criar	á 16\$000	4.800\$000
400 rezes chucras de criar	á 15\$000	6:000\$000
24 bois manços	á 32\$000	768\$000
15 novilhos	á 30\$000	450\$000
30 cavallos	á 8\$000	240\$000
22 potros	á 5\$000	110\$000
8 eguas manças	á 3\$200	25\$600
270 ditas chucras	á 2\$000	540\$000

B E N S D E R A I Z

3746 braças de campo no Christal	á 3.660	13:710\$360
Quinhão e meio mattos á margem Camaquan		1:500\$000
Caza, tafona, Pomar e mais bemfeitorias na propriedade a excepção do terreno que occupão		1.000\$000

Monte mór partivel 57.760\$960

E logo apóz a esta avaliação e somma foi dito por D. Caetana Garcia da Silva, cabeça de cazal inventariante, que desta importancia tinha a separar-se a bens no valor de oito contos dezanove mil novecentos e sessenta reis (8:019\$960) para pagamento de dividas do cazal á alguns de seus herdeiros e que portanto era a meação de seu finado esposo vinte e quatro contos oitocentos e setenta mil e quinhentos reis (24:870\$500) a cuja meação juntará mais a quantia de quinze contos de reis de sua propria meação para serem divididos com igualdade por todos os seus filhos, cedendo-lhes todo o direito que ti-

nha e possa ter nos bens que importam aquella quantia de quinze contos de reis (15:000\$000). E sendo ouvida e aceita esta exposição por todos os herdeiros presentes e ausentes por seus procuradores, dividirão o monte mór da forma seguinte, cabendo a cada hum quatro contos novecentos oitenta e tres mil oitocentos e doze reis (4:983\$812) e a D. Caetana Garcia da Silva o resto de sua meação que he a seguinte. Para clareza e por estarmos todos concordes assinamos a presente declaração que aceitamos.

Fazenda do Christal 16 de Feveirelo de 1857.

Bento Gonçalves da Silva. Caetana Garcia da Silva. Leão Gonçalves da Silva, por mim, Josephina Azambuja Gonçalves e como procurador de Marcos, Antonio Gonçalves da Silva, Antonio José Centeno, Maria Angelica Gonçalves Centeno.

Joaquim Gonçalves da Silva, por mim, e como procurador de Maria Thomazia de Azambuja Gonçalves, Caetano Gonçalves da Silva e sua mulher Clara Soares Gonçalves. Emilia Gonçalves Caldeira. Perpetua Justa Gonçalves de Oliveira. Ana Joaquina Gonçalves Rego.

PAGAMENTO A CABEÇA DO CAZAL, deduzido os 15:000\$000 que de sua meação entrega aos filhos. — a saber

Joaquim, Alfaiate	1:400\$000
Eleuterio, Sapateiro	1:300\$000
João Bahiano,	600\$000
Jeremias,	400\$000
Francisca,	400\$000
Thereza, crioula	600\$000
Joanna,	300\$000
Maria Francisca,	1:200\$000
Josefa,	1:300\$000
6 eguas manças, 3\$2	19\$200
1 estojo grande de navalhas	40\$000
19 rezes chucras	285\$000
15 novilhos 30\$	450\$000
20 cavalols manços 8\$	160\$000
19 potros 5\$	95\$000
12 eguas de cria 2\$	24\$000
1 relógio de ouro	40\$000
1 meza de jacarandá	30\$000
2 mezas de jacarandá 16\$	32\$000
1 oratorio com imagens	150\$000

1 meza velha	4\$000
1 lavatorio de jacarandá	6\$000
1 dito velho	2\$000
1 relógio de meza	10\$000
6 marquezas velhas 6\$	36\$000
1 cama de jacarandá	32\$000
1 dita velha	10\$000
1 comoda dita	20\$000
1 meza de jantar	20\$000
1 canapé velho	8\$000
1 meza pequena	2\$000
1 duzia de cadeiras velhas	12\$000
450 oitavas de prata velha \$2	90\$000
48 rezes manças	768\$000
reposição que tem a receber dos filhos	25\$300
	9:870\$500

PAGAMENTO DA DIVIDA DO CAZAL, para o que forão separados bens no valor de 8 019\$960.

A Antonio José Centeno, credor de 320\$000, 87 braças de campo á 3.660	318\$720
Tem haver 1.580 rs	
A Joaquim Gonçalves da Silva, credor de 4:004\$960 634 braças de campo no Christal á 3.660	2.320\$440
2 partes de matto no Camaquan	500\$000
Caza, tafona, pomar e mais bemfeitorias na pro- priedade com excepção do terreno que ella ocupa	1:000\$000
75 eguas chucras á 2\$	150\$000
2 rezes chucras á 15\$	30\$000
	4:000\$440
Tem haver	4\$520

A Bento Gonçalves da Silva, credor de 1:675\$000 262 braças de campo á 3.660 rs	958\$920
6 cavallos á 8\$	48\$000
1 potro á 5\$	5\$000
2 eguas manças á 3\$2	6\$400
20 ditas chucras 2\$	40\$000
8 bois manços 32\$	256\$000

13 rezes ditas 16\$	208\$000
10 ditas chucras 15\$000	150\$000

1:672\$320

Tem haver..... 2\$680

A Caetano Gonçalves da Silva, credor de 320\$000

7 rezes de ciar chucras á 15\$	105\$000
9 rezes chucras á 15\$	135\$000
4 ditas manças 16\$	64\$000
1 potro	5\$000
5 éguas chucras á 2\$	10\$000

319\$000

Tem haver..... 1\$000

Ao credor Leão Gonçalves da Silva 1:700\$000

55 rezes de criar chucras	825\$000
29 braças de campo á 3.660 rs	106\$140
16 bois manços	512\$000
1 potro	5\$000
a sexta parte de um quinhão de mattos	250\$000

1:698\$140

Tem haver..... 1\$860

PARTILHA AOS HERDEIROS

Quinhão a herdeira Perpetua Justa Gonçalves de Oliveira.

Maria, mulata, idade 37 annos	1:300\$000
Henriqueta, mulata, 16 annos	1:400\$000
Ambrozina, mulata, 13 annos	1:400\$000
Epifanio, crioulo, 2 annos	250\$000
33 rezes manças 16\$	528\$000
7 ditas chucras 15\$	105\$000

4:983\$000

Tem haver reis..... \$812

Quinhão ao herdeiro Joaquim Gonçalves da Silva

Ambrozio da Costa, 44 annos 750\$000

Eva, crioula, 34 annos	1:300\$000
674 braças campo Christal a 3.660 rs	2:466\$840
2 partes dos mattos no Camaquan	500\$000
	5:016\$840
Tem á repôr.....	33\$028

Quinhão ao herdeiro Bento Gonçalves da Silva	
Caetano, mulato 42 annos	1:000\$000
Manoel mina 60 annos	200\$000
Raimundo, crioulo 1½ annos	200\$000
Narciza, da Costa 25 annos	1:300\$000
Eva, crioula 5 annos	600\$000
Victoria, crioula ½ anno	150\$000
351 braças de campo, 3.660 rs	1:284\$660
125 eguas chucras á 2\$	250\$000
	4.984\$660
Tem á repôr rs.....	\$848

Quinhão ao herdeiro Caetano Gonçalves da Silva	
Domingos, crioulo 48 annos	800\$000
65 rezes manças	1:040\$000
1 dita chucra	15\$000
855 braças de campo a 3.660 rs	3:129\$300
	4.984\$300
Tem á repôr rs.....	\$488

Quinhão ao herdeiro Leão Gonçalves da Silva	
João, mulato, 60 annos	200\$000
Adão, crioulo, 4 annos	500\$000
Maria, conga, 44 annos	300\$000
106 rezes chucras de criar	1:590\$000
53 ditas manças	848\$000
423 braças de campo	1:548\$180
	4:986\$180
Tem á repôr reis.....	2\$368

Quinhão ao herdeiro Marco Antonio Gonçalves da
Silva

Estevão, crioulo, 34 annos	1:400\$000
Delfina, mulata, 10 annos	1:200\$000
87 rezes chucras de criar	1:305\$000
296 braças de campo	1:083\$360

4:988\$360

Tem a repôr reais..... 4\$548

Quinhão ao herdeiro Antonio J. Centeno

1 sofá	25\$000
José Maria, mulato 13 annos	1:400\$000
Maria da Costa, 25 annos	1:300\$000
Benvinda, crioula, 9 annos	900\$000
Malvina, crioula, 4 annos	500\$000
135 braças de campo	494\$100
20 rezes chucras de criar	300\$000
4 ditas manças	64\$000

4:983\$100

Tem haver reis \$712

Quinhão a herdeira Anna Joaquina Gonçalves

Jesuino, cabra, 50 annos	800\$000
Celestina idem 17 annos	1:400\$000
80 rezes manças de criar	1:280\$000
77 ditas chucras	1:155\$000
33 eguas ditas	66\$000
4 cavallos manços	32\$000
6. ^a parte de mattos em Camaquan	250\$000

4:983\$000

Tem haver reis..... \$812

E por que estão todos concordes e satisfeitos com o presente inventario e partilhas reciproca e mutuamente de se obrigão a fazel-o cumprir e guardar, para o que vão solicitar, que seja o mesmo julgado por sentença pela respectiva authoridade. Em firmeza do que, se lavrou a presente convenção que assina a inventariante e os herdeiros presentes e pelos auzentes seus legitimos procuradores. Fazenda do Christal em São João Baptista de Camaquan 16 de Fevereiro de 1857.

Assignados por todós os presentes e por procuradores dos auzentes.

A' baixo tinha o reconhecimento de todas as firmas.

O “Compêndio Noticioso do Continente do Rio Grande de São Pedro” e Outros Documentos de Francisco João Roscio

Em seu número 75, correspondente ao ano XIX, 3.º trimestre, publicou a “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”, compilados e anotados pelo dr. Arthur Alfredo da Motta Alves, alguns “elementos para a biografia do engenheiro Francisco João Róscio” (pgs. 3/28).

Vários desses documentos, de remarcado valor para a história do nosso Estado, haviam sido vendidos à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que os adquirira em leilão realizado em Lisboa, na livraria Sá da Costa, das coleções pertencentes ao general J. I. de Britto Ribeiro.

Cômpreendendo o conjunto alguns diferentes papeis de não menor significação para o fim colimado e que tornam ainda de maior relêvo a vida e a obra de um dos mais ilustres portugueses a que foi afeta a administração do Rio Grande do Sul colonial, ora não se furta esta Revista à divulgação dos outros mais subsídios, juntamente com o Memorial apresentado pelo brigadeiro Francisco João Róscio ao então governador do Continente, tenente-general Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, datado de Porto Alegre, aos 18 de agosto de 1797, e que, por cópia, foi depois encaminhado a D. Fernando José de Portugal, vice-rei do Brasil, isto já em 5 de novembro de 1802.

Esse Memorial, por si só um dos mais importantes trabalhos geográficos até então elaborados a respeito da zona extrema do Brasil meridional, é corolário e a bem dizer uma ratificação do “Compêndio noticioso”, códice até ha bem pouco tempo inédito, muito embora se tratasse de um dos mais valiosos registos de observações científicas feitas quase há dois séculos, no territorio de nosso Estado. (*)

Adquiridos por este Instituto o arquivo e a biblioteca do inolvidavel

(*) Publicado pela primeira vez nesta mesma “Revista” (n.º 87, III e IV trims. de 1942, págs. 29/56), não vacilamos em aqui reproduzir novamente o “Compêndio noticioso” pela maior fidelidade da cópia de que ora nos valem, inclusive por respeitar a ortografia do autor, minúcia de importância não desprezível para o estudo toponímico.

confrade Aurelio Porto, entre os muitos documentários que foi possível voltar a reunir está este, dos trabalhos de Róscio, por eles bastantes para galardoarem os esforços da recomposição; e a publicidade a que era os entregamos vem dar ainda melhor paga ao zelo havido.

As achegas da autoria de Motta Alves, várias mais poderiam ser acrescentadas, si não houvesse neste prólogo apenas intuítos bibliográficos.

Convém, não obstante, seja advertido, com referencia a uma anotação de Aurelio Porto a seguir inserida — relativa às tres plantas que acompanham os originaes do “Compêndio Noticioso...” e que não figuram na cópia datilográfica de que nos valemos — que sómente a primeira procede de Róscio, sendo as duas mais, de trabalhos alheios reduzidas e copiadas. Entretanto, de seu desenho e correspondentes sómente ao Rio Grande do Sul, ha, ao que se saiba, pelo menos onze outras, consideradas como representação gráfica dos accidentes tão minuciosamente descritos no códice. Encontram-se essas cartas na Bibliotéca Nacional do Rio de Janeiro, fichadas como “mapas particulares extraídos da carta da Capitania do Rio Grande de S. Pedro e suas circunvizinhanças até o Rio da Prata, construida por Francisco João Róscio, tenente-coronel de infantaria com exercéio de engenheiro, na fórma de suas observações feitas nos anos de 1774 até 1778; e adicionada nos lugares aonde não chegou, na fórma dos melhores e mais exatos planos e noticias até agora conhecidos, para servir de intelligência aos jornais, relações, e comissões que desde o dito tempo lhe têm sido encarregados pelo ilmo. e exmo. sr. vice-rei e capitão-general de mar e terra dos Estados do Brasil. Rio de Janeiro, em janeiro de 1783”.

A farta soma de conhecimentos que Róscio possuia, quer como geógrafo, quer como engenheiro, militar ou civil, pôde-se adicionar ainda, sem favor, as grandes qualidades diplomaticas que demonstrou, quando da demarcação de limites em consequencia do Tratado de Santo Ildefonso. Discipulo dileto de outra empolgante figura portugêsa da época, o governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, a quem, aliás, substituiu por morte na comandância do Rio Grande de S. Pedro, feram a intelligência, a perseverança e a ampla visão do futuro de ambos que resguardaram o nosso territorio nos anos que se seguiram áquella ruinosa convenção de 1777.

Dados agora a lume estes importantes documentos, é de se admitir que possam vir a se-lo proximamente aqueles que compõem a chamada “Correspondência dos governadores do Rio Grande do Sul” e que, ciosamente guardados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, trarão, quando divulgados, ainda maior renome a Francisco João Róscio, tal e vulto de sua obra na fixação das lindes meridionais brasileiras.

Compendio noticioso do Continente do Rio Grande de S. Pedro até o Destricto de Santa Caterina, extraído dos meus diários, observações e notícias, que alcancey nas jornadas, que fiz ao ditto Continente nos annos de 1774 e 1775. (*).

Hé o continente do Rio Grande de S. Pedro, hum payz agradável e sadio fértil e temperado por sua situação entre 28 e 32 graos de Latitute Meridional. Divide-se este continente em trez partes de terreno todas differentes em sua qualidade e situação. Aprimeira he hum lagoa de terra baixa eigual, se segue a figura espherica do Globo sem alteração ou irregularidade de montanha, bordada por hum parte da Costa do Mar, e pela outra com a Lagôa dos Patos. A sua extensão hé de mais de 60 legoas mas a sua largura não hé grande. Em humas partes tem duas legoas, em outras cinco e assim mais ou menos se alarga, e diminue conforme as sinuosidades de que hé cercada.

Esta lingoa de terra hé formada com hum insensível albardao ou

(*) E' o mais antigo documento que se conhece sôbre geografia riograndense. Seu autor, Francisco João Rôscio, que foi brigadeiro dos Reais Exércitos, perstou durante longo tempo relevantes serviços ao Brasil. Existem, na Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, duas cópias autógrafas, respectivamente, sob as indicações I-5, 2, 3, que é a que publicamos na integra e I-31, 27, 25. O primeiro desses códices procede da Col. Castelo Melhor (D. Luiz de Vasconcelos e Souza), em cujo catálogo tem o n.º 202 e consta do catálogo da Exp. Nac. sob n.º 582. Acompanham este códice três mapas, que tomam no Cat. da Exp. os ns. 3030, 3068 e 3073. E' copiado e assinado por Francisco João Rôscio e tem a data de Lisboa, 21 de junho de 1781.

O segundo códice, também original, pertenceu á Livraria de José Fernandes de Souza, de Lisboa, e tem no respectivo catálogo o n.º 1787. Foi oferecido, em 24 de março de 1893, á Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por J. Vieira da Silva e deve ter pertencido ao espólio do brig. Rôscio.

Há entre ambos os códices pequenas diferenças, quer entre os mapas, quer no próprio texto do Compendio, de que são exemplo as citações:

1.º — "Princiando na Guarda de João da Cunha"

2.º — "Da Guarda de João da Cunha"

1.º — "O segundo tem seu nascimento em hum lagoa chamada do Matreiro; o qual querendo ahi postar hum moinho etc."

2.º — "O segundo tem seu nascimento em hum lagoa chamada do Matreiro. Esta lagoa he feita por indústria do dito Matreiro, que querendo ahi postar hum moinho etc."

Há ainda outras pequenas diferenças que não alteram o texto, de onde se collige que de um original comum, ou notas, foram copiados pelo autor os dois códices em épocas diferentes, parecendo ser o segundo mais moderno do que o primeiro. Verifica-se o mesmo nos mapas, quer de uma, quer de outra dessas cópias, principalmente nas designações toponimicas.

1.º — "Povo Novo de Tureretama", 2.º "Povo Novo"

1.º — "Estancia del Rey" que não figura no 2.º.

As plantas que acompanham os códices são as seguintes:

1.ª — "Planta do Rio Grande de São Pedro e seus arredores em que se mostra a entrada, bancos, lagamar e barra na forma que era no anno de 1774. Aparte do Norte ou do Nordeste do Rio e alguns pontos da parte do Sul que se divizarão foi elevada em março de 1774 por Francisco João Rôscio e a parte do Sul ou Sudoeste he feita por informações e reduzida dos melhores planos daquelle Terreno. Petipié 6.000 braças ou 2 léguas."

2.ª — "Mappa chorographico da Costa e terreno que da Barra e entrada do Rio Grande de São Pedro discorre até o Forte de Santa Thereza. Petipié de 5 léguas. He copiada e reduzida de huma planta feita pelos Hespanhoes no tempo em que estavam apoderados destes terrenos."

3.ª — "Planta da Lagoa de Mirim Cituada ao Sudoeste do Rio Grande de S. Pedro. Fazem as legoas todas do comprimento da Lagoa de Barra a Barra o que terá pela Costa dos Tapas com pouca deferença e de largo em partes terá 4 legoas, em partes 5, 6 e tambem 3, a estampa mostra segundo a minha vista. He reduzida e copiada rigorosamente de huma Planta feita por hum Piloto que navegava esta lagoa em hum late chamado Latino d'El Rey."

(Aurelio Porto)

altura pelo meyo de toda a sua extensão. Para a parte do Mar se esgota em varias Lagoas communicadas em partes humas co'as outras e outras não tem communicação. Algumas tem seus sangradouros, ou Barras para o Mar que se abrem no tempo das cheias com o pezo das agoas e quando estas diminuem as tapa e serra do Mar com suas areias. Pela parte da Lagoa dos Patos tambem tem algumas outras lagôas, mas o mais natural esgoto hé por alguns arroyos e Riachos que desembocão na dita Lagoa dos Patos.

A Barra do Rio Grande de S. Pedro, onde termina este terreno não hé barra certa e fixa, mas tem seu movimento com a correnteza das agoas e ventos que a alteram no decurso do tempo. Os ventos mais certos que costumam soprar nesta parte da Terra são o Noroeste na mayor parte do anno e o Sul e Sudoeste nas conjunções e movimentos da Lua. Tambem nas passagens que faz o vento, algumas vezes se demora 24 ou 48 horas ao Leste que hé o vento mais furioso e frio, e desabrido que castiga estas terras. No tempo do Inverno algumas vezes chega a demorar-se seis e oito dias e são aqui as maiores tormentas. Os ventos do Sul e Sudoeste tambem hé mais certo e demorado no tempo do Inverno em que as agoas correm ao Norte; como estes ventos são fortes e as agoas mais impetuosas, tem mostrado a experiencia que a barra se encaminha mais para o Sul, com o movimento das areas que correm para a parte do Norte ou dos dominios Portuguezes. Tudo sevê que na planta junta da dita Barra e seus arredores emque a lingueta da areya que cobre o Lagomar hé formada há muito poucos annos e ha bastantes praticos que navegavão a Barra, quando era onde agora seacha a dita lingoeta de terra e o Lagamar. Alagoa que esta no pontal da Barra tambem foi barra ha trinta annos passados como me informarão os antigos moradores equerem alguns que o sacco ou Riacho que hé detraz do Forte de S. Jorge tambem fosse Barra em outro tempo e ha tais que por conjecturas adiantão até o sacco da Gamboa e ainda mais. O fluxo e re-fluxo das mares hé aqui pouco conhecido com regularidade, e supposto que tem seu movimento na forma ordinaria não hé contudo de grande consequencia e alteração o q. faz as mayores cheyas são os ventos do Sul e Leste com que se entumecem e alterão as agoas contra a corrente opposta que hé grande e forte; com o Nordeste são as agoas baixas e sossegadas.

Quanto á forma e o esgoto do terreno, sevê do mesmo plano que em todo este rabo de terra, que borda a Barra do Rio Grande, se esgota para a mesma embocadura, ou para o Rio Grande, por ser mais levantado o terreno nas bordaduras do Mar com altos combros de areia, e até numa grande legoa de sua extensão hé franca apassagem por toda a parte excepto alguns logares bayxos e alagadiços e algumas Lagoinhas que vão marcadas. Desta distancia para adiante não hé sempre franca a passagem para a Costa do Mar sendo embaraçada já com Lagoas, já com hum terreno baixo alagadiço e pantanoso por detraz dos combros de areias que bordão a Costa. Estes combros com suas vargens occupam em

partes hum quarto de Legoa em partes de meia Legoa de Largura mais ou menos por todo comprimento.

Principiando da Guarda de João da Cunha e Forte do Patrão Mor afastado da Povoação de S. José do Norte do Rio Grande para a parte da Barra meya Legoa, onde se acha o ultimo esgoto para a bocadura do Rio por hum Riacho que será o Juncal epantanos da parte do Mar: Daqui por diante principia o Albardão no meyo do terreno, esgotando-se para hum e outra parte. Continua este juncal e pantanos da parte do mar até a lagoa do estreito que dista da povoação seis Legoas. Esta lagoa de estreito hé num pantano, e Riacho Grande, formado de varias Lagoas comunicadas que junta as aguas de hum e outra parte e lhe da saida por hum sangradouro, ou Barra defronte do estreito. Esta Barra se conserva secca em tempo secco e aberta no tempo das agoas. Algumas vezes são estas tão copiozas que parece entrada ou Barra franca como se deixa a conhecer pelo engano de hum navio Hespanhol, que parando ali mandou a lancha a terra, a qual entrou a dita Barra mas não pode ou recebeu sair pelo perigo que conhecerão. Até este lugar ha coatro passagens para a Costa do Mar por entre os junchaes e pantanos que tem praticado os Gados e Pastores afim de servirem daquelle pasto.

Da parte do Rio Grande e Lagôa dos Patos se Acha oprimeiro arroic chamado Canastreiro, junto da Povoação do Norte edispois hum pontã chamada Mendanha que hé num terreno hum pouco mais alto e secco, bordado na sua praya com hum matto ou arvoredô. Nessa extremidade se achão vestigios de hum semiterio (histo hé) varios ossos e caveiras e alguns cacos de Louça de barro ordenario, e mal trabalhado que dão notisia deque ali habitarão os antigos Indios ou Barbaros. Nesta pontã ha de largura de terreno até o Mar quasi legoa e meya. He huma fazenda ou pasto para Cavallos de Tropa deste Continente.

Desta pontã até a outra chamada Pontã Reza se forma hum ensiada em que se esgotão coatro arroyos. O primeiro tem seu nascimento em hum lagoa chamada do Potreiro do Barboza; o segundo em hum pantano que cerca o mesmo Potreiro eo terceiro nhuma lagoa chamada das Capivaras. Nesta Lagoa se esgota outro Arroyo que tem seu nascimento rhuma Fonte ou Manancial que brota e rebenta da terra para cima com hum grande força; hé agoa pura e limpa e com abundancia. O 4.º e ultimo Riacho ou Arroyo e hum esgoto do campo, ecorre ahuma praya seca e limpa. Neste Lugar profundam mais as agoas da Lagôa, ou do Rio Grande, oque faz muito bom porto para as pequenas embarcaçoens.

A pontã raza hé hum terreno em partes mais alto e seco e em partes mais bayxo e pantanozo; mas tem bastante extensão e dista do Mar trez legoas emeya. Nesta pontã tambem seachão fragmentos de Louça de Barro tosca emal fabricada e alguns ossos humanos que dão notisia de povoações dos antigos habitantes daquelle terreno Fora desta pontã ha hum Ilha piquena ebayxa que tem pasto para gados.

Desta pontã segue-se outra enseiada até a pontã do Rimcão do estreito em cuja margem, ou costa se esgotão outros coatro Arroyos e

hum a Lagoa ou Riacho Grande. O primeiro hé hum riacho que nasce em terreno brando e cheio de arvoredos. Este Riacho tem sempre bastante agoa e da entrada para canoas até hum certa distancia entre matos e arvores. O segundo tem seu nascimento em hum a lagoa chamada do Matreiro o qual querendo ali postar hum moinho deque podese subsistir e tendo grande parte do anno pouca agoa se determinou a tapar hum a garganta daquelle Arroyo, para com a preza da agoa poder trabalhar o seu moinho mais tempo; ecreceu-lhe tanta agoa, e alargou-se com este trabalho a lagoa que lhe sobra muita do continuo trabalho do moinho todo o anno e poderão trabalhar outros sem por isso experimentar falta. O terceiro e quarto Arroyo são pequenos esgotos do terreno mas tem suasfontes nativas de muito boa agoa. O ultimo hé numa Lagoa ou Riachão no Rincão do Estreito que tem sua barra sempre franca e aberta em que podem entrar lanchas, mas as suas margens são brandas e pantanozas e só junto da praya na sua bocadura hé de areya dura. Na ponta do Rincão do estreito ha hum a pequena Lagoa bordada de juncal com sua Barra ou sangradouro que da entrada a canoas e fora da ponta ha hum a pequena ilha. Esta ponta dista do mar duas legoas. Tem seu mato, terreno seco, e algum pantanozo. He hum a fazenda ou pasto para convalesença dos cavallos caçados edoentes da tropa. A costa ou margens desta Enseiada se chama Barrancos e hé aqui o milho e mais abrigado porto da Lagoa dos Patos para todas as embarcaçoens.

Do estreito ao Bujuru onde há outra ponta contão seis legoas. Pela parte do Mar a Lagoa e ~~Juncal~~ do Estreito esgota todo o terreno até o ponto de Bujuru. Toda esta costa detraz dos combros hé pantanoza e com suas lagoinhas depouca consequencia; mas em distancia de meya legoa antes do Bujurú ha hum a passagem seca, efranca para a praya do Mar em terreno de Areya limpa; dispois segue-se difronte do Bujurú hum a Lagôa, que terá meya legoa de comprido.

Da ponta do Rincão do Estreito pela parte da Lagoa segue-se hum a costa que continua até aponta do Bujurú, e forma hum a quasi enseiada Hé em partes seca, e em partes tem seus pantanos.

O que tem de mais notavel he hum a Lagoa que distaráde Bujurú hum a Legoa e da praya do Mar outra Legoa, cuja Lagoa esgota os terrenos dos seus arredores e se sangra por hum Riacho que desemboca na mencionada enseiada e nasua boca tem hum a ilha que forma a este Riacho duas bocaduras. Aqui neste logar poderá haver de largura do terreno trez legoas e na ponta do Bujurú coatro legoas. Este Riacho não dá passagem por serem suas margens pantanozas e a sua embocadura funda, mas pode dar entrada a piquenas lanchas. Neste lugar só ha passagem do Albardão que se encosta mais aparte do Mar, e a passagem das prayas da mesma Costa. Esta ponta de Bujurú e seus arredores hé hum a fazenda de crias de Cavallos para Tropa.

Do Bujurú ao Capão Comprido são sinco Legoas. Hé outra fazenda de crias de vaccas, ealguns cavallos para o serviço e para o refás da Tropa. Da parte do Mar ha hum juncal pantanozo, que borda a Lagoa de Bujurú,

e continúa até outra Lagóa grande que principia antes do Capão Comprido duas Legoas e se chama Lagóa dos Patos, ou Lagoa do Peixe de Campo Bom. Adquire este nome de hum campo ou Vargem que ha entre esta Lagoa e a praya do Mar, que terá meia legoa de larga em partes mais e em partes menos e se chama Campo Bom. Esta lagoa terá de comprido nove legoas ou mais; acaba pouco mais demeyra Legoa atraz da Freguezia de S. Luiz de Mostardas. Tem seu sangradouro, ou Barra adiante do seu principio seis Legoas: tambem está aberto em tempos de agoas, e o resto fechado de areias.

Do Capão Comprido a Pedro Lopes contão seis Legoas. Neste lugar ha outra ponta para a Lagoa e se chama a ponta de Christovão Pereira.

Entre esta ponta eo Mar haverá cinco Legoas. Desta ponta ade Bujurú bahuma enseiada; que na sua mayor curvatura, poderá ter de largura o terreno duas legoas. Em toda esta Enseiada não ha coisa notavel mais que huns **Samaquis** ou grandes montes de cascos de Mariscos, que dão noticias de algumas povoações dos antigos habitantes, que se mantinhão daquelle alimento. Esgota-se o terreno por alguns Arroyos de pouca consequencia. Esta ponta de Christovão Pereira até oalto do terreno, ou albardão tem tres legoas seguidas; huma junto a ponta, outra no meyo do Rincão e outra atraz da Casa de Pedro Lopes.

De Pedro Lopes a Freguezia de S. Luiz de Mostardas contão duas legoas e meya. Nesta Freguezia ha pela parte da Lagoa trez outras Lagoas communicadas; huma adiante de Pedro Lopes que terá meya Legoa; Esta se sangra em outra mayor chamada de Gamos defronte de Mostardas que terá huma legoa. Tem sua Barra ou Sangradouro para a Lagoa Grande e o conserva sempre franco e aberto, mas não hé fundo. Dá passagem nas margens, ou praya da Lagoa dos Patos. Nesta Lagoa de Gamos desagua outra da outra parte que terá meya legoa, e esta recebe agoa de hum Riacho que passa junto da Freguezia de Mostardas que corre e tem seu nascimento meya legoa a parte do Mar da dita Freguezia, em hum mato ou capam pantanozo. Este Riachó tem suas margens pantanezas, mas em pouca extensão ou largura, tem duas passagens francas, que hé a de Mostardas e outra mais da Parte do Mar que hé a chamada da Guarda Velha e se podem praticar outras com pouco trabalho. Do seu nascimento até a Lagoa do Peixe do Campo Bom ha huma passagem limpa e seca e hé o albardam do terreno que aqui se encosta mais aos combros do Mar. Terá de largura mais de hum quarto de Legoa, de que se segue que neste passo de Mostardas ha cinco passagens francas, que são os dous trilhos do Arroyo, o albardam a praya do Mar e a praya da Lagóa.

De Mostardas a S. Simão contão cinco Legoas. Pela Costa do Mar ha hum Juncal, e pantano que se esgota na mencionada Lagoa do Peixe do Campo Bom, e continua até S. Simão Velho, que fica atraz de S. Simão Lego ae meya em cujo lugar ha encostado aos combros huma Lagoa comprida dispois outra piquena e outra mayor defronte de S. Simão chamada da Cayera. Detraz de S. Simão ha huma Lagoa que terá tres quar-

tos de legoas não ha outra coisa notavel neste terreno de Mostarda e S. Simão, em que ha varios moradores que fazem a Freguezia de Mostarda. Esgota-se este terreno para a parte da Lagoa por piquenos Arroyos.

De S. Simão ao posto velho ha Legoa e meya, neste lugar está principiada novamente huma aldeia de Indios, ainda não tem coisa digna de mencionar-se. Pela Costa do Mar entre S. Simão e a dita Aldeia ha hum campo ou passagem seca para a praya e pela parte da Lagoa não ha outra coisa notavel, hé parte de huma enseiada de que se tratara.

Deste posto velho, ou Nova Aldeia a Barros Vermelhos contão coatro legoas e meya. Pela parte do Mar atraz desta Aldeia ha huma lagoa piquena, esta se communica com outra maior que acaba adiante da Aldeia duas Legoas onde chamão o Campo de Arazaz: tem seu sangradouro ou esgoto para o Mar. Segue-se huma passagem ou campo seco para a praya e depois outra Lagoa chamada da Rabeca que acaba adiante de S. Simão trez Legoas. Esta Lagoa terá trez quartos de Legoa; está entalada entre campos secos que dão passagem por huma e outra parte para a praya, não tem esgoto, ou sangradouro. Segue-se huma pequena lagoa com sangradouro em outra mayor que acaba junto a Barros Vermelhos, e tem seu sangradouro para o Mar perto de huma Lagoa atraz de Barros Vermelhos. Chama-se a Lagoa do Capam do Negro. Adiante ha outra Lagoinha que acaba em Barros Vermelhos. Pela parte da Costa da Lagoa adiante da Aldeia nova distancia de humá Legoa ha hum Riacho, chamado de Capam da Canoa; e deste a distancia de duas Legoas ha outro chamado do Riachinho; mais adiante ha outro ha distancia de huma Legoa, chamado de Posto do Barboza que divide o rincão da Cria. Depois a distancia de outra legoa ha outro mayor que divide o mesmo rincão pelo outro lado. Daqui a distancia de hum quarto de Legoa ha outro. Riacho grande e caudaloso. Entre a embocadura do Riacho do Riachinho e a do rincão da Cria ha huma ponta que forma a enseiada para a parte de S. Simão ou com a ponta da Caeyra, e para o outro lado se forma hum saco, que fecha a Lagoa dos Patos na garganta, e ponta de Itapuan.

De Barros Vermelhos a charqueada contão tres Legoas. Pela Costa do Mar ha junto de Barros Vermelhos huma Lagoa piquena, que tem seu sangradouro em outra mayor, que acaba nos Capoes do Retuvado adistancia de huma Legoa; Esta tem seu sangradouro em outra que acaba mais adiante Legoa e meya. Segue-se huma passagem seca para a praya; e logo duas Lagoas emparelhadas, e bordadas de Campos secos, que dão passagem para a praya pelos seus lados, adiante fica outra Lagoa piquena junto do Capam de Ignacio Xavier adistancia de duas Legoas emeya; Esta tem seu sangradouro em outra mayor chamada da Charqueada, que acaba na Charqueada. Da charqueada ao Quintão contão trez Legoas. Alagoas da Charqueada tem seu sangradouro em outra piquena e esta tem seu sangradouro em outra mayor que acaba no Capam das Taquaras distante da Charqueada Legoa e meya; esta tem seu sangradouro em huma grande chamada do Quintão esta se sangra em outra chamada da Cicreyra, que he dividida em trez sacos, ou tres Lagoas communicadas por

gargantas, ou sangradouros grandes; Todas terão de comprido coatro Legsoas e meya. Do Quintão á Cidreyra contão coatro Legsoas e meya; da Cidreyra ao Arroyo coatro Legsoas e dahy ao Rio Tramandy huma Legsoa. A Lagoa da Cidreyra tem hum sangradouro ou Canal de meya Legsoa de comprido, para outra Lagoa dos Campos de Francisco Ribeiro, que acaba junto ao passo do Arroyo; e esta desangra pelo mesmo Arroyo no Rio Tramandy. Este Rio Tramandy hé hum dezaguadouro de Lagoas, que seção os campos da parte do Sul, tanto das Referidas Lagoas, que dezaguão no Arroyo, como por huma outra forqueta que forma mais central e enlrada a parte da terra das mencionadas ate a distancia pouco mais de trez Legsoas. Para a parte do Norte tambem forma outra forqueta e o Riachão grande de Lagoas comunicadas com a Lagoa grande de Manoel Bento da Rocha, que acaba junto as Torres; e esgota as agoas da parte da Serra e Cordilheira Geral, que borda esta Costa do dito Manoel Bento por diante.

Do Rio Tramandy a Manoel Bento da Rocha contão sinco Legsoas de Manoel Bento a sahida das prayas ha huma Legsoa; daqui á guarda de Itapeba, e Torres outra Legsoa. Nesta Praya se esgotão e desembocão coatorze Arroyos piquenos mas todos de agoa pura e Christalina. De Torres ao Rio Mompetuba ha huma Legsoa. Este Citio de Torres e Itapeba hé hum rabo ou forqueta de montanha com sua Vargem ou bayxada no meio que se aparta da Cordilheira Geral, e toca o Mar; na Baixada ou Vargem tambem dezaguão dois Arroyos piquenos de muito boa agoa. As pontas de penhasco aborda a praya em forma de Torres hé que dão este nome ao dito lugar.

O rio Mompetuba, hé outro esgoto das serras Geraes por huma forqueta, Riachão, ou Lagoas que forma para huma e outra parte da sua bocadura. Do Mompetuba ao Rio Arerangua contão doze Legsoas. Nestas adistancia de trez Legsoas está o Arroyo Grande; e Deste adistancia de coatro Legsoas estão as Lagoinhas. Lagoinhas são coatro Arroyos piquenos, que ocupão o intervallo de huma Legsoa, e dezaguão na praya onde formão sua bocadura, hum genero de Lagoinhas piquenas Daqui adistancia de tres Legsoas esta Conventos, que hé hum cerro de Pedra levantado junto a praya, de huma moderada altura, com sua baixada ou plano em cima, visto de certa distancia da algumas apparencias de hum edificio desprezado. De Conventos ao Rio Areranguá contão duas Legsoas; e neste Rio Areranguá acaba o distrito do Governo do Rio Grande abaixo da Serra, e principia o da Ilha de Santa Caterina. Este Rio tambem hé outro esgoto semelhante aos dous antecedentes das agoas da mesma Cordilheira, como tambem outro Rio q. está adiante deste trez Legsoas chamado Uruçanga; mas este não forma forqueta, só sim, hum Riachão em volta com huma profunda Lagoa, em q. se tem visto peixes monstruosos semelhantes a Baleyas. O resto deste Terreno baixo e igual pela parte do sacco, que fecha a Lagoa dos Patos na boca de Itapuan, hé hum terreno igual, e alagadizo com as chuvas em muitas partes pela abundancia de agoas, que recebe, e as que lhe correm da cordilheira pela sua Vizinhança e não ter franca saida para a Lagoa dos Patos, que se altera e Levanta muito mais

de ordinario como adiante se dirá. Esgota-se este Terreno por trez Rios, ou grandes Arroyos navegaveis com Canoas, e piquenas embarcaçoens. O primeiro hé o Arroyo de Palmares que dista da Charqueada seis Legoa, e tem seu nascimento nos Campos junto ao Rio Tramandy, e se comunica com as suas Lagoas. O segundo hé o Rio Capivary (assim chamado pelo imenso numero de Capivaras) tem seu nascimento em huma Lagoa junto da Cordilheira ou Serra Geral, chamada a Lagoa de Barros. Dista de Palmares tres Legoa. O terceiro hé o Arroyo da Boa Vista, que corre junto aos Campos dobrados, ou alturas que formão a segunda parte do Terreno deste Continente; e dista do Capivary trez Legoa. Estas tres Legoa de terra hé huma grande Vargem geralmente mais alagada em tempos de chuvas que chega a inundar quasi toda; Hé passagem e estrada geral trabalhoza de passar no inverno por causa da mesma inundaçãõ. Chegão os Bois e Cavallos a cansar-se e affligir-se tanto algumas vezes no meio deste campo, que hé bastantemente penozo podelos obrigar a continuar ou retroceder.

Todo este Terreno de que tenho tratado hé todo ou pela maior parte de areia muito fina, e movel, mas hé produtivo e coberto deervas e algum mato; e as suas Lagoas todas abundantes de peixes, aves marinhas e proprias das agoas e pantanos como tambem de animaes anfibios como Capivaras Lontras jacarés, etc. Os matos chamados Capoens, o mais commum hé serem criados nos terrenos baixos, e umidos, providencia da natureza para se refugiar dos fortes e castigadores ventos. Estes matos tem madeiras de muito boa qualidade para qualquer fabrica ou emprego. Não são de grande comprimento; Os mayores rarasvezes passão de trinta palmos. As ervas e cultura nascem com abundancia; mas sendo este terreno pizado por bestas e gado com muita frequencia em algum lugar, logo se descobrem as areias e lavadas pela chuva de que tem de terra fria huma areia solta, e movel com qualquer vento; porem logo que os gados perseguidos das mesmas areias deixão o lugar, as mesmas chuvas continuas a seu tempo as tornão a encorporar; crescem ervas, que corrompendo-se com o tempo tornam a fazer uma mistura, que compoem excellente terreno para o cultivo. Daqui vem que as areias, que o Mar lança de si extendendo terreno em algum lugar em poucos annos se reduz a um terreno muito bom e productivo. Histo deo motivo a alguns Conhecedores daquelle Paiz entenderem, ou pertenderem que elle fosse formado das sobras e areyas do Mar. Eu não entro nestas averiguaçoens phizicas; o Certo hé que elle hé antiquissimo, pelo que dão a conhecer os vestigios das Povoaçãoens de Indios, os matos velhos que não podiam crescer sem o decurso de seculos; e tambem a isso contradiz algumas barreiras, ou terreno de puro barro por baixo das areyas em alguns logares.

Querem tambem os Conhecedores, que a Grande Lagoa dos Patos com a prodigiosa quantidade de Rios e agoas que ella recebe defãoavastos terrenos sendo tão grande e dilatada que os navegantes no meio de sua largura não avistam terra não possa ter bastante esgotó pela Barra de Rio Grande, muito angusta e incapaz de dar saida a tantas agoas. Julgam ha-

ver canaes occultos por onde parte dessas agoas tem sua saída. Hé também philosophia a que eu pouco me inclino (sic). Não ha duvida que em todas as prayas do Mar se encontrão em varias partes sorvedouros principalmente nas vazantes, em que se empantanão os Bois, e Cavallos e hé preciso fugir-lhe com pressa e cuidado, sendo as areyas igualmente limpas o que da noticia da passagem occulta de agoas, que os abrandam e enfraquecem; mas a histo podem muito bem concorrer as piquenas lagoas detraz dos combros, e as agoas que recebe o terreno. A Lagoa dos Patos em tempo de Agoas cresce e se augmenta mais de ordinario em volume e altura dagoa pelo abraço da saída, que lhe faz esta alteração. As agoas no dito tempo são doces em toda ou quasi toda a Lagoa. Alem disto toda a Costa do Mar hé hum bayxio esprayado e vasto de tal sorte, que nas mayores bonanças, e Mares socegados se encapelam e quebram naquellas prayas muitas ondas humas atraz das outras por causa deste banco, que borda toda a Costa trazendo sua origem do grande parcel do Rio da Prata o que defende a chegada das embarcaçoens de qualqver qualidade a estas prayas. Com todas essas circumstancias as agoas da Barra do Rio Grande são tão fortes que cortão todo este banco, nem consta em tempo algum que esta Barra deixe de estar franca e aberta; o q. não poderia succeder sem aquelle volume immenso de agoas, que para ali se encaminhão. A Barra piquena ou Barra do Sul, que também vae marcada na carta suposto estar sempre aberta hé hum canaete piqueno e estreito. Não costumam por elle entrar embarcaçoens que tem bastante perigo. O Canal da Barra Grande costuma ter de ordinario catorze até dezaseis palmos de altura de agoa. No tempo de cheias hé mais fundo e costuma ter dezoito palmos de altura. Algumas vezes se lhe tem achado vinte, e vinte e quatro. Tudo da a conhecer que estas agoas não costuriam ter outra saída mais que esta Barra.

A navegação alta e trafico deste Rio vive das circumstancias que so se podem fazer vir em piquenas embarcaçoens. Estas não soffrem as grandes tormentas que naquelles mares costumão succeder de Inverno, nem aquella Costa offerece boa ospedagem; por isso só se costuma navegar deveras com o tempo Nordeste que então hé mais seguro constante. Chegão a barra e ali esperam ancorados em lugar proprio até que haja algum movimento de ventos do Sul, com que o possam entrar. O Rio navega-se com Pratico por causa de seu Canal em voltas de Cobra, e o mesmo succede a Lagoa dos Patos. Esta e também o Rio são faltos de Portos ou desembarques francos porque tem muitos pantanos e as suas prayas são baixas e esprayadas em grandes distancias. Os ventos são fortes e furiosos e há pouco agasalho por falta de altura nos seus arredores. As correntes dos Rios são muito fortes, e obrigão a cautela na navegação. A segunda parte do Terreno deste continente hé hum Pays montuozo, ou campos dobrados de moderados montes, e alturas e alguns pedaços de montanhas e com suas vargens, colinas e baixadas, todo praticavel sem grande fadiga, cortado e banhado por muitos Rios e Regatos.

Entre estes o Mais famoso hé o Guaiba, que corre, aparta e serve de divisas aos Campos dos Tapes. Traz seu nascimento em grande distancia de cima da serra, e cordilheira geral, como se hirá explicando. Esta parte do terreno ou Campos dobrados principia no Arroyo da Boa Vista de cujo logar adistancia de trez Legoas ha uma piquena povoação principiada de alguns moradores, que fazem a freguezia de Santanna. Desta distancia de ontras trez Legoas está a Povoação ou Capela do Viamão principiada em 1763 com assistencia e residencia do Governador, com que se augmentou, e hé huma mayor Povoação. Os terrenos destas Povoações, principalmente o Viamão são altos e agradaveis, mas faltos de agoas em tempos secos em que falhão as fontes e são obrigados os moradores a conduzir-a de mais longe dos valles e regatos bayxos.

Do Viamão a Porto Alegre Contão coatro Legoas. Esta distancia hé de mais aspera passagem por serem os montes hum pouco mais elevados e cortados de Riachos, principalmente o Arroyo de Itapuan com seus braços. Hé huma povoação principiada nevamente pelo Governador José Marcelino de Figueiredo; e temse augmentado muito a proporção do tempo. A sua situação hé hum rabo ou ponta de terra montuosa, que termina em hum sacco, ou largo onde desembocão coatro grandes Rios, que são o Rio Gravatahy, o Rio dos Sinos, o Rio Cahy, eo Rio Guayba.

O Rio Gravatahy, traz seu nascimento das fraldas da serra Geral longe da sua bocadura mais de 16 Legoas. Seca e esgota os terrenos a roda de Viamão. Corre do Oriente para o Occidente. Nas margens e vizinhanças deste Rio está situada da parte do Norte huma Aldeya Grande, povoada com aquelles Indios que se tem retirado das sete Missoens, ou Aldeyas do Uruguay. Hé hum citio agradável em hum grande collina distante das margens do Rio hum quarto de Legoa. Este Rio lhe da porto e navegação e dele se sobe por huma rampa doce da mesma Colina. Tem francas e boas sahidas para toda a parte. Os seus arredores são de bom terreno e offerecem facilidades as manufaturas que tem boas pedreiras, e barreira para olarias e lhe não faltam madeiras de boa qualidade. O tronco do Rio até Porto Alegre hé formado de muitas voltas he inteiramente oppostas as outras, e porisso dobra a navegação a sua verdadeira distancia e ex^tensão que serão coatro Legoas.

Este povo hé bastantemente bizonho e falto de industria, e capricho. São fortes e soffredores de Trabalho com bastantes aptidões e habilidade. Servem de grande socorro a este continente a todos os trabalhos grosseiros, e fortes, mas são inconstantes e costumados a fugir tanto homens como mulheres, nem se afligem de viver quasi nus e entre o mato como bixos. Os estímulos da honra e da modestia não lhe fazem a menor impressão para isso se encaminhão as suas ideas.

O Rio dos Sinos traz seu nascimento de entre as mesmas Serras Geraes em mais distancia e corre mais do Nordeste. O Rio Cahy tira suas vertentes da mesma Cordilheira na volta, que faz quando deixa as vizinhanças das prayas corre algum espaço dos campos de cima da Serra, atravessa a mesma Cordilheira, e vem desembocar no lugar declarado;

corre mais do Nordeste. O Rio Guahyba tira suas vertentes de grandes distancias e abraça diferentes terrenos como se hirá declarando. Todos estes coatro Rios desembocão defronte de Porto Alegre com suas margens frondozas e cheias de Mato communicados huns com os outros com ilhas, e furados, ou Canaes de communicação, e varias Ilhotas que tudo concorre a dar a este Lugar mais agradável vista.

He este logar falto de fontes, que abundem servem-se em commum da agoa do Rio. Este sacco ou largo tem sua garganta mais abayxo; onde chamão pedras brancas e depois segue-se outro sacco, ou largo de Itapuan, que acaba em outra garganta no Estreito de Itapuan que hé formado de hum rabo de terra, ou montanha da parte de Viamão, onde há huma Bateria novamente construida de terra, em que se acha huma guarda de trez soldados, e de outra ponta em que há outro monte da parte dos Tapes. Esta Garganta hé que forma a barra deste Rio na Lagoa dos Patos. Estes dous sacos ou a sua extensão até Porto Alegre hé de nove legoas e se chama Rio Itapuan. O Rio Guahyba que desemboca neste Largo de Porto Alegre para onde corre da parte do Occidente e hé o mais famozo em que podem navegar embarcaçoens de coberta até huma certa distancia que se expressará, separa o terreno chamado dos Tapes que são todos os campos das suas Margens Meridionaes. Nome que lhe ficou daquella Nação que os occupou em outro tempo. Navegando agoas acima deste Rio a distancia de huma Legoa a parte do Sul ha hum canal navegavel mais em pouca distancia e da parte do Norte dois outros Canaes ou furados que se communicão e formão ilhas com os já mencionados Rios. Daqui a distancia de Legoa e meya ha huma grande largura que chamão largo dos Carazes. Da parte dos Tapes são margens seccas e abundantes de arvoredos; e da parte do Norte tem outros dois canaes tambem de communicação com os trez mencionados Rios. Daqui a distancia de meya Legoa ha o ultimo furado, ou canal de communicação com os ditos Rios. Desta a distancia de duas Legoas ha outra Largura grande, que chamão Largo das Capoeiras. Da parte dos Tapes não ha coisa mais notavel; o da parte do Norte hé acompanhado de coatro ilhotas. Daqui a distancia de huma Legoa hé o Rio bordado de Ilhotas, por huma e outra parte; e segue-se outra grande Laguna com bastante comprimento, a que chamão Largo dos Patos. Daqui a distancia de duas Legoas ha outro Largo chamado de Santa Cruz. Estes dois ultimos Largos são separados hum do outro por tres Ilhotas compridas e emparelhadas que formão coatro bocas, ou canaes para hum e outro Largo. Nas cabeceiras destas ilhas se costumão passar Gados e se chama o passo de Santa Cruz. Daqui a distancia de coatro Legoas está a freguezia Nova do Senhor Jezus do Trihumpho na margem Septentrional. Desta parte hé o Rio acompanhado de duas grandes e compridas Ilhotas. A primeira se chama dos Marinheiros e a segunda da Paciencia. Da parte dos Tapes a distancia de huma Legoa está o passo do Custodio. Pouco mais acima está a Barra do Rio dos Ratos, que tira suas Vertentes da Serra do Erval, distante desta bordadura dezesseis Legoas. A serra do Erval hé hum bocado de Montanha a mayor

e mais avultada que se acha nos campos dos Tapes ou Meridionaes do Rio dos Guaiiba. Principia afastada das margens da Lagoa dos Patos trez Legoas pouco mais ou menos e duas Legoas das margens septentrionaes do Rio Camacuan; acompanha em igual distancia o mesmo Rio até que termina depois de ter occupado de extensão doze Legoas.

Na Freguezia Nova ha outro passo chamado da Freguezia Nova, que hé bastante frequentado. Esta freguezia está cituada junto ao Rio em huma margem secca, e alta de bom terreno, com boas serventias, e bom Porto, onde vivem alguns moradores que formão esta Freguezia. Neste mesmo Logar que contão doze Legoas distante de Porto Alegre, desemboca da parte do Septentrional, o Rio Taquary, que tem seu nascimento nos campos da Vaccaria, ou de cima da serra, intesta com as vertentes do lado Meridional do Rio Uruguay, atravessa os campos e Cordilheira Geral e termina junto a esta Freguezia da Parte Occidental. Este Rio hé grande e navegavel até huma certa Altura desconhecida. Distante da sua bocadura sinco Legoas esta outra Freguezia chamada de Taquary, onde tambem vivem alguns povoadores. Esta cituada no Lado Oriental do Rio longe de suas margens, mais de hum quarto de Legoa de huma altura agradável de bom terreno e com boas serventias. Entre esta Freguezia e o dito Rio, corre hum Riacho que Faz Barra no mesmo Rio hum pouco mais abaixo. No terreno intalado com o Rio, e este Riacho se achão vestígios de hum reducto a modo de Estrella, chamado o Forte de Taquary ou por abuso do Tibiquary. Nas margens do Riacho aparte do Norte, ou da Freguezia estão dois Ranchos ou palhoças hum que serve de quartel a sinco soldados, que ali estão a titulo daquelle Forte, e o de guardar a polvora e moniçoens que estão no outro Rancho. Na Freguezia Nova tambem acostumão estar trez a sinco soldados a titulo de averiguar as passagens e contrabendos naquelle passo.

Da Freguezia de Taquary para adiante tem a politica dos Governadores embaraçado a averiguação, frequencia, e navegação daquelle Rio; porque dizem tem ouro e pedras preciosas. Eu o que achei nas suas margens foram muitos Calhaos que as agoas conduzem de diferentes cores. Pedra muito dura como pedreneira, algum tanto transparente e em alguns de seus pedaços de Cristal pegados.

Este passo do Taquary a cujo Titulo se fez aquelle forte, alem da passagem do Rio não ser boa, tem da parte do Rio Pardo, ou do Occidente hum mato de mais de hum quarto de Legoa, sempre humido e funebre e o caminho se conserva sempre com muitas excavaçoens pantanosas. Se por algum tempo se deixar a frequencia daquelle passagem julgo se fará impraticavel e crescerão muitas arvores; e não faltam perto lugares mais proprios para passar sendo necessario.

Eu cuido e se me representa, que seria conveniente explorar todo este Rio ainda apesar de alguma despeza a ver se nas vizinhanças das suas margens, na passagem da Cordilheira, se podia encontrar algum favoravel transito, por onde os povos da Vaccaria pudessem mais com-

modamente comunicar-se e mutuamente soccorrer-se com este continente; e poder extrair os seus generos.

Da Freguezia Nova continuando agoas acima pelo Guayba a distancia de trez legoas esta da parte do Norte a Freguezia de Santo Amaro que consta de muito poucos moradores. Tem o Rio até este logar suas ilhotas tanto a direita como a esquerda e dous sacos hum a direita e outro a esquerda. Da parte dos Tapes a distancia de huma legoa dezagoa hum Arroyo chamado do Duarte e presentemente do Commandante que tira suas vertentes de sinco Legoas de distancia. Acima deste duas legoas e meia dezagua outro, chamado Arroyo do Conde, que tira suas vertentes em distancia de oito Legoas. Deste a distancia de mais de huma Legoa está a praya da Ancora onde principia huma ilha a parte do Norte do Rio que tem mais de Legoa e meya de comprido. Navega-se o Rio por huma e outra parte mas o canal principal hé o do Sul. Da praya da Ancora a pouca distancia dezagua hum Arroyo, e a distancia de Legoa e meya está o Porto da Cabeça e hum Riacho pouco mais acima. Daqui a distancia de trez Legoas está o passo dos dois irmamos e pouco antes o Rio do Francisquinho que tira vertentes de distancia de dez Legoas. Daqui a distancia de duas Legoas dezagua o Arroyo do João Rodriguez que corre da parte do Norte. Deste a distancia de huma Legoa está a ilha da Guiaba e antes delle outras ilhotas. Daqui a distancia de huma Legoa está o Riacho do Cosmo, corre da parte do Norte. Antes delle ha outro da parte do Sul e huma cachoeira chamada das Pedras que hé hum fundo de Rocha no Rio, em que tocão as embarcaçoens, e correm as agoas rapidamente e por isso daqui para cima não passam embarcaçoens de coberta, senão em hum tempo de cheyas. Do Riacho do Cosmo a distancia de huma Legoa está o Porto e passo do Pinto Bandeira, e a Ilha das Pombas, de frente da qual dezagua o Rio Capivary, que tem seu nascimento no Serro da Encruzilhada distante desta bocadura catorze Legoas.

A serra do Erval de que já se tratou depois de deixar hum portal ou baixada de dez Legoas de comprido da parte do Occidente torna a levantar huma montanha, que terá de extensão tres Legoas; Hé postada em huma forma de convexidade para a parte do Norte com huma baixada ou garganta no meyo em forma de cella que lhe dá o nome de cerro cellado ou cerro partido. Delle nascem varios Rios que se irão declarando. No meyo da extensão entre estes dois cerros ou montanhas do Erval e cellado e mais avançado para o Norte fica hum cerro de pedra alta e escabrozo, que hé o chamado da Encruzilhada. Alcança este nome das differentes passagens que ali se cruzão e atravessão de todos estes campos circunvizinhos e embarçados ou com os Rios ou com as mencionadas Montanhas que obrigam a hir demandar a cituação deste cerro de Cruzamento de vertentes e alturas. O passo de Pinto Bandeira se chama tambem passo da Ilha das Pombas. Delle a distancia de Legoa e meya esta o passo de S. Miguel e antes delle o Arroyo de coitto que corre da parte do Norte.

Daqui a distancia de meya Legoa está outro passo chamado de João Gonçalves, e mais a diante huma Legoa está o passo da povoação de Rio

Pardo. No meyo da distancia desta Legoa estão coatro Ilhotas, chamadas Ilhas do biscoito.

A povoação do Rio Pardo está espalhada a margem do Rio Guayba. Occupa coatro cabeças, ou piquenos montes unidos e chegados hum ao outro. No que mais se approxima ao Rio está hum reducto arruinado o que chamão a Fortaleza do Rio Pardo. A sua construção hé de terra em baixo fragil, e parapeitos a Barbeta, o Armazem hé piqueno e pouco e mal fornecido, a sua Artilharia consiste em outo piquenas peças duas de ferro desmontadas e incapazes hum piqueno obuz ou pedreiro e o resto a mayor hé de calibre de trez liberas. São proprias de campanha e não de bateria.

Esta povoação do Rio Pardo hé bem situada e bem asentida por terra, e pello Rio, fica em hum logar central a esta provincia com vantagens de terreno ou da Natureza, e hé o lugar mais proximo deste Rioe suas vantagens ao forte de Santa Tecla. Creyo que esta ciftuação merece mais attenção he hum bom deposito, ou Fortificação central; o que até o presente senão tem cuidado.

O rio Pardo desemboca junto a este povoado da parte S^{se}entrional do Guaiba e occidental da Povoação. Hé hum Riachão Grande, que tem seu nascimento em cima das serras ou Cordilheira Geral. He bordado de bastante mato por todo o seu comprimento. Corre em hum leito desigual escabrozo e de pedra, que dá muito má passagem em seus passos. Estes até o presente são só dois, o da Povoação, e outro chegado a Cordilheira. A faqueta ou a lomba de terra que acompanha este Rio hé huma fazenda de pasto para os cavallos do Regimento de Dragões que aqui costuma ter o seu mais solido Quartel. Da parte do Norte desta Povoação distancia de huma Legoa ha huma piquena Aldeia de Indios. São do mesmo character dos já mencionados na Aldeia de Gravatay. De Porto Alegre ao Rio Pardo contão trinta Legoas de distancia.

Deste mesmo Rio Pardo, seguindo agoas acima do Guayba, a distancia de tres legoas desagua o rio Tubatingay, no lado Meridional; tem seu nascimento em distancia de seis Legoas. Deste a distancia de huma grande Legoa ou Legoa e meya está o Rio de D. Marcos que tem seu nascimento em distancia de outo Legoas. Deste a distancia de meya Legoa está o passo das pedreneiras, e mais acima duas Legoas está o passo de Faxinal. Mais acima Legoa e meya está a Barra do Rio Piquery no qual dezagua o Rio Oruy acima de sua Bocadura meya Legoa. Ambos tirão vertentes do cerro cellado em distancia de doze Legoas; mas o Piquery avança mais adiante tres Legoas, ao Occidente do Cerro e intesta com as vertentes do Camacuan; e o Oruy tambem avança para o Oriente até o cerro da Ene cruzilhada, de que tira as vertentes. Neste Rio Piquery, ou no seu passo junto ao Cerro Cellado estava huma guarda de Dragoens, que foi atacada pelo General Vertiz; retirou-se e eu a achei postada no Oruy junto ao mesmo Cerro. Este Rio Piquery hé o que presentemente serve de Raya aos terrenos occupados pelos portuguezes da parte dos Tapes, de que se tratará, o resto se chamão campos neutros. Na Barra do Rio Piquery, perde o Rio o nome de Guayba e daqui para cima se chama Jacuy. Desta

Barra a muito pouca distancia está o Passo do Guarda Mor, e deste a distancia de Legoa e meya está o passo de Romão; Acima deste passo pouca distancia está a Barra do Rio Botucuray, que corre e dezagua da parte Septentrional, e traz seu nascimento das serras Geraes. Este Rio tem huma Guarda postada junto a sua bocadura; hé de trez soldados. Mais acima Legoa e meya está a barra do Rio Caponé que corre da parte Meridional, e tira vertentes em distancia de dez Legoas, tambem intestão com as vertentes de Camacuan. Junto a esta barra está o passo do Fandango; e mais acima Legoa e meya o passo da Viuva e pouco mais acima a Barra do Rio Irapuá que tira vertentes das pedras grandes distantes quinze Legoas. Tambem intestão com as de Camacuan. Pedras Grandes são humas sinco pedras muito volumozas que estão postadas em cima de huma lomba de boa terra destacadas e soltas. A distancia deste citio a Santa Tecla serão vinte e duas Legoas pouco mais ou menos.

De Irapuá para cima meya Legoa esta o passo de S. Lourenço; Mais acima duas Legoas emeya esta a Barra do Rio Vacacay que hé o mayor desta parte Meridional. Tira vertentes de mais de corenta Legoas as quaes avançam mas adiante das do Camacuan e tem sua origem em hum morro selto edestacado, chamado Botovy, que dista de Santa Tecla quinze Legoas. Seguindo agoas acima deste Rio Vacacay, a duas Legoas de sua bocadura esta o Rio de Santa Barbara da parte Meridional, que tira vertentes do morro de Irapuá em distancia de doze Legoas.

O morro de Irapuá hé outro pedaço de cerro ou montanha destacado entre pedras grandes e o cerro de Botovy. Todos esses cerros ou pedaços de montanha, de quê se tem tratado acompanhão as vertentes do lado Septentrional do Rio Camacuan, ou vacacuan e seguem sua direcção para o Monte Grande, que parecem serem braço desta ponta de Cordilheira dobrado de forma que deixa portaes ou grandes passagens entre huns e outros. Acima da Barra do Rio de Sta. Barbara dezagua o Rio de S. Sape adistancia de Legoa e Meya. Tem seu nascimento do lado Occidental do mesmo Morro de Irapuá em distancia de doze Legoas. Este Rio Vacacay tem outros braços, ou Rios da parte Meridional, a que se não tem dado nome e de que não fiz mais rigurozas averiguaçoens naquelle tempo tão critico, e perigozo. Da parte Septentrional tambem tem alguns Arroyos e distante da sua bordadura quinze Legoas o Rio Vacacay mini, que tira vertentes a direita do portal ou estrada do Monte Grande e outras dos campos abayxo da serra distantes das primeiras oito Legoas.

Tornando a seguir agoas acima do Rio Jacuy distancia de meya Legoa está o passo do Guamax, e deste a distancia de outra meya Legoa ou mais está o passo, e Guarda do Jacuy. Neste logar faz o Rio huma grande volta para a parte Septentrional e vai desmandar a Cordilheira Geral que atravessa. Esta Guarda do Jacuy está postada á margem e passagem do Rio em hum lugar bayxo e emboscado; Costuma para ali destacar hum official subalterno. O lugar hé de má escolha que está commandado do outro lado por hum cerrito, chamado o cerro do Vigia, onde houve huma centinella no tempo do Snr. Conde de Bobadela. Este lugarda Guarda se inunda

em tempos de agoas, e são obrigados a abandonalo e retirar-se mais de meya Legoa para as Lombas e serros do terreno. Do Rio Pardo a esta Guarda contão dezanove Legoas. Desta parte Septentrional ou Lado da Cordilheira serve de Raya prezentemente o Rio Jacuy do Piquery para cima até a sua entrada na Cordilheira. Desta Guarda a pouca distancia dezagua no Jacuy, da parte Meridional o Rio Ararica conhecido segundo o costume dos Indios por Vacacay mini a distancia de suas vertentes hé desconhecida entre bosques impenetraveis na Cordilheira. O Jacuy do Ararica para cima a distancia de hum Legoa entra na Serra e Cordilheira Geral a qual atravessa e na qual forma hum forqueta, ou deixa hum braço da parte Oriental, que tambem se chama Jacuy, mas o seu principal tronco corre no Albardão e campos entre a vacaria de que se tratará e as Missões Espanholas até encontrar as vertentes do lado Meridional do Uruguay de onde o dito Jacuy tira as suas vertentes deixando alguns braços e forquetas por hum e outro lado do campo que atravessa. Deste lugar em que o jacuy atravessa a serra, sahe ou se afasta hum rabo de montanha que acompanha o mesmo Jacuy até certa distancia e faz a separação de algumas de suas vertentes, lateraes com as dos seus correspondentes que vão ao Ibiçuy e depois lança de si hum corda de mato enboscado que atravessa o mesmo Jacuy e os Campos da Vacaria para a parte do Norte até encontrar as margens do Uruguay. Este mato terá de espessura cinco Legoas como ao depois se dirá. Hé o que prezentemente faz a separação dos campos da Vacaria com as Missoens Espanholas.

Do mesmo lugar em que o Jacuy atravessa a serra sahe outro braço ou rabo da Cordilheira que vae atravessando as cabeceiras dos Rios Ibiçuy, Toropy e Jaguaray donde acaba pouco adiante com o nome de Monte Grande afastado do Uruguay dezaseis Legoas pouco mais ou menos. Este rabo de Serra ou Monte Grande tem duas entradas, que o atravessam para Missoens. A primeira corta pelos galhos ou vertentes do Vacacay Mini por zona das vertentes de Ararica, atravessa o Ibiçuy mini e vão passar na Guarda de S. Martinho. Este caminho se fez com muito trabalho e despeza na expedição do anno de 1750 por ordem do Snr. Conde de Bobadella, para passarem as carretas e conduçoens. Neste lugar o mato tem menos Largura e a Cordilheira faz hum garganta mais estreita e mais baxa que terá tudo trez Legoas de distancia e tem no meyo hum campo limpo e redondo que poderá ter hum Legoa e que tudo concorreu para illuzão do caminho. Todo o resto da Cordilheira hé coberto de densissimo bosque e toda ella de hum asperrima constructura Larga deseis, outo, dez, doze Legoas e mais, e por esta razão os terrenos que occupão as vertentes do Jacuy em cima da serra por hum e outro lado nunca poderão ser bem vestidos servidos e comunicados com os campos de baixo da Serra, e continente do Rio Grande sem pelo menos lhe ficar esta estrada prezentemente occupada pelos Espanhoes, e fortificada com a Bateria e Guarda de S. Martinho. O segundo caminho atravessa a Serra ou Monte Grande pelas suas pontas e fraldas parte do occidente junto da forqueta que faz o Ibiçuy com o Toropy, segue para as Missoens e da boa passagem. Este Rio Toropy sahe

ao campo deixando a serra e corre por elle mais de catorze Legoa, da parte das Missoens. Hé Rio forte ainda que em muitas partes se passe a vau. Não há mais passagens na serra, porém o Ibicuy se pode atravessar em qualquer parte de seu corpo de canoas desde a sua Cabeceira no Uruguay até o principio da Cordilheira ou Monte Grande que serão vinte e cinco Legoa pouco mais ou menos, e segundo as informações dos Melhores praticos da barra do Ibicuy a Barra do Rio Negro poderão ser setenta Legoa; e poucas mais da Barra deste mesmo Rio Negro as suas **vertentes** em Sta. Tecla. O terreno que presentemente occupão os Portuguezes da parte dos Tapes faz hum genero de figura quadrilonga tendo pelo lado Septentrional o Rio Guahyba pelo Meridional o Rio Vacacuan pelo Occidental o Rio Piquery e hum braço do Vacacuan enlaçado com elle nas faldas occidentaes do Cerro Cellado e pelo lado Oriental a costa ou margens da Lagoa dos Patos. Este terreno terá de Largura vinte Legoa, e quasi o dobro de comprimento. Neste ultimo lado da Lagoa desembocão doze Arroyos e alguns delles de que vou tratar são grandes e em que se pode entrar e navegar com embarcações de remo e são cinco. O primeiro da parte Septentrional hé o arroyo do Salgado, no qual se junta outro chamado de Antonio Alvez em huma Barra comum que dista da Barra de Camacuan onze, até doze Legoa. O segundo hé o Arroyo de Francisco da Sylva distanted o Camacuan mais de sete Legoa. Oterceiro hé o Arroyo Vilhaco que hé o mais avultado e rapido distante do Camacuan pouco mais de seis Legoa. O quarto hé o Arroyo do Meirelles distante do Camacuan coatro Legoa; e o quinto hé o Arroyo do Duro distante do Camacuan trez Legoa.

O Rio Camacuan ou Vacacuan que dezagua na Lagoa dos Patos distante de Porto Alegre vinte Legoa ou poucas mais, tira **vertentes** em distancia de setenta Legoa que intesão com as do Rio Negro, e Vacacay em hum terreno alto e dominante, mas as cabeceiras do Camacuan avançam mais adiante das do Rio Negro a Procurar as do Ibicuy e tambem para a parte do Norte as do Rio Vacacay, distantes das Cabeceiras do Rio Negro no lugar de Sta. Tecla quinze Legoa. Este Rio Camacuan occupa algum espaço de terreno bastante pôr hum e outro lado com seus galhos e **vertentes**, mas estes braços não tem nome nem as circunstancias do tempo me permittiram estas averiguações. Sta. Tecla hé hum Logar dominante que foi Capela e Estancia ou Caza de Pastores das Missoens Jesuitas. A muita vaccada braba, e errante, que ainda se encontra nos arredores e cabeceiras do Vacacuan e Ibicuy e tambem alguma parte nas de Vacacay; Cuido que são sobras, ou restos, do que ali ficou com a extinção dos ditos Jesuitas, que costumavão ter os seus gados abaixo da serra, principalmente no tempo de Inverno, em que com o frio se não podiam conservar nas Missoens, segundo o que me informarão. A Barra do Camacuan na Costa e prays da Lagoa dos Patos, seguindo para a parte Meridional estará distante da Barra do Sangradouro de Mirim na mesma Lagoa vinte e cinco Legoa, em cuja distancia dezaguão os seguintes Arroyos. Da bocca do Camacuan na Distancia de cinco Legoa está o Arroyo do Tigre; deste a

tres Legoas o Arroyo Grande; Deste a coatro Legoas o Arroyo do salto mais adiante sinco Legoas está o Arroyo das Correntes, e deste ao das Pelotas outo Legoas. Este Arroyo dezagua junto ao sangradouro de Mirim.

Todos estes Arroyos tirão vertentes de huma Cordilheira ou serra chamada Serra dos Tapes que acompanha as margens da Lagoa dos Patos afastadas das mesmas margens em distancia de tres Legoas mais ou menos. Esta cordilheira principia afastada do tronco do Camacuan Legoa e meya e acaba longe do Rio Piratiny, de que se tratará, trez Legoas. Esta Cordilheira terá de comprido vinte e cinco Legoas e de espessura mais de duas. Hé embosecada e abundante de differentes qualidades de bôa Madeira. Nas tres Legoas que distam entre o tronco do Piratiny e a ponta Meridional desta Cordilheira se acha hum Cerro elevado mas todo vadeavel e limpo de mato postado junto a margem Septentrional do mesmo Piratiny e longe da sua bocadura sete Legoas que chamão Cerro Pelado. O seguimento desta Relação até Castilhos hé tudo por informação.

O Rio Piratiny dezagua no sangradouro de Mirim hum pouco mais ao Sul do meyo de sua extensão; o seu tronco principal segue a direcção de Santa Tecla ou das cabeceiras do Rio Negro. Tem seu nascimento em distancia detrinta Legoas. Entre estas vertentes e as cabeceiras do Rio Negro medeyão as vertentes do Rio Jaguarão, que dezagua na Lagoa do Merim. As distancias entre as vertentes do Rio Piratiny e o lugar de Sta. Tecla serão quinze Legoas, sete que occupão as vertentes do Rio Jaguarão e outo as do Rio Negro. Santa Tecla está situada em huma piquena forqueta do Rio Negro, afastada das duas vertentes para a parte do Rio da Prata huma Legoa ou pouco mais. As vertentes do Piratiny para a parte Septentrional entestão com a s do lado Meridional do Rio Camacuan, e são estes dois Rios que esgotão o terreno Occidental a serra dos Tapes até Sta. Tecla ou Cabeceiras do Rio Negro.

Entre as vertentes do Rio Jaguarão que dezagua na Lagoa Mirim e as do Piratiny, que dezagua no seu sangradouro ha varios cerros altos e asperos mas todos limpos de mato e vadeaveis. No meyo dos lados dos ditos dois Rios, estão trez cerros bastantemente altos a que chamão os cerros do Erval de donde tem nascimento hum Arroyo ou Riacho chamado de Erval que dezagua nas margens Septentrionais da Lagoa Mirim em huma bocadura occulta, e embaraçada com altos e prodigiosos juncaes, pantanos e matos e as suas margens são pantanozas em grande distancia. Este hé o primeiro Arroyo que se encontra no campo, por onde se pode pizar, ao Sul do Rio Piratiny. Adiante dezagua o Rio Jaguarão no mesmo Lado da Lagoa de Mirim. Poderá ser longe do seu sangradouro doze Legoas.

Este Rio se alarga e abraça muito com as suas Cabeceiras. Tira vertentes do Albardão ou altura do terreno, que separa as vertentes para o Rio da Prata desde as pontas do Rio Negro, e vertentes do Camacuan até instar com as vertentes do Rio Chuy. A extensão destas vertentes poderá ser vinte e coatro Legoas. Da Barra do Jaguarão a do Rio Chuy poderão ser outo Legoas. Este rio tira vertentes em distancia de dezaseis Legoas no

mesmo albardão e infesta com as vertentes do Rio Negro. Da Barra do rio Chuy a do Rio Taquary haverão seis Legoas. As suas vertentes também infestão com outras do Rio Negro, e faz huma grande forqueta e separa em dous grandes braços. Junto a embocadura deste Rio dezagua o Rio Saboaty, que tira suas vertentes por muitos braços ou Rios que delle se afastão e abrangem grandes distancias no Albardão em volta, ou figura circular com que se afasta das vertentes do Rio Negro a procurar Castilhos. Nas Cabeceiras deste Rio se encontrão também muita quantidade de Vaccada braba, e errante que se avalia em mais de corenta mil cabeças. Cuido que são sobras das fazendas dos Portuguezes abandonadas na Lingua de terra entre a Lagoa de Mirim e a Costa do Mar por occasião da guerra e entrada dos Castilhanos em 1763. A construcção desta Lingoa de terra e suas passagens se pode conhecer do plano junto que mandão elevar os Espahóes e me dizem os que averiguarão ser acorde na configuração do terreno ainda que tenha mais extensão do que lá se acha. As vantagens da Lagoa Mirim sobre a Villa de S. Pedro do Rio Grande, também se pode inferir do plano junto de hum Piloto que toda sondou e averiguou ainda que não seja mais que huma noticia da configuração segundo as ideas e pontos de vista do mesmo Piloto, em cuja figura e distancias intendo que muito se enganou.

Toda esta segunda parte do Terreno de que tenho tratado ou campos dobrados hé de boa terra e productivo. Nelle se achão differentes qualidades de madeiras, barros e Pedreyras como costuma succeder em paizes de semilhante natureza. Os campos altos pella mayor parte são limpos de mato, mas as bordaduras dos Rios e Regatos e alguns Valles ou bayxadas são emboscadas cobertas de arvoredos, como também as fraldas e encostas dos montes mais elevados, e toda a serra ou Cordilheyra Geral como já disse.

Pello nome de passo nos Rios não se deve entender que elles dão vau principalmente o Guayba em tempo algum, porque hé Rio muito Largo e profundo. Chama-se geralmente passo a qualquer logar onde a agoa não tem correnteza sensivel e se lhe abre hum trilho ou caminho no mato e bosque das suas margens, por onde passão os gados aos quaes fazem nadar para a outra parte; edestes passos se podem abrir tantos que forem presisos ou convenientes que para isso tem aptidões o Rio e suas margens.

A terceira parte do terreno deste Continente e Governo do Rio Grande de S. Pedro, são os campos de sima da Serra, chamados campos da Vaccaria; que hé huma extensão de terreno vasto, e longo, cortado, e banhado para os seus lados Meridional e Septentrional com varios Rios que se esgotão da parte Meridional para o Rio Guayba, e da parte Septentrional para o Rio Uruguay. Hé formado ou levantado pelo meyo com hum Albardão grande, que se alarga, e estende até as Aldeyas, e Campos das Missoens Jezuitas no Uruguay; e fechado pello lado Meridional e Oriental pela Serra e Cordilheira Geral; Pelo Lado Septentrional com o Rio Uruguay que tem seu nascimento na mesma Cordilheyra; e pello lado Occi-

dental pela corda do Mato, de que já tratei na passagem do Jacuy quando atravessa a mesma Serra.

Esta terceira parte do Governo do Rio Grande de S. Pedro presente-mente só tem huma comunicação ou caminho para o mesmo continen-te, que sahe junto a Lagoa de Barros atraz do Rio Tramandy. Hé cami-nho de escabroza e ma serventia difficultozo de passar principalmente no Inverno. Principiando a seguir este Caminho de Cappella, ou povoa-ção de Viamão para o Norte ou milhor para o Oriente pelos lados do Rio Gravatay, a distancia de doze Legoas está a freguzia de Sto. Antonio no-vamente estabelecida em huma lomba nas fraldas da Montanha. Desta Freguezia a distancia de huma Legoa Serra asima, está hum desmonte ou grande corte de mato, que chamão campestre, mais adiante trez Legoas passa o Rio Rolante. De Rolante a coatro Legoas está a ilha que hé outro desmonte de mato; daqui a sahida do campo trez Legoas. Mais adiante huma Legoa mora Pedro da Sylva e deste a distancia de duas Legoas pas-sa o Rio de Sta. Cruz, ou Rio Cahy. Mais adiante huma Legoa mora o Freitas, deste a distancia de seis Legoas está a estancia do Cedro, do Cedro ao Rio das Antas trez Legoas e meya.

Do Rio das Antas a Freguezia contão trez Legoas. Da Freguezia que fica na Fazenda do Leandro ao Rezisto onde termina a largura destes campos no Rio Uruguay contão coatro Legoas. Da mesma Freguezia para o Oriente até encontrar a Cordilheira Geral serão coatorze ou quinze Legoas, e seguindo ao Albardão de terreno para o Occidente até o mato de separação serão trinta Legoas. Este caminho hé o mesmo albardão de terreno até encontrar o mesmo mato, ou bosque, onde ha huma estrad-a aberta, e que se entra, e depois de ter passado mais de meya Legoa se encontra hum campo limpo que terá trez quartos de Legoa em Largura, e de comprido de Norte a Sul serão nove Legoas. Segue-se este Campo duas até trez Legoas para a parte do Sul, e então se encontra o caminho aberto no mato da parte do Leste ou das Missoens e se atravessa o resto do Bos-que para este caminho, que serão coatro legoas de bosque até encontrar os campos das Vertentes Orientaes do Rio Jacuy, que corre no campo em sima da Cordilheyra. Segue-se o Albardão do Terreno pellas Cabecey-ras do Dito Jacuy, que se Rodeia até chegar as Aldeias do Uruguay.

Este Caminho hé todo seco, e limpo e plano capaz para toda a qua-lidade de Condução transporte ou expedição sem mais embaraço que o referido Bosque no qual se pode alargar fazendo-lhe desmontes de mato ou abrir-lhe differentes estradas. A extensão desde as fraldas da Cordi-lheira que corre a Costa do Mar até Missoens são mais de oitenta legoas, e poderão talvez chegar a sem legoas. Este campo da Vacaria e de Mis-soens hé muito mais largo da parte do mato ou parte Occidental do que na estrada atraz mencionada e seguida até o Rezisto, porque o Uruguay faz huma grande volta ou seyo com que augmenta o dito Campo mas delle não se tem feito mais exata averiguação. Alem deste caminho de com-municação com as aldeyas Espanholas que hé o milhor, e o mais franco destes campos da Vaccaria; e excepto o já mencionado para o Continente

do Rio Grande ha mais outros trez caminhos para estes campos da Vaccaria. O primeiro atravessa a Cordilheyra para a parte do Mar, até encontrar nas suas fraldas Orientaes o tronco do Rio Areranguá em hum grande braço, que nasce na mesma Cordilheyra e hé o tronco principal por onde navega até a sua embocadura. Este caminho se affirma ser de igual ou pior difficuldade e aspereza que o já mencionado para o Continente do Rio Grande; e o mesmo se diz do Segundo que hé outro trilho, que atravessa a Serra mais a parte do Norte, e vay encontrar o tronco principal do Rio Tubarão, que dezagua na Barra da Laguna, de que se tratará na Relação da Capitania, ou do Governo da Ilha de Sta. Caterina. O terceiro e ultimo caminho hé o do Rezisto já mencionado que segue pela Villa das Lagens e continúa acompanhando o Lado da Cordilheyra até a cidade de S. Paulo. Esta serventia tambem não hé suave pellas grandes distancias dezertas que se atravessão, com os Rios de nado e maços denssos em que entra o mato de S. João bem conhecido pella sua expressa densidade e não dar pasto ou commodo as bestas, e animaes de condução em muitos dias. Do Rezisto a villa das Lagens contão doze Legoas. Esta villa dizem ser de poucos habitantes, e muito pobres por falta de trafico e commodidade para isso; e nelle não se acha commodo algum.

Todas estas trez partes do terreno que abrange o Governo do Rio Grande de S. Pedro, são limpas de mato nas alturas e planicies secas e os Rios e valles humidos como tambem as encostas das Montanhas são bordadas de matos e madeyras como já se disse, e esta terceira parte ou Campos de Vaccaria abunda em grande parte de pinheiros de admiravel altura e grossura como tambem toda a Cordilheira e Serra Geral. Os seus pinhões são saborozos e grandes como castanhas ou bollotas. Servem a muitos da pobre gente em lugar de pam. As raizes destes pinheyros e os seus troncos revessos abundam em tanta Rezina, e tão forte e faz huma tal liga com as fibras da mesma madeira quee m se fazendo alguma obra torneada desta parte do pinheiro fica toda a obra transparente e muito semelhante a Tartaruga mas com huma cor alaranjada. Os frutos tanto da Europa como da America produzem muito bem em todo este Continente. Com qualquer trabalho recolhem boas seáras e bastantes Legumes. Até o prezente não se tem conhecido hum anno esteril neste Continente; e só se experimentam huns mais frutiferos e de milho colheita, do que os outros mas todos vantajozos. O modo com que esta gente e povoadores costumão viver e habitar estas terras hé bastantemente rustico e agreste. As cazas são humas pobres cabanas sem commodo nem agasalho. Em muitas dellas serve de porta hum couro crú de boi pendurado como cortina. Os mantimentos de que geralmente se servem são a carne de Vacea, e o leite, sem excepção de quaresma ou dia de jejum. O seu trafico hé com bois e cavallos de que tirão os mayores interesses tanto para os particulares como para os direitos reays, porque pagam o quinto destes animaes e couros. As terras fechadas ou terminadas entre as Rayas declaradas nesta rellação todas estão povoadas mas todas dezertas. Cada morador não se contenta com poucas Legoas de terra, intendendo que todas lhe serão

precizas ainda que só se servem de huma insignificante parte junto a sua cabana; e porisso ainda que toda a campanha está dezerta, todos os Campos estão dados e tem senhorios.

O commercio se faz ou pela Barra do Rio Grande em embarcaçoens competentes como já se disse ou por terra para a Villa da Laguna onde embarcão os generos de exportação e desembarcam outros de troca ou piquenas mercadorias. O transporte por terra se faz em Carretas a Castilhana que são huns volumes monstruosos e mal fabricados que occupão huma grande estensão em marcha. As suas rodas o menos que tem são nove palmos de diametro feitas de raios toscamente cortados ao machado. Os seus tubos são huns troncos de arvore cortados em trez palmos de comprido e dois e meyo de grosso ou de diametro não são ferrados nem cavilhados mas só apertados a forma de macho. Os eixos são huns braços de madeira toscos e delgados a proporção da maquina e por isso se destroem com facilidade ou quebrando ou tomando fogo com a frixão. Hé preciso levar alguns de sobreceleste ou ir cortando-os onde se encontrão para suprimento. Os ieitos das carretas tem quinze e dezaseis palmos de comprimento, afora a lança e a largura seis até sete palmos; são acompanhados pelos lados humas paredes altas de palha com hum tecto circular coberto de couros crús de vacca de forma que fica huma cabana ou caza movel. As testas tambem são cobertas de couros pendurados. A lotação de pezo que costuma carregar cada huma destas carretas de molhado são coatro pipas que se transportão em barris grandes, que possam acommodar-se e descarregar-se nas passagens dos Rios e concertos do Eyxo, o qual não tem preza nem charneira no leito da carreta, e se sigura ao seu ingradamento com correyas de couro crú em grande quantidade e muitas voltas e laçadas cujas correyas chamão guascas. São cortadas em forma circular, e porisso de hum coiro inteiro se tira huma só longa correya ou guasca cortada nas extremidades sempre a roda a acabar no centro em hum ponto; e de secco são cento e vinte arrobas, mas contando a tara proveniente para a jornada camas caixas de carpintaria que trazem para as precizagens e outras miudezas e gente de transporte que tambem carregam, chegão muitas vezes a levar mais de trezentas arrobas o que concorre para huma moroza e incerta jornada. Em caminho plano e duro são levados por seis juntas de Bois tanto cheyas como vazias, mas em qualquer piquena rampa ainda que seja doce que encontrem ou em areya branda são precisas des ou doze juntas e muita fadiga e trabalho para se vencer não obstante serem Bois muito fortes e Vigurozos.

O caminho da Costa do Mar hé pellas prayas onde a areya molhada se une e se indurêe tanto como oterreno mais duro, por serem muito finas e proprias para isso. Cada carreta com seus Bois occupa mais de cem palmos de estrada. Nenhuma marcha com menos de trinta ou corenta Bois, porque os que trabalham num dia não ficam capazes de trabalhar no dia seguinte, e hé preciso reserva como tambem descontar alguns que errebentão no trabalho, outros que se matão para comer e alguns que alguma vez carregão as onças ainda apezar de todas as vigilancias. Na

lança da carreta anda pendurado hum páo ou descanso para consolação e alivio dos Bois de couce que sem este descanso ou suporte seria impraticavel suportar qualquer inclinação de tão grande pezo. As marchas se fazem das nove horas da manhã até as trez ou coatro da tarde a grande trote ou largo passo até se encontrar sitio de pasto para os animais, e onde se cuida em todos os individuos o resto do dia. Os Peoens e Carreteiros fazem sentinella aos animaes de noute cercando-os com fogos para afugentar as onças até que de manhã os ajuntam e lascam ao pé das carretas para os forcarem ao jugo, porque estes Bois ou são brabos ou com pouca differença.

Nos trez Rios Arerangua, Mompetuba e Tramandy, estão guardas para averiguar as passagens e passaportes e se os Generos ou Couros tem pago os direitos. No Tramandy se paga a passagem dos trez Rios em que há para isso algumas canoas. Cada carreta paga coatro mil e outro centos reis de ida e volta e cada individuo cento e vinte reis de ida e outro tanto de volta. Chegadas as carretas as bocaduras destes Rios, se descarregão e dispois de vasia as deitam a nadar com duas juntas de bois forcados a carregalas até a outra margem por hum bom nadador que vay na mesma carreta. O resto dos animaes tambem os violentão a passar nadando, e como esta passagem se faz nas bocaduras dos Rios principalmente o Areranguá e o Mompetuba e a agoa corre com violencia chegão algumas vezes a enfraquecer os animaes, e deixarse levar pella correnteza sem que toda a vigillancia o possa impedir e se vão perder no Mar. Todos estes rios são largos e fundos etem de tronco e embocadura mais de cem braças de largura. No tempo de chuvas não costumão andar carretas, que os Rios alargam muito mais e augmenta consideravelmente o perigo. O modo da criação dos Bois e cavalos tambem hé tal que o permite a natureza. Deixão-se crescer e ter produção nos campos sem mais cuidado que o de os perseguir todas as tardes a largo galope até os ajuntarém no meyo de hum grande campo, limpo de matos onde costumão ter huma estaca ou páo verticalmente que serve de ponto de vista e termo fixo a roda do qual dormem os animaes perseguidos da batida do campo. A este lugar chamão rodeyo. Servem-se tambem de alguns cercados ou grandes curraes diante da sua porta, onde recolhem de noute algumas vaccas de leyte aquellas pessoas, que tem curiozidade de fazer queijo e amanteiga. No tempo conveniente ao transporte matão todos aquelles Bois, que podem ter couros de valor dos doze até dezaceis tostois, que hé a sua mayor renda e colheyta; eacarne, que não podem comer dexão no Campo as aves de rapina deque abundão aquelles terrenos. Semea-se algum trigo pouco, em huns cercados, ou grandes ortas, que formão com madeyras, que tirão dos matos, sem ordem, nem escolha, porque nnehum intente, nem pertende firme estabelecimento nesta Provincia, que julgão será com facilidade invadida pellos Castilhanos. O trigo valia a seiscentos ecorenta reis calqueyre, que julgão que hé huma medida dobrada, ou hum pouco mais dedobrada da de Portugal. O cuydado que costumão ter dos pastos, que abundão em grandes ervagens, hé poremlhe ofogo na estação mais cal-

moza, e ardente para produzirem novas ervas, quando lhe chova; e tambem para terem o Campo limpo de embarazos para as suas pastagens, ebatidas. Os Tigres, ou onças, que vivem sempre emboscados por aptidão enatureza, tambem fogem de atravessar estes Campos limpos tanto de dia, como de noite; e esta hé a mais forte razão de juntarem os gados em lugar retirado de bosques, e arvoredos. Por semilhante methodo são quaze todos os costumes, e trafico destes habitadores; e seria hum fastidiosa, e insuportavel rellação, querer aqui declarar tudo, e todas as suas circumstancias.

Detodo orefendido sepóde muito bem inferir, que hum tal Povo, criado com estes prejuizos, ou criado naforma declarada segundo as suas inclinaçoens, e estado da natureza, onde geralmente todos intendem não ser praticavel mudar, nem melhorar, sera difficil reduzilo a millhor forma, sendo tam arreygados, e constantes nos seus costumes; eque este Pays anda cuidandose na sua millhoração e População não pode em poucos annos, ou talvez em ceculos, sem hum vigor extraordinario, cariscado ser capaz deter, e fornecer aquellas forças, que precisa hum tão extensa Raya. Qualquer Plano, ainda que não fosse omais ajustado; julgo que faria bom efeito nestas terras sendo executado; mas essa hé toda adificuldade; e se havendo hum homem de Luzes claras, e dezabuzado, conhecedor do terreno, e de modo de conduzir, e desviar as aguas, ou aciencia hydraulica, não ignorante das Mechanicas, e artes mais necessarias naquelle Paiz, instruido nos systema Politico, que para ali se julgar mais conveniente; de san e inteira consciencia, e permanente na justa razam, e Plano humavez determinado, e aprovado com Poder, e autoridade para fazer executar com aquella moderação e modificação que permittisse o tempo, e as circumstancias, tendo forças, e genio para acodir a differentes partes sempre, que for necessario, poderá vencer com trabalho, e tempo alguma millhoração, de outra forma he preciso esperar a incerteza, da mudança dos tempos, e das Epocas, nem bastão muitas ordens bem intendidas, sem talvez faltar boa vontade de a executar, a quem forem mandadas; porque a ignorancia, e apossados prejuizos, não poderão ter moderação. Para se formar este Plano, he de summa importancia attender a extração dos generos e para onde; porque de nada serviria a millhoração, a abundancia de generos, se estes não poderem se extrair e ter consumo.

Quanto á defesa deste Continente até o presente tudo quanto se tem feito he pouca cousa. Não se tem passado de huns reductos de terra tão pequenos, q' não admittem guarnição, nem quartel. São de baixo Perfil, mal construidos com parapeitos delgados e barbete. Algumas, Pessas de Artilharia mal montadas, e em partes sem plataformas. Tudo esta entregue a hum simples sentinella; porque a goarnição vive fora em alguns ranxos, e cabanas de palha como podem e permitté a situação. Os armazens de Polvora e petrechos; ou são outras cabanas com pouca millhoração, ou carretas cobertas de couros, com sua porta na rabada, que se lhe ajunta hum fechadura. Estes são aqueles Fortes que tem algum tratamento. De outros se existem alguns vestigios, como succede ao de Sao

Caetano das Barrancas, e ao da margem do Rio Taquary, sendo o terreno deste e sua posição, de tao ma escolha q' em huma cheya do Rio sobio a agua até quase o Botao do pao da Bandeira; e a goarnição se salvou em huma canoa, rompendo o tecto do Quartel; e por isso se abandonou e vive a goarnição retirada no logar atraz declarado na freguezia do Taquary.

Em geral todo o Rio Guayba e Jacuy abaixo da Cordilheira, e todos os outros Rios, que nelle desembocao são sujeitos a semelhantes cheyas. Os campos das suas margens que não se levantao acima de corenta ou cincoenta palmos do leito dos Rios, são inundados nos tempos das ditas cheyas; porque as chuvas são neste clima muito copiosas; o terreno grande que neste Rio se exgota, e o rio com pouca saida e expedição, como consta da sua construcção já detalhada. Hum quase igual acontecimento succede a todos os Rios, que desaguam na Lagoa dos Patos.

Até o presente toda a attenção á respeito das fortificaçoens deste Continente tem sido a bocadura e entrada da Barra do Rio Grande de São Pedro, e a dos arredores do Rio Pardo; sendo que a primeira ainda que necessaria e de importancia, tem esta cituação suas difficuldades para grandes invazoens como se deixa ver das noticias já ponderadas; e a segunda he em hum logar, supposto que tambem muito bom não pode nem lhe fica no alcance tantas e tão grandes extensoens de raya, todas francas de boas, e seccas passagens, e embom terreno, acrescendo mais que este logar huma vez cercado, ou bloqueado, em qualquer parte contra a Serra, e Cordylheira, não pode subsistir muyto, nem a goarnição ter retirada; razão porque este citio me parece conveniente para hum bom deposito de donde se possam soccorrer os logares parciaes, e importantes, que devam segurar e goarnecer a Raya.

Até agora nenhuma attenção tem havido a respeito dos campos da Vaccaria, ou de sima da Serra, tao destacados e tao difficeis de se soccorrer por sua cituação, já expressada, e que dam franca e boa entrada da parte das Missoens Espanholas, as quaes sao bem assistidas por sua franca navegação com as Provincias confinantes do Rio da Prata; e donde se pode ajuntar gente e munisoens sem serem presentidos, nem averigoados; e se pode por estes campos picar a communicação de todo o Continente do Rio Grande por terra, naquella picada ou estrada do Rio Araranguá; e para expulsar qualquer força que se apodere destes logares, que podem tão francamente ser soccorridos dos Dominios de Espanha, não he tao facil no estado em que se achao os estabelecimentos Portuguezes.

Os que naquelle Continente prezumem saber dos interesses dos Governos de Espanha, intendem, que os espanhois tem em vista e pertendem a conquista de todas as terras abaixo da Cordylheira ate Torres, com o titulo de poderem desta forma evitarem os contrabandos, e passagens do gado, que se lhe extrahe para esses terrenos; sendo esta tambem a mayor razão de se esforcarem a conservar a Villa de Rio Grande, e mais terreno, tomado ate Castilhos, contra todo o direito, e fé publica; alem de ser tambem este Rio hum porto franco, e comodo para toda a parte. Eu creio que esta ideia hé talvez annunciada, ou revelada pelos mesmos

Castelhanos, a qual desanima muyto aquelle povo a não se dar por seguro, e esforçar-se a melhores e mais solidos estabelecimentos. Tambem julgo, que estas vistas dos castelhanos, se são taes trarao mais alguma vantajosa ideya. O certo he que os Estados do Brasil na forma muytas vezes acordada nos Tratados, desde o Equador ou Rio de Amazonas, até a latitude de trinta e cinco grãos ao sul, ou Bocadura do Rio da Prata; estando fechados com estes dois Rios tão prodigiosos. Cituado todo este vasto dominio em huma posição central ao commercio, e pasagens de todas as navegações mais praticadas e interessantes, sendo toda a sua marinha abundante de bons e famosos Portos de toda a qualidade; os seus rios, vastos limpos e pacificos, e livres de todo e cõmandamento e vizinhanças de receiar; as suas terras todas ferteis e fortes, e que ou produzem ou são capazes de produzir, segundo a escolha do lugar, e clima, toda a casta de frutos e culturas conhecidas, no mundo, e que abundão de imensas madeyras para toda a casta de manufacturas; e no qual se encontram todos os differentes mineraes, e pedras preciosas, em mais ou menos quantidade. Se huma vez chegasse a por-se no estado de se tirarem as vantagens, de que elle he capaz, certamente faria respeito e veneração a qualquer potencia. Esta he a razão porque eu me capacito que os Castelhanos nunca podem deixar de pertender alguma cousa mais. Elles ja tem vencido bastante e conseguirão dar hum bom corte no terreno mais proprio e natural aos Europeos pela sua semilhança de clima e estações; e que he o que produz a mais forte, e mais robusta gente, de forma que até os Indios nacionaes, e os Boys, e gados, fazem huma differença consideravel em estatura e robustez.

Daqui infiro que seria conveniente fazer hum bom Estabelecimento, como tambem alguma firme e solida defensa, daquella forma que parecer mais propria, e conveniente aos intereces e pertencões do Estado; porque desta forma vendo os habitantes que os Estados estão, e se considerão em segurança, e inalteraveis, não continuarão naquella dezordem, e desconfiança, que afroxa e dezanima, e poderão esforçarse a melhor forma, e Estabelecimento.

He difficultozo a qualquer resolverse de presente na escolha ou no modo da segurança destes terrenos. As forças militares consistem em Exercitos e Praças. Estas não podem ter subsistencia em hum Paiz deserto, e falto de Povoações e Culturas; alem de que aquelles terrenos todos são francos e a bertos em huma tão grande extensão de Raya; nem ha passagens certas e determinadas, pela natureza; porque destas as que ha estão em poder dos Castilhanos, que de nenhum modo as querem ceder. A Raya fica em testa toda com a Espanha, sendo fotsada a sustentarse contra as invazoens, desta grande Potencia; e os terrenos aqui com muyto vantajosa assistencia, e proximo soccorro das suas Provincias confinantes; o que succedepelo contrario aos dominios Portuguezes. Hum numero de Praças sufficientes não he de lembrar, nem podem ser assistidas, e fornecidas. Hum pé de Exercito que fosse proporcionado ainda he de mais avultada despeza, e carece mayor subsistencia. A Provincia não

tem rendimentos nem os que lhe podem assistir para conservação destas enormes maquinas. Piquenos reductos na forma do costume desle Pays, só servem para consumir cabedaes, e fatigar goarniçoens. Desta forma não pode haver escolha e determinação em quem julga pello que vê, e reconhece, e por isso aqui não ha outro meyo, que seguir as ordens superiores, dimanadas do Ministro, ou de S. Magestade, a quem compete dispor de seos dominios como lhe parecer o que não deve importar a nenhum vassalo.

Todo o referido se porle muito melhor compriender a vista da Carta que construi na melhor forma, e regularidade que me foi possível destes terrenos, desde o Rio da Prata até o salto grande do Paraná, em que se vem marcadas todas aquellas montanhas, Rios e passagens mais conhecidas; porque o terreno Central, ao que acabei de expor nesta Relação he bem pouco ou nada conhecido na passagem da Raya, e todo emboscado e habitado de Naçoens Selvagens, e Infieis; como tambem de animaes venenozos, e ferozes, nem estes terrenos se podem trilhar sem grandes precauçoens.

Lisboa, 21 de Junho de 1781.

Francisco João Roscio.

Trecho de uma carta do Governador do Rio Grande do Sul brigadeiro Francisco João Roscio a Dom Fernando José de Portugal, remettendo copia do Memorial que sobre o Continente do Rio Grande apresentara ao então Governador do Continente tenente general Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, em 18 de Agosto de 1797.

A Copia da informação, que por ordem do Ilmo. e Exmo. Tenente General Gov.^{or} que foi deste Continente, lhe dirigi em 18 de Agosto de 1797, tem por objecto dispensar-me no estado actual (em que a repentina brevidade e urgente motivo de encaminhar esta participação o não admite) formalizar outra de algúa forma mais adquada a representar (a vista das extençoens e tropessos conhecidos, e examinados, e da natural impossibilidade de poder pessoalmente presidir nos distinctos Lugares de Fronteira tão extensa, nem conhecer meios de examinar a tempo opportuno aonde poderei ser mais util e necessario) na superior presença de V. Exa. os motivos conhecidos da debilidade, em que está este Governo com obrigação de atender a húa Raya muito mais extensa, que a mencionada na sobredita informação por causa dos terrenos addicionados; e conquista dos Sete Povos de Missoens. Porto Alegre 5 de Novembro de 1802. Francisco João Roscio.

COPIA-18-Ag.-1797. Ilmo. e Exmo. Senhor. Bem quizera eu de

(Fls. 137. Coll. 104. Vol. 13. "Correspondencia dos Governadores do Rio Grande do Sul").

todo o meu coração saptisfazer completamente ao contheudo da Carta com que V. Exa. me honra, e favorece na data de 9 de Junho proximo, precedente; mas parece empenho do meu destino obstinar-se em opposição aos meus desejos, e ao devido reconhecimento das minhas obrigaçoens. Não obstante procurarei quanto me he possivel fazer constar a minha prompta obediencia, manifestando os puros sentimentos do meu Espirito, que certamente aspirão ao mais cabal desempenho do meu dever.

Diz V. Exa. que para informar ao Exmo. Senhor Secretario de Estado desta Repartição: se este Continente junto com a Ilha de Santa Catharina podem formar húa Capitania separada das outras, desejava mandar hum Mappa do mesmo Continente, ou cousa que o valha, e entende que para esse fim eu poderei fornecer algum trabalho, que haja de servir.

Quando tive a honra de acompanhar a primeira vez a V. Exa. a este Continente em 1774 hé certo, que recebi ordem do Ilmo e Exmo. Senhor Vice-Rey do Estado, como V. Exa. sabe, para ajuntar todas as memorias e observaçoens, que podesse, afim de formar hum plano do estado, e extenção do mesmo Continente. Ainda que ao receber a citada ordem me achava escuteiro, sem instrumentos, nem disposição algúa propria a trabalhos tão importantes não deixei de o emprender no modo possivel: E com Portaria deste Governo para os auxilios pessoasas pratiquei varias jornadas, e notei do terreno, segundo se representou á minha vista, quanto permitião as circumstancias de semelhantes transitos, arrebatados, irregulares e incommodos.

Com estes froxos materiaes, e algumas informaçoes de pessoas mais intelligentes, formei um Mappa Militar Geografico de distancias arbitrias, de que dei algumas copias, declarando nas minhas rellaçoens que podia de algúa forma servir emquanto não se conseguia outro melhor. Sey que havia copia deste Plano em poder do Ilmo. e Exmo. Senhor Martinho de Mello e Castro; e he natural que passasse a do seu successor. Repetir presentemente outra Copia deste Plano me persuado não ter cabimento. Temos o trabalho da actual Demarcação de Limites, que abrange toda a Fronteira do referido Continente; e está ellezado com methodo Geografico, avultada despeza, e competentes instrumentos; porrem falta unir as diferentes porçoens do mesmo trabalho, e adicionar o interior e mais resto da Provincia para se poder ter o Plano completo, que V. Exa. pertende.

Proguntei ao Capitão José de Saldanha, se haveria em seu poder sufficiente material para ajuntar ao sobredito da Demarcação. He certo, diz, que tem alguns retalhos, que para esse effeito havia emprendido por ordem de V. Exa., mas são poucos, e ininteligiveis.

Sendo preciso que ele assista a sua união, afim de poderem ter serventia, e dipois mandar ao Campo a elevar ao menos algumas partes essenciaes para não ficar de todo confuso, e inatendivel o mesmo Planno. Fico reduzindo os sobreditos borradores do mesmo Capitão para adicio-

nar aos Planos da Demarcação; e o que faltar se ellevará pellos Geógrafos menos occupados, afim de satisfazer, o que V. Exa. me ordena, com a possível brevidade, que admetirem as circumstancias; fazendo constar a V. Exa. a tempo opportuno para a providencia dos indispensaveis auxilios.

Porem como húa informação que se pede talvez não admitte a lentidão indispensavel deste trabalho, me persuado se poderia supprir provisoriamente, de algúa forma com hum calculo ordinario, deduzido de distancias conhecidas, e averiguadas, o qual se não desviará muito da verdadeira exactidão: podendo correger-se ao depois com o verdadeiro Plano para a rectificação, do que se detreminar.

Conjecturo que V. Exa. presentemente procura certificar-se com a exactidão possível, da formal e distinta postura, e extensão da Raya confinante com os Dominios de Espanha, para formar o seu Plano de defesa, e segurança tanto na Paz como na Guerra; e por consequente lhe será tambem necessario huma noticia geografica da superficie dos terrenos, suas vantagens, communicação das differentes partes, que a compoem e embarços que difficultão o haverem de entre soccorrer-se mutuamente segundo as urgencias e circumstancias, que se devem prevenir.

Como para estes fins não bastao as disposições e os Planos mais bem imaginados, conceituo ser igualmente preciso indicar as vantagens que offerecem os mesmos terrenos para o commercio e exportação dos seus generos etc. afim de se formar juizo certo, ou ao menos provavel dos rendimentos indispensaveis a húa Provincia, ou Capitania independente das outras, e talvez com maior carga pella approximação da Fronteira com o Vice-Reinato de Buenos Aires, com quem deve entrar em parallello. Com estas vistas e nesta intelligencia vou a propôr o melhor e mais succinto que alcança a debilidade do meu juizo, e segundo os conhecimentos, que se tem conseguido e averiguado do terreno.

Principia este Governo do Continente do Rio Grande de S. Pedro na Costa do Mar Atlantico, ou do Brasil da parte Septentrional em hum Logar, ou Cerrito chamado Conventos, situado junto á Praya na latitude Austral de 28° — 57' ao Sul do Rio Araranguá em pouca distancia. Termina presentemente no marco que se collocou junto á mesma Praya em 2 de Outubro de 1784 na Latitude Austral de 33° no Albardão de Joanna Maria ao Sul da Barra do Rio Grande a distancia de vinte Leguas. Assim se demonstra que a differença de Latitude na extensão de toda a Costa do Mar he de 4° — e 3' —. E porque esta Costa está na direcção de Nordeste com pouca differença, ou mais bem de Nordeste 4^a a Norte, por esta razão a extensão de Conventos até á Barra, ou embocadura do Rio Grande, he de oitenta Leguas, e todo o comprimento da Costa do Mar deste Governo de cem Leguas, das quaes vinte fazem hum gráo de circulo maximo.

Do marco extremo já mencionado segue a Raya costeando as Lagoas de Mangueira e de Merim, continuando pellas vertentes meridionaes do Rio Pyratiny até as cabeceiras septentrionaes do Rio Negro, junto ao

Logar do Forte Espanhol de Santa Tecla, cuja distancia em linha recta são quarenta Leguas. Esta situação na qual acamparão as Partidas de Demarcação em 1786, está collocada, segundo as observações dos Geógrafos, das mesmas Partidas, na Latitude de $31^{\circ} - 16' - 21''$ — e na Longitude Oriental contada da Ponta occidental da Ilha do Ferro de $324^{\circ} - 1' - 46''$.

Deste logar segue a Raya com suas voltas ao rumo geral para o Norte até Monte Grande e Goarda Espanhola de S. Martinho aonde se fizeram as observações seguintes: Latitude $29^{\circ} - 33'$. Longitude $324^{\circ} - 11' - 26''$. A distancia recta do Forte de Santa Tecla a este Logar: 34 Leguas das quaes diminuindo duas de picadas e subida do monte, restao trinta e duas, que adicionadas as quarenta mencionadas na Costa do Mar até Santa Tecla, vem a ser toda a linha da Raya que offerece esta Provincia aos Dominios de Espanha setenta e duas Leguas em terreno baixo, franco, limpo e igoal, cujas circumstancias mais atendeveis só tratarei de passo no seguimento desta Rellação; por serem bem conhecidas, e examinadas por V. Exa. pessoalmente.

Na continuação da Raya daqui para o Norte me he mais embaraçoso encontrar pontos firmes, para determinar o que actualmente pertence aos Dominios de Portugal. A cordilheira que atravessa esta situação, os Bosques cerrados, de que he coberta, e que seguem mais ou menos espessos da parte septentrional, occupados em grande parte por indios selvagens, e os poucos ou nenhuns transitos destes sertoes pelos Portuguezes, fazem este terreno desconhecido para o objecto de que trato; porem sempre me esforssarei a dar alguma ideia o melhor, que poder, e que me parece não será de todo inutil ao fim, que se pretende.

Segundo as averiguações, e Planos, que ellevarao as Primeiras Subdivisões em 1788, os Campos de Vaccaria terminao da parte do Norte, em hum galho ouvertente para o Uruguay, conhecido com o nome de Rio das Pellotas, em cujo passo está postada a ultima Goarda desta Provincia, denominada Goarda de Sta. Victoria, destinada a rezistar os Passaportes, e direitos de entrada, e sahida etc. Este galho corre de Leste para Oeste, na Latitude de 28° com pouca differença, e os Campos mencionados terminao da parte de Oeste em hua picada no mais alto do terreno, que passando os Bosques das cabeceiras orientaes do Rio Jacuy, e galhos meridionaes para o Uruguay, deixando de entremeio hum campestre que se conhece com o nome de Campo do Meio, continua a atravessar os citados Bosques até sahir ao Campo limpo das cabeceiras septentrionaes e occidentaes do sobredito Jacuy. Esta campanha pertendem os Espanhões appropriar aos Povos das Missoens do Uruguay. A primeira picada da parte da Vaccaria tem quasi duas leguas de extensão recta: o Campo do meio seis leguas e meia, e a ultima picada da parte de oeste, ou das Missoens tres Leguas.

Para detreminar a Raya actual desta parte da Fronteira concidero hua linha recta da Goarda de S. Martinho até o principio do campo da Vaccaria da parte mais occidental, cuja linha segue conforme o men-

cionado Plano no rumo Nordeste quarta a Leste com pouca differença, e abrange hua extensão de cincoenta Leguas, pouco mais ou menos: vindo assim a sommar toda a linha da Raya deste Continente confinante com os Dominios de Espanha cento e vinte e duas Leguas de extensão.

Mas, se se considerar a Raya até encontrar o referido Rio das Pello-tas, seguindo até o Uruguay como parece mais natural será preciso addicionar pelo menos mais vinte Leguas na mesma direcção.

Como não ha exame algum methodico que assignale a exacta extensão da linha, ou frente da parte do Norte, em que terminao os limites deste Governo com o de São Paulo, e he necessario para o calculo que proponho, concidero que não se afastará muito da verdade o modo seguinte:

Das observaçoens astronomicas praticadas na Villa da Laguna em 1783 rezulta estar aquella Villa cituada na Latitude Austral de $28^{\circ} — 29'$ e na Longitude Oriental de $329^{\circ} — 16'$. O Povo de Sto. Angelo de Missões he o mais oriental, e mais septentrional dos Povos Espanhoes nossos confinantes nesta parte meridional, e segundo as observaçoens nas Partidas da actual Demarcação está cituado na Latitude de $28^{\circ} — 18' — 13''$ e na Longitude de $323^{\circ} — 42' — 52'' \frac{1}{2}$. E porque estes dois Logares differem pouco do mesmo Parallelo como se vê exposto: A differença de Longitude determinará exactamente a sua distancia entremedia; e vem consequentemente a haver do Povo de Sto. Angelo ao Meridiano da Laguna $5^{\circ} — 33' — 7'' \frac{1}{2}$, que equivalem a noventa e sete Leguas e meia com curta differença: E como do mesmo Povo de Sto. Angelo ao Campo da Vaccaria no seu extremo occidental junto ao mencionado Rio das Pello-tas aonde eu concidero o fim da Raya fronteira aos Dominios de Espanha, ha em distancia recta quarenta e sete Leguas com muito pouca differença, vem a restar deste extremo á Villa da Laguna cincoenta Leguas e meia de distancia recta.

Nesta extensão devo conciderar hum ponto que separe o limite deste Governo do da Laguna ou Sta. Catharina e não havendo certeza alguma do dicto ponto conceituo ser o mais racionavel dividir ao meio a mesma extensão vindo assim a ficar este lado septentrional do Governo do Rio Grande de vinte e cinco ou vinte e seis Leguas.

Falta para o completo de todo o circuito dos limites do Continente do Rio Grande saber a distancia do ultimo ponto, que acabo de indicar, até o primeiro e mais septentrional da Costa do Mar no cerrito chamado Conventos, perto da fóz do Rio Araranguá, da parte Meridional. Esta distancia se conhece pelo Plano no rumo de Norueste, Sueste, com pouca differença e são vinte Leguas.

Formada desta sorte hua figura irregular de seis lados que circundão e comprehendem toda a extensão desta Provincia, no modo que me pareceo mais conforme á natureza e circunstança do terreno, e feito hum calculo ordinario de sua superficie, rezulta ser esta de quatro mil quatrocentas e setenta Leguas quadradas, em que julgo não haverá erro

sensível, depois de construído o Plano que estou trabalhando com vigilante cuidado.

A terça parte deste terreno se pode considerar separado, e distincto, por hua linha tirada do sobredito ponto, e Goarda Espanhola de S. Martinho até á Costa do Mar, no sitio que chamão Torres, aonde está a nossa Goarda avançada da parte do Norte. Esta terça parte he hum terreno ellezado interceptado por hua Cordilheira, que o cerca da parte Meridional e Oriental, e que presentemente se conhece com o nome de Campos de Sima da Serra, e da Vaccaria. Tem no estado actual hua só communicação com os terrenos baixos que formão a melhor e mayor parte do Governo.

A sobredicta communicação he hum tranzito que principia na Freguezia de S. Antonio e atravessa hua extensão de doze Leguas de aspero e trabalhoso caminho, que só dá passagem a pé e a cavallo com bastante encommodo.

Os Campos da Vaccaria he hua extensão entre o Rio das Pellotas, já referido, e o Rio das Antas, original tronco do Taquary, que desagoa no Guayba, dez ou doze Leguas distante de Porto Alegre agoas assim. Este Campo formado por hum Albardão de separaçoes de agoas para os mesmos Rios he de moderada altura e igoaldade, risonho, limpo e de larga e agradável vista.

Da parte Meridional segue-se outro, que chamão Campo de Sima da Serra, banhado com agoas, que entrão no mencionado das Antas, e em outros dos quaes huns correm para o sul, atravessando a Cordilheira, e vem formar os Rios Cahy, dos Sinos e Gravatay, que desagoão, e se ajuntão no Guayba, em hua embocadura commua junto a Porto Alegre. E outros para Leste que formão os Rios Mompituba e Tramanday, que entrão na Costa do Mar.

Estes dous mencionados Campos assim unidos fazem hua só campina, que terá pouco mais ou menos vinte e cinco Leguas, tanto de largura como de comprido, e por consequente seiscentas e vinte e cinco Leguas quadradas, quando mais, na sua superficie que he cercada de Bosques Silvestres. Alem da communicação com este Continente tem caminho para a Villa das Lagens e S. Paulo, e a picada mencionada para Missoens. Tem mais duas picadas para a parte da Costa do Mar que são de agreste transito: Hua sahe ao Rio Araranguá já citado: e outra ao Rio Tubarão, que forma a Barra da Laguna. Poderá ter outra para os Povos de Missoens, como algumas vezes ouvi, mas não são conhecidas e supponho ser conjectura.

Presentemente se descobrio outro campestre, quando se perseguirão os Barbaros, que atacam algumas Fazendas deste Continente, immediatas á Cordilheira, o qual dizem não ser pequeno. Nele se encontrão alguns Boys de Jugo, e fragmentos de Carretilhas, pelo que se deve inferir que os Indios das Missoens algumas vezes vão aly utilizar os Ervaes silvestres, que não faltão naqueles Bosques. A sua situação não pode ser outra que nas vizinhanças da Vaccaria e Sima da Serra entre as vertentes

tes do Rio Taquary, e as orientaes do Jacuy que o banhão; e talvez as do Rio Pardo, e Butucaray, com as quaes deve intestar e dar-lhe hua frente assim como outra aos Campos de Missoens, pela linha que eu imagino de S. Martinho até o Rio das Pellotas, como fica exposto.

As outras duas terças partes do terreno, ou Campanha abaixo da Serra, conhecidas vulgarmente com o nome de Continente do Rio Grande, he presentemente por sua situação, e circumstancias mais favoraveis á cria de Gados, e á exportação de seos generos por meio de navegação, a que pode melhor contribuir para o estabelecimento de População, e por conseguinte para as indispensaveis despezas.

Na Costa do Mar, que forma o lado oriental desta Campanha desagoa na Latitude de $32^{\circ} 7'$ o Rio Grande de S. Pedro cuja embocadura tem de largo setecentas braças mais ou menos, segundo a abundancia das aguas, e mudança da dicta embocadura, que não he firme, e permanente no mesmo lugar.

Para entrar nesta Barra se deve attender alem do banco de areya movel que a cobre, e a faz perigosa, e embarasada ser preciso que não demandem mais de quatorze palmos de profundidade de agoa, a que algumas vezes está reduzida.

Dirige-se o canal da navegação deste Rio para o Norte com pouca differença até á distancia de seis para sete Leguas aonde se ajuntão as agoas das Lagoas de Merin, e dos Patos, que formão todo o seo cabedal. E neste lugar perde o nome de Rio Grande. A sua margem oriental he formada em terreno baixo até a Ponta Raza em hua Ilhota na entrada da Lagoa dos Pattos, chamada tão bem dos Pattos. A occidental interrompida com o Sacco da Mangueira, que separa a Lingoa de terra, chamada Pontal junto á citada embocadura e ponto da Mangueira, aonde principia o dicto Sacco, o qual e o Largo seguinte da parte occidental estão separados por hua Lingoa estreita de terreno, em cujo ponto oriental está cituada a Villa do Rio Grande de S. Pedro, primeira povoação deste Continente.

O Largo que acabo de indicar he occupado por varias Ilhotas das quaes as maiores são a dos Marinheiros, a do Marçal de Lima, e a de Torotama. As demais são pequenas e pouco dignas de attenção. No terreno occidental deste Largo em que principia a denominação de Rio de S. Pedro como fica expressado, se ajuntão as agoas das duas mencionadas Lagoas, na forma seguinte: Desagoa da parte Meridional a Lagoa de Merin, por hum canal ou sangradouro conhecido pelo nome de Rio de S. Gonçalo, cuja extensão recta he de dez Leguas e um terço, e a sua navegação de doze Leguas e meia. Neste canal alem de alguns pequenos arroyos desemboca o Rio Piratiny da parte occidental, o qual tira vertentes em distancia de vinte Leguas e meia. O terreno que banha este Rio está povoado com Estancias Portuguezas.

A Lagoa de Merin declarada neutra, que termina na entrada Meridional do sobredicto canal, na Latitude de $32^{\circ} 9 \frac{1}{2}$ minutos tem sua origem na de $33^{\circ} 37'$ na foz do Arroyo S. Miguel em hum Sacco conhecido

com este nome. A sua mais breve navegação de hum a outro extremo he de trinta e cinco Leguas e meia. A lingoa de terra que separa esta Lagoa da Costa do Mar, está interrompida com a Lagoa da Mangueira, que a separa em duas. Da parte occidental recebe varios Rios e Arroyos como o de S. Luiz, Saboiaty, Taquary, Jaguaron etc. cujos terrenos em disputa, e recurso não são do presente objecto.

A Lagoa dos Pattos que perde este nome no logar em que principia o Rio Grande, na angustura de Pellotas, não está ainda exactamente averigoadá. Concidero a sua extensão em pouco mais de quarenta legoas e a sua maior largura de dez Legoas, pouco mais ou menos. A Lingoa de terra que a separa da Costa do Mar, tão bem está interrompida em diferentes partes com pequenas Lagoas, das quaes a maior he a que chamão de Campo Bom, junto ao Bojurú. Na costa occidental da sobredicta Lagoa desagoão varios Rios e Arroyos, dos quaes os mais notaveis são o Rio Vacacuan, que tem o seu nascimento junto ao Fortê Espanhol de Sta. Tecla e intesta com as cabeceiras do Rio Negro. A navegação que pode admittir este Rio ainda não está conhecida. Elle he rapido, e violento, não permite o melhor commodo a este respeito.

Desagoa tão bem o Rio Guayba perto do extremo septentrional da mesma Lagoa entre dois Serros ou pontos altos chamados de Itapuã. E daqui segue o Rio para o Septentrião com o nome de Rio de Itapuã até a distancia de nove Legoas pouco mais ou menos, aonde está a Villa de Porto Alegre, situada em hua ponta de terra da parte oriental, e neste logar se ajustão as embocaduras dos Rios Gravatay, dos Sinos, e Cahy, que tirão agoas dos campos de Sima da Serra, como fica exposto; e a do Rio Guayba que corre do occidente com as circumstancias, que adiante se dirão. As embocaduras destes quatro Rios se comunicão por diferentes cannaes separados com Ilhas, e Ilhotas alagadiças com as grandes cheias; mas todos emboscados e cobertos de espessos Arvoredos Silvestres.

Segue o Rio Guayba agoas assimá até á distancia de doze Legoas de navegação com fundo, e riqueza de agoa em todos os tempos para as embarcaçoens capazes de entrar na Barra do Rio Grande de S. Pedro, sendo este logar aonde se lhe ajunta, da parte septentrional o Rio Taquary já citado, que tira agoas dos Campos de Sima da Serra e Cordilheira da Costa do Mar. Junto á embocadura deste Rio, da parte oriental está postada a Freguezia do Senhor Jesus do Triumpho.

Continua a navegação do Guayba mais dezoito Legoas aonde lhe entra o Rio Pardo: da mesma parte septentrional. E está semelhantemente collocada a Freguezia e Povoação deste nome. Porem esta navegação já he coartada a embarcaçoens de menor porte, mas assás sufficiente para toda a condução e commercio.

Prosegue o Guayba mais tres Leguas, aonde recebe da parte Meridional o Rio Pequery, e perde o nome de Guayba, continuando até suas vertentes originaes com o de Jacuy. Estas vertentes ou cabeceiras tem sua origem assimá da Cordilheira nos campos mysticos aos das Missoens

Espanholas do Uruguay, alem de outras emboscadas da parte oriental, que estão pouco conhecidas.

Fóra dos referidos Rios desagoa na margem Septentrional o Rio Butucaray, e differentes outros Arroios menores. E da parte Meridional os Rios Vaccacay, de S. Sapé, de Sta. Barbara, Itapuá, Capané, Capivary, Arroio dos Rattos, e outros menores.

Das rellatadas circumstancias se conhece haver hua parte não pequena deste Continente que se deve rebaixar do numero de suas Leguas quadradas, por estar occupada com Lagoas, Rios, Logares alagadiços, e a Grande Cordilheira coberta de espesso Bosque, como tão bem outros Bosques menores, mais ou menos extensos nas margens dos Rios e espalhados nas Campanhas.

As povoações deste Governo se podem nomear pellas suas Paroquias, ou Freguezias, e são: A do Rio Grande de S. Pedro com duas Capellas Filiaes: hua no Povo Novo de Torotama: e outra no Canguçu: A Freguezia do Estreito com Capella na Povoação do Norte do Rio Grande; A Freguezia de Mostardas; A de Viamão; A de Porto Alegre; a do Senhor Jesus do Triunfo; a do Taquary; A de Sto. Amaro; A do Rio Pardo com hua Capella Filial na Encruzilhada; A da Cachoeira, tão bem tendo presentem. *te.* Capella Filial em Caçapava; a de Sto. Antonio; a Freguezia de N. Senhora da Conceição do Arroio e ultimamente a dos Campos de Sima da Serra e Vaccaria: Sendo as mais concideraveis destas Povoações a de Porto Alegre: a do Rio Grande, e a do Rio Pardo. Os demais estabelecimentos são Fazendas de Gados, com poucos Povoadores, e alguns Escravos e Peaens.

O Governo da Ilha de Sta. Catharina principia da Parte do Norte na Costa do Mar, como duas Leguas e meia ao Norte da Barra do Rio de S. Francisco, no marco de Divizão postado perto do Rio Sahy. E termina da parte do Sul no Cerrito chamado Conventos assima mencionado. Conceituo esta extensão de sessenta Leguas, ou pouco mais.

As povoações deste Governo todas abeiráo a Costa do Mar, por serem os interiores cobertos de Bosques Silvestres, e Montanhas pouco examinadas, razão por que não se pode prezentemente dizer com precizáo o fundo ou largura na extenção de terreno, que lhe pertence. Persuadome ser dez até vinte Leguas, segundo as differentes torturas com que está situada a Cordilheira Geral relativamente á Costa do Mar, a qual da Laguna para o Sul está postada na direcção de Nordeste, Sudueste, e dahi para a Parte Septentrional na de Norte Sul com pouca differença.

As Povoações deste Governo gradúo igoalmente pello numero de Freguezias e são da parte do Norte: a Villa de S. Francisco do Sul; na Ilha de Sta. Catharina a Villa de N. S. do Desterro e as Freguezias de Sto. Antonio e da Lagoa. E na terra firme fronteira á mesma Ilha, as Freguezias de S. Miguel, a de S. José, e da Enseada do Brito. Da banda do Sul tem a Villa Nova, e a da Laguna. Sendo as principaes destas Povoações as Villas de N. Senhora do Desterro, a do Rio de S. Francisco, e a da Laguna.

No distrito do Governo ha portos para grandes Sumacas, ou Embar-

caçoens maiores, que são: o da mesma Ilha na entrada do Norte até a Fortaleza de Anhatoririm. A Enseada ou Sacco das Tijucas, coberto com duas Pontas, em que se rebata as forças das tormentas fronteiras; e a enseada das Garoupas a coberto de hua Ilha deste nome. Os demais portos como o da Laguna, a entrada do Sul da mesma Ilha, a Enseada de Tapocoroy; o Rio de S. Francisco etc. são coartados a Embarcaçoens menores, como o do Rio Grande de S. Pedro.

Este Governo tem communicação pela Costa do Mar para o referido Rio Grande, e para a Capitania de S. Paulo. Tão bem se communica para o occidente com os campos de Sima da Serra, e Vaccaria pelas picadas mencionadas dos Rios Arerunguá e Tubaráo, sem deixarem todos estes caminhos no estado em que se achão, de offerecer difficuldades, e embaraços no seu transitio.

Nestes ultimos tempos se abriu outra communicação pellas vertentes dos Rios Cubatão e das Tijucas, e campos descobertos em outro tempo pelo Tenente de Ordenanças José Luiz Marinho por ordem que teve, para esse effeito; porem não tenho mais exacto conhecimento deste caminho; e só sei que o sobredito Tenente reputa a distancia da Barra de Cubatão até o principio, ou Fralda da Cordilheira em dezeseis Leguas de distancia.

Estas poucas noticias são as que actualmente posso com mais certeza e verdadeiro conhecimento pôr na presença de V. Exa. Mas, sendo preciso mais alguma, ou algumas especificaçoens com qualquer insinuação de V. Exa. me esforcarei quanto for possivel a satisfazer as suas intenções. Deos Guarde a V. Exa. por muitos annos, como lhe rogo. Porto Alegre, 18 de Agosto de 1797. Ilmo. e exmo. Snr. Tenente General Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara Francisco João Roscio// Está Conforme// Francisco João Roscio.

(Correspondencia dos Governadores do Rio Grande do Sul. — Coll. 104 — Vol. 13 — fls. 140, Arquivo Nacional do Rio de Janeiro).

DOCUMENTOS SOBRE FRANCISCO JOÃO RÓSCIO

Patente de nomeação para Ajudante de Infantaria com exercício de Engenheiro.

Dom Joze por Graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves da quem e da Lem mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Comercio de Etiopia, Arabia, Persia, e da India &. Faço saber aos que esta minha carta Patente virem que tendo concideração aos merecimentos, e mais partes que concorrem na pessoa de Francisco João Rucio Dicipulo supranumerario da Academia militar, e esperar delle que em tudo de que for encarregado me servirá muito a meu contentamento; por todos estes respeitos: Hey por bem e me pras de o nomear (como por

esta carta o nomeo) por Ajudante de Infantaria com exercicio de Engenheiro, o qual posto servirá emquanto Eu houver por bem, e com elle haverá des mil reis de soldo por mes, e gosará de todas as honras privilegios liberdades, izençoens, e franquezas que directamente lhe pertencerem. Pelo que ordeno ao Barão Conde, dos meus Conselhos de Estado, e Guerra, Gentil homem de minha Camara, e Marechal de Meus Exercitos, que governa as armas da Corte, e Provincia da Extremadura que mando-lhe dar a posse de Fé posto (jurando primeiro de satisfazer as suas obrigaçoens) o deixe servir, e exercitar, e o Tenente General Engenheiro mór do Reino o tenha, e conheça por tal Ajudante Engenheiro, dos Officiaes, Soldados, emais pessoas que em razão deste posto lhe forem subordinados. (Rasgado).... suas ordens em tudo a que tocar a meu serviço tão inteiramente como devem, e são obrigados, o soldo referido se lhe sentará nos Livros a que pertencer para lhe ser pago a seus tempos devidos. Em firmeza do que lhe mandei passar esta carta por mim asinada, e selada com o selo grande de Minhas Armas. Dada na Cidade de Lisboa aos desouto dias do mes de Julho, do anno do nascimento de Nosso Senhor Jezu Christo de mil setecentos, e sessenta, e dous.

El Rey

Certidão em publica forma de officios dos serviços praticados pelo Sargento mór Francisco João Roscio no Brazil desde 27 de Junho de 1767 em que para alli embarcou até 26 de Setembro de 1777.

Manoel Joaquim de Azevedo, Thezoureiro geral das Tropas desta Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro por Sua Magestade fidelissima que Deos guarde &. Certifico que pela Lista numero dezoito, da primeira Plana da Côte, que servio na Provedoria da Fazenda Real desta Cidade, e de presente se acha nesta Thezouraria geral, como tambem do livro primeiro Auxiliar da ditta primeira Plana, delles consta ter servido ao dito Senhor nesta mesma Cidade, o sargento mór Francisco João Rocio, dez annos, e trez mezes; a saber, sete annos, quatro mezes, e dezenove dias com o posto de Capitão de Infantaria, com exercicio de Engenheiro, e Ajudante de ordens do expediente do Brigadeiro Diogo Funk, e dois annos, dez mezes e onze dias, com o de sargente mór, tambem com exercicio de Engenheiro. O qual serviço continuou de vinte e sette de Junho de mil sete centos sessenta e sette, em que por ordem de Sua Magestade embarcou na Cidade de Lisboa para essa do Rio de Janeiro, té vinte e sette de Dezembro de mil sette centos setenta e tres, em que foi á Ilha de Santa Catharina por ordem do Ilustrissimo e Exm.^o Marquez do Lavradio, Vice Rey, e Capitão General de mar e terra do Estado do Brazil para facilitar as passagens dos Rios, á Tropa e Cavallaria que passou para o Rio Grande, donde vindo se apresentou em vinte e sette de Junho de mil settecentos setenta e quatro, e servio té quinze de Novembro do ditto anno dia antecedente ao em que passou ao posto de Sargento

mór com exercício de Engenheiro por Portaria do mesmo Illustrissimo e Exm.^o Marquez Vice Rei, de dezaseis do dito mez, registada na Provedoria a folhas oitenta e nove verso, do livro primeiro de semelhantes e em deza-sete do dito mez, foi segunda vez em deligencia á dita Ilha de Santa Catharina, Laguna e Tramandahy, da qual se apresentou em vinte e hum de Fevereiro de mil sete centos setenta e cinco, e continuou a té o dia da data, em que actualmente fica servindo, e de seos assentos consta não ter nota alguma que lhe sirva de impedimento. E para que o referido conste a onde convenha, a seu requerimento lhe mandei passar certidão de fé de Officios por mim assignada em virtude de hum despacho do Illm.^o e Exm.^o Marquez do Lavradio Vice Rei e Capitão General de mar e terra do Estado do Brazil, que fica nesta Thezouraria geral das Tropas. Manoel Jozé da Silva e Menezes a fez em esta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro aos vinte e seis de Setembro de mil sete centos setenta e sette "Manoel Joaquim de Azevedo".

Fé de Officio dos serviços prestados, no Brazil pelo Sargento mór de Engenheiros Franc.^o João Roscio desde 27 de Setembro de 1777 até 31 de Maio de 1779.

Francisco Dionizio Gonzaga Neves Thezoureiro Geral das Tropas da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro por Sua Magestade Fidelissima que Deus guarde &. Certifico que o livro numero primeiro em que tem formado assento os officios da primeira plana nesta Thezouraria Geral das Tropas, consta que Francisco João Roscio tem servido a Sua Magestade no Posto de Sargento mór Engenheiro, hum anno, outo mezes, e quatro dias effectivos contados de Vinte e Sete de Setembro de mil Sette centos setenta e sette dia successivo ao em que se lhe passou a ultima Fé de Officio the o ultimo de Mayo de mil sette centos setenta e nove, dia da data desta. E dos seus assentos consta não ter nota alguma, que lhe sirva de impedimento a seus requerimentos. E para que o referido conste lhe mandei passar a presente Certidão de Fé de Officios por mim somente assignada, e sellada com o sello desta Thezouraria Geral das Tropas, em virtude de hum despacho do Illustrissimo, e Excellentissimo Vice Rey, e Capitão General de mar e terra do Estado do Brazil, que fica nesta dita Thezouraria. Sebastião Pereira Barboza Commissario Pagador da mesma Thezouraria a fez nesta Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro aos trinta e hum de Mayo de mil sette centos e setenta e nove — Francisco Dionizio Gonzaga Neves".

Patente de nomeação para Tenente Coronel de Infantaria, com exercício de Engenheiro.

Dona Maria por graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves da quem e da Lem Mar em Africa Senhora de Guiné, e da Conquista Navegação, e Comercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India &. Faço

saber aos que esta minha Carta Patente virem que atendendo ao distinto serviço que me tem feito em tudo o de que tem sido encarregado Francisco João Roscio Sargento mor de Infantaria com exercício de Engenheiro, que se acha nomeado para as Demarcações do Brazil: por todos estes respeito: Hei por bem e me apraz de o nomear (como por esta Carta o nomeo) por Tenente Coronel de Infantaria com o mesmo exercício de Engenheiro, o qual posto servirá em quanto eu o houver por bem, e com elle haverá vinte, e oito mil reis de soldo por mes e gozará de todas as honras, pervalogios, liberdades, izenções, e franquezas que directamente lhe pertencerem. Pelo que ordeno ao Conde de Azambuja, do meu Conselho de Guerra, Prezidente do Conselho da Fazenda, e Tenente General dos meus Exercitos que governa as Armas da Corte, e Provincia da Extremadura, que mandandolhe dar a posse deste posto (jurando primeiro de satisfazer as suas obrigações) o deixe servir e exercitar, e o Engenheiro mór do Reino, e os mais officiaes maiores dos meus Exercitos o tenham e reconhecão por tal o Tenente Coronel Engenheiro, e os Officiaes, Soldados, e mais pessoas que lhe forem subordinados lhe obedição, e guardem suas ordens em tudo o que tocar ao meu serviço tão inteiramente como devem, e são obrigados, e o soldo referido se lhe sentará nos livros a que pertencer para lhe ser pago aos seus tempos devidos. Conformezado que lhe mandei passar esta Carta por mim asinada, e selada com o selo grande de minhas armas. Dada na Cidade de Lisboa aos doze dias do mes de Fevereiro, do anno do nascimento de nosso Senhor Jezu Christo de mil setecentos, e outenta, e hum.

A Rainha

Ordem do Cardeal Patriarcha para serem recebidas no Convento de Santa Monica de Lx.^a — D. Cypriana Antonia Pimentel de Bulhões e sua filha — de 25 de Agosto de 1783.

A Madre Prioriza do Mosteiro de Santa Monica desta Cidade receba nelle a D. Cypriana Antonio Pimentel de Bulhões, e a sua Filha, e uma criada; fazendo desocupar para sua acomodação as duas Celas, e a Cozinha, de que a ditta Madre Prioriza Nos informou: Tudo na conformidade das Ordens de S. Magestade, que Nos forão participadas por Avizo da Secretaria de Estado datado de vinte e trez do Corrente; e serão obrigadas assustentar-se á sua custa, sem gravamem algum da Comunidade, e a guardar a modestia nos vestidos conformes aos de que uzão as Educandas nas Clauzuras Religiozas. Junqueira vinte e cinco de Agosto de mil sette centos oitenta e trez √.

Antonio Jozé da Fonseca Pimentel.

Carta particular datada de Porto Alegre aos 8 de Setembro de 1797.

Snr. Lazaro Cardozo Amado

Acabo de receber a carta, que Vm.^{ce} se servio dirigir-me na data de 28 de Julho do prezente anno, a qual me deixa igoalmente gostozo e favorecido; pois reflexionando as circumstancias inevitaveis, a que me força o destino, de viver sepultado em hum total esquecimento de todo o preciozo, e virtuozo da Europa, e reduzido a triste situação, ou sociedade de Indios, huns de todo barbaros, e outros pouco menos, com não certa mistura de animaes ferozes, pode vm.^{ce} persuadirse do grande apreço, e satisfação, com que tenho lido repetidas vezes a sua carta, e contemplado a beneficencia, e generosidade de seu coração, em franquear-me o favor do seu prestimo, e valimento; pello que lhe beijo as mãos muitas vezes e rendo as devidas graças.

Desmaiado com os revezes da sorte, ainda que ignorante de o haver merecido, parece que não me resta já outro recurso mais, que entregar-me á cazualidade, e a infinita Providencia do nosso Bom Deos, aonde nunca deixão de encontrar a necessaria consolação os infelizes.

Desta forma, analizada em breves palavras a minha actual existencia, fica bem manifesta a esterilidade do meu prestimo; porem se este pode de algua forma compensar-se com a boa vontade e efficazes dezejos de grato reconhecimento, esteja Vm.^{ce} n a certeza, que tenho bem prezente, e me serão sempre imperteriveis todas as atentas expressoens, com que me trata, e me favorece, e a que anhelos mt.^o poder contribuir o devido agradecimento a tanto favor, como reconhece a minha obrigação, e não desmerece a minha segura vontade promptissima para quanto for do agrado de Vm.^{ce} a cuja obediencia fico sempre, e rogando a D.^a Gd.^a a sua vida, e completa disposição por mt.^{os} annos, como lhe apeteço. Porto Alegre 8 de Setembro de 1797.

De Vm.^{ce}

mt.^o seguro e atento servidor
Francisco João Roscio

Pedido de certidão do auto de posse como Gov. int. do Rio Grande do Sul.

Snr.^{es} da Camara.

Diz o Brigadeiro Francisco João Roscio, que elle quer por Certidão o theor da carta de officio dirigida a esta Camara, na qual o Illm.^o S.^{or} Vice Rey do Brazil Dom Fernando Jozé de Portugal aprovou na pessoa do Sup.^o o Interino Governo, que exerceo nesta Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul, por falecim.t.^o do effectivo Governador Tenente-General Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.

P. a Vm.^{ccs} sejão servidos mandar passar a Certidão, que requer, do teor da d.^a carta d'Officio de verbo adverbum.

E R M

Passe do que constar
Porto Alegre em Camara
de 11 de Junho E 1803

Barros Vianna

Lima Menezes

Certidão da posse como governador interino do Rio Grande do Sul.

Certifico que revendo o Livro quarto que serve de Registo nesta Camara nelle a folhas vinte e seis verso se acha a carta que o Ilustrissimo e Excelentissimo Dom Fernando Jozé de Portugal Vice Rey deste Estado escreveu a Camara desta Villa cuja se acha registada no mesmo Livro e seo theor hé da forma e maneira seguinte & Registo de uma carta que o Ilustrissimo e Excelentissimo Dom Fernando Jozé de Portugal Vice Rey deste Estado escreveu a Camara desta Villa como abaixo se declara Recebi a carta que Vossas merces me dirigirão em datta de vinte hum de Novembro do anno passado participando-me ser falessido o Governador deste Continente Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara ficando Governador em seo lugar o Brigadeiro Engenheiro Francisco João Roscio por ser a maior Patente que ali havia, e por que a disposição do Alvará de dous de Dezembro de mil settesentos e setenta não hé applicavel aos Governos Subalteiroz como fez saber a essa Camara o Senhor Marquez do Lavradio, sendo Vice Rey deste Estado, pela carta cuja copea me remetem. Deos Guarde a Vossas merces Rio oito de Março de mil e oitocentos e doiz — Dom Fernando Jozé de Portugal — Senhor Juiz Ordinario e mais ofeciaes da Camara do Rio Grande; E não se continha mais couza alguma em a ditta carta que aqui bem e fielmente fis copiar da propria a que me reporto e com o theor da mesma este confery sobservey assigney e consertey nesta Villa de Porto Alegre aos nove de Agosto de mil e Oitocentos e tres annos e Eu Jozé Antonio Fernandes Lima Escrivão que a sobservey e assigney e consertey — José Antonio Fernandes Lima — Concertado por mim — Jozé Antonio Fernandes Lima — Todo o referido passa na verdade e lê o que consta do proprio livro e refferidas folhas a que me reporto em fé do que e em observancia do Despacho retro do Juiz Presidente e mais ofeciaes da Camara fis passar a prezente Certidão que a corrê confery Sobservey assigney e consertey nesta Villa de Nossa Senhora Madre de Deos de Porto Alegre do Continente do Rio Grande de

Sam Pedro do Sul aos nove de Agosto do anno do Nascimento do Nosso Senhor Jezus Christo de mil Oitocentos e tres annos e Eu Jozé Antonio Fernandes Lima Escrivão que a sobcrevy e assigney e conserley no empedimento do Proprietario.

Jozé Ant.^o Fernandes Lima

Pedido de Certidão do auto da posse do novo Governador do Rio Grande do Sul.

Snr.^{es} da Camara

Diz o Brigadeiro Francisco João Roscio, que elle quer por Certidão o teor do auto da posse, que nesta Camara tomou do Governo desta Capitania do R.^o Grande de S. Pedro do Sul o Chefe de Esquadra da Real Armada Paulo Joze da Silva Gama.

P. a Vm.^{ces} sejam servidos mandar passar a d.^a Certidão do teor do Auto da posse sómente de verbo adverbum.

E R M

Passe do que constar
Porto Al.^e Camara de
11 de Junho 1803

Parros Vianna

Lima Menezes

Certidão da posse do novo Governador do Rio Grande do Sul.

Alteza Real que Deos Guarde &

Certifico que revendo o livro que serve d'Assentamento das Posses que tomão os Ilustrissimos Governadores desta Capitania nelle a folhas oito se acha o Auto de Posse que tomou o Ilustrissimo Paulo Jozé da Silva Gama Chefe de Esquadra Governador actual desta Capitania do qual seo theor he o seguinte &. Auto de Posse que tomou o Ilustrissimo Chefe de Esquadra Paulo Jozé da Silva do Governo da Capitania do Rio Grande de Sam Pedro — Anno do Nascimento do Nosso Senhor Jezus Christo de mil oitocentos e tres annos aos trinta dias do mez de Janeiro nesta Villa de Nossa Senhora Madre de Deos de Porto Alegre Capital do Governo o Rio Grande de Sam Pedro do Sul na Caza que serve de Residencia da Camara da ditta Villa onde se achava o Juiz Prezidente e offeiciaes dela commigo Escrivão de seo Cargo abaixo declarados aly apares-

serão presentes os Ilustrissimos Brigadeiro Governador Interino Francisco João Roscio, e o Chefe de Esquadra da Real Armada Paulo Jozê da Silva Gama; e logo por este foi apresentada na mesma Camara huma carta Patente Regia datada em Lisboa a tres de Mayo do anno proximo passado de mil e oitocentos e dois, e assignada pelo Principe Regente nosso Senhor na qual foi servido nomear por Governador desta Capitania ao ditto Ilustrissimo Chefe de Esquadra ordenando ao Interino Governador lhe dê Posse do mesmo Governo e tambem esta Camara na forma dos Avizos a ella dirigidos por duas Cartas Regias do mesmo Senhor de vinte hum de Abril e quatro de Mayo daquelle anno cuja Patente e cartas forão lidas por mim Ezerivão nesta Camara na prezença dos dois Ilustrissimos, da Camara e das mais peçoas que presentes se achavão de que dou fé: e logo pelo Ilustrissimo Brigadeiro Francisco João Roscio como Governador Interino foi dito que em observancia da ditta Carta Patente Regia demitia de sy o Interino Governo de que se achava de Posse o qual sedia e transferia na peçoa do Ilustrissimo Chefe d'Esquadra Paulo Jozê da Silva Gama a quem de hoje em diante deverião todos os moradores desta Capitania reconhecer por Chefe Governador da mesma o que sendo ouvido pello Juiz e officiaes da Camara por elles foi tambem dito que em rezão da Carta Patente e avizos de Sua Alteza firmada de sua mão Real conferião como representantes dos Povos deste Governo a Posse do mesmo no Ilustrissimo Chefe d'Esquadra Paulo Jozê da Silva Gama que desta sorte esse mesmo acto se ouve por empossado do Governo desta Capitania e de tudo para constar fiz este Autto em que assignarão os dois Ilustrissimos a Corporação da Camara e as mais pessoas que a esta Posse se acharam Presentes: e Eu João Hypolito de Lima Escrivão Proprietario da Camara o Escrevi — Paulo Jozê da Silva Gama — Francisco João Roscio — Joaquim Lopes de Barros — João Rodrigues Vianna — Manoel da Silva Lima — Antonio Jozê de Oliveira Guimaraens — Antonio Jozê Teles e Menezes — Francisco das Chagas Santos — Jozê Feliciano Fernandes Pinheiro — Paulo Jozê da Silva Gama — Jozê Ignacio da Silva — Joaquim Ignacio de Sá — Thomé Pedro Vaz Mascarenhas da Costa Vianna — Roberto Andre Ferreira de Souza Alvim — Francisco Jozê de Sampaio — Jozê Antonio da Silva Neves — Jozê Antonio Fernandes Lima. Todo o referido passa na verdade e lê o que consta do proprio Livro e réferidas folhas a que me reporto em fé do que e em observancia do Despacho retro do Juiz Prezidente e mais officiaes da Camara fiz passar a presente Certidão que a confery sobscreyvy assigney e concertey nesta Villa de Nossa Senhora Madre de Deos de Porto Alegre do Continente do Rio Grande de Sam Pedro do Sul aos vinte e seis dias do mez de Julho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito sentos e tres annos e Eu — Jozê Antonio Fernandes Lima Escrivão que o subscreyvy e assigney no empedimento do actual.

Jozê Ant.^o Fernandes Lima

Rascunho de um requerimento que o Brigadeiro Franc.^{co} João Roscio dirigiu a el Rei pedindo remuneração dos seus serviços relatando-os e documentando-os, todo escripto por letra do Ten.^o Coronel Franc.^o das Chagas Santos com retoques e additam.^{os} por letra do proprio Brigadeiro. — De 1804 ou 1805.

Senhor

Representa a Vossa Alteza Real o Brigadeiro Francisco João Roscio Commissario de Limites na 1.^a Divizão da Demarcação d'America Meridional, que succedendo, Intirrinamente no Governo da Capitania do Rio Grande de S. Pedro por falecimento do Exm.^o Tent.^o General Sebastião Xa.^o da Veiga Cabral da Camara, teve a honra de salvar, ou livrar de ser invadida pelos Espanhoes a d.^a Capitania, na Guerra proxima passada, conservando todo o territorio conquistado naquella Fronteira e opondo-se a que o occupassaeem os Espanhóes, depois da paz, como pertendião.

He facto constante e de notoriedade publica, que o Sup.^o tomando conta do governo na ocazião mais critica, e perigoza, marchou sem perda de tempo 64 legoas á Villa e Front.^a do Rio Grande; cujos moradores consternados, e confuzos tratando de salvar os seus bens moveis, suspenderão estas diligencias de terror, vendo que o Sup.^o procurava restabelecer entre elles o socego, e boa ordem, correndo immediatamente as Guardas avançadas distantes da d.^a Villa 15 a 20 legoas, e tomando em consequencia as provid.^{as} mais prontas e que julgou indispensaveis, não só para fazer conter a marcha do Exercito Espanhol de perto de 4\$000 homens, mas ainda para atacado mais de 40 legoas distante da sobred.^a Villa.

Estas dispoziçoens animarão e tranquilizarão aquelles moradores, os quaes mostrarão o seu reconhecm.^o na Representação, ou papel que assignarão as diversas corporaçoes da referida Villa, e dirigirão á Camara da Villa de Porto Alegre, Capital da m.^{ma} Capitania, como consta do Documento incluso n.^o 1; e com mais individuação se vê todo o referido pelo Documento junto n.^o 2: sendo igoalmente constante, q logo depois da paz pertendendo o Comand.^o do Exercito Espanhol Marquez de Sobre-monte, occupar, ou q se lhe entregasse o terreno que avançamos, o Sup.^o impugnou esta pretensão por meio de hua correspondencia com o d.^o Marquez Comand.^o, de forma que ficamos de posse pacifica de todo o territorio conquistado; cuja superficie de mais de 2\$000 legoas quadradas vem a ser com pouca diferença metade da sobredita Capitania.

A indigencia em que vive o Sup.^o reduzido a hum soldo mutilado, apezar da fidelidade, e zello com que tem consagrado toda a sua vida á defeza dos direitos de V. A. R.^l; cujos interesses forão sempre o alvo de seus disyelos, o conduz, e obriga a implorar da Real Grandeza de V. A. R.^l a Graça de lhe conceder a mesma Gratificação de hú Conto de reis, q. o sobred.^o Tenente General falecido teve des-de o Posto de Brigad.^o como 1.^o Commissario da 1.^a Divizão da Demarcação de Limites; cujo emprego parece dever recahir no Sup.^o depois de vinte hum annos de

2.º Comissr.º da m.^{ma} 1.ª Divisão E em atenção aos sobreditos serviços que o Sup.º teve a fortuna praticar com tanta gloria das Armas de V. A. R.¹ e não menos satisfação; e aplauzo dos Habitt.^{os} da mencionada Capitania, pede a V. A. R.¹ a graça de ser promovido a Ten.º General conferindo-lhe a grandeza de V. A. R.^e aquella comenda q. julgar mais propria a ocorrer á indigencia do Sup.º e remunerar os seus serviços.

Sendo pois esta a primeira remuneração que o Sup.º implora da Real Clemencia de V. A. R. depois de excessivas repetidas fadigas em diversos continuados Destacamt.^{os} na Europa e nesta America por espaço de quaze quarenta e trez annos de Official Engenheiro, encarregado sempre de importantes Deligencias do Real Serviço; espera portanto da Magnanimidade, e Beneficencia de V. A. R. haja por bem deferir-lhe na forma q. pertende.

E. R. M.

DIVERSOS DOCUMENTOS

O Coronel Engenheiro que serve no Rio Grande Alexandrino Eloy Porteli mandou a noticia á sua familia de que tinha falecido no mez de Outubro passado o S.^r Brigadeiro Francisco João Rocio na Villa de Porto Alegre.

O Dito S.^r tinha ali reputação de rico, e estava em correspondencia de Negocio com hum Comerciante do Rio Pardo chamado Velozo, que dizem ser homem de muito boas contas.

Nesta Corte se acha Simão Estelita, que tem a sua familia na referida Villa, e que teve hum emprego ali na Junta da Fazenda, o qual poderá informar sobre os meios de se receber aherança com brevidade, e segurança. Este Sugeito que conhecia particularmente o S.^r Brigadeiro he assistente na Praça de S. Paulo em caza de Jozé Antonio de Proença, de quem pode dár noticia.

Vigario desta Freguezia.

— 0 —

Em 11 de Dezembro de 1805, entregou na Thesouraria Geral da Junta da Real Fazenda da Capitania do Rio de Janeiro, Mauricio Manoel dos Santos, p.^r mão do Thesoureiro Geral das Tropas Manoel Joze da Silva e Menezes, declarando ser os Soldos e Comedorias, q. havia recebido de mais na d.^a Thesouraria G.¹ das Tropas o d.^o Mauricio M.^{el}, como Proc.^{or} do Brigadeiro do R.¹ Corpo dos Engenheiros Francisco João Rocio, no mez de Outubro do corr.^o anno com desquite de 16\$000 mensaes, q. na Corte recebia a mulher do d.^o Brigadeiro p.^r conta dos m.^{mos} Soldos, em

razão de haver fallecido o m.^{mo} Brigadeiro no Continente do Rio Grande no dia 10 do referido mez de Outubro, cuja qt.^a pert.^e a S.^{er}

A Soldos	"	39\$666
A Comedorias	"	35\$200
	Rs.	74\$866

João Prestes de Mello

— 0 —

Minha Snra. do meu maior respeito e estimação. Havendo chegado á minha mão em 13 de Agosto do corr.t.^e anno o recibo q. VS. passou da carta, que lhe dirigi em 17 de Outubro do anno proximo passado, não sei a que possa attribuir a demora que tem hávido na resposta de VS, que ainda espero, ou seja aprovando o que lhe propuz na sobre.^a carta, como o meio mais breve, e vantajoço de chegar a sua mão o importe, ou liquido dos bens do falecido S.^{or} João Francisco Roscio, que Deos haja, ou não querendo este recebimt.^o senão por meio dos respectivos Thesoureiros dos Defuntos, e auzt.^{es} até chegar a essa Côrte com a sencivel, e indispensavel diminuição, que não se poderá já evitar, como dezejo, a beneficio de VS, se nestes dous mezes não chegarem aqui as suas Procuraçoens; pois me diz o Ouvidor, que para o fim deste anno remete o d.^o importe. De qualquer forma porem que succeda, parece não será fóra de rezão, que VS. em resposta se digne escrever-me duas regras, honrandô-me com as suas noticias, e ordenando-me ao mesmo tempo como, ou porque via quer, q. eu lhe remeta os papeis dos importantes serviços do referido falecido; os quaes fico na deligencia de authenticar, para evitar a VS esse trabalho.

Fico para servir, e obdecer a VS que Deos G.^{de} m. a. com as prosperidades que lhe dezejo. Porto Alegre 2 de Novembro de 1806.

De VS.
O mais atento ven.^{or} e fiel criado
Francisco das Chagas Santos

Mamíferos Fósseis do Brasil

CARLOS DE PAULA COUTO

Vimos fazendo, desde o N.º 83 desta revista, relativo ao III trimestre de 1941, uma série de trabalhos sobre os mamíferos fósseis do Brasil.

Iniciamos nosso estudo, naquele número, com os **Marsupialia** e **Chiroptera**.

No N.º 89, do I trimestre de 1943, publicamos um trabalho sobre os **Carnivora** da família dos **Canidae**, prosseguindo, no N.º 91-92, duplo, do 2.º semestre do mesmo ano, nosso estudo sobre esta ordem, com as famílias dos **Procyonidae**, **Ursidae** e **Mustelidae** e, por último, no N.º 100, relativo ao IV trimestre de 1945, encerramos a série de nossos artigos sobre os **Carnivora** com a família dos **Felidae**.

O artigo de hoje é dedicado à ordem dos **Cetacea**.

Antes de entrarmos, porém, no assunto principal deste artigo, faremos uma errata para os artigos anteriores, publicados nos Ns. 91-92, do 2.º semestre de 1943, e 100, do IV trimestre de 1945.

ERRATA

N.º duplo 91-92:

Na página 113, intercale-se entre as 28.^a e 29.^a linhas, a contar de cima, a linha faltante, que é a seguinte:

....**therium latidens** (Fig. 16), de Bravard. Assim, a fórmula dentária supe-

N.º 100:

Na página 245, 1.^a e 7.^a linhas, a contar de baixo, corrija-se **Actotherium** e **Arcototherium**, respectivamente, para **Arctotherium**;

na página 246, 17.^a linha, a contar de cima, corrija-se "escecionais" para "excecionais";

na página 250, 7.^a linha, a contar de baixo, corrija-se "flinos" para "felinos";

na página 253, 4.^a linha, a contar de cima, suprima-se a preposição "de" entre as palavras "espécie" e "tipo";

na página 255, 8.^a linha, a contar de cima, corrija-se La Prata para La Plata;

na página 258, entre as linhas 6.^a e 7.^a, a conatr de baixo, intercale-se a seguinte:

o Pará e Mato Grosso até o Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo...;

na página 260, na bibliografia de Kraglievich, corrija-se "Arcotérios" e *Tremarctotherium* para "Arctotérios" e *Tremarctotherium*, respectivamente;

na página 261, na bibliografia de Winge, corrija-se "nulevande" e "Haybind" para "nulevende" e "Halvbind", respectivamente;

na legenda da fig. 20, corrija-se *Nimrávus gomphodus* para *Nimravus gomphodus*.

Rio de Janeiro, 1.^o de Janeiro de 1947.

O Autor

Sinópsse sistemática da ORDEM CETACEA.

A sistemática dos cetáceos, que aqui adotamos, e a apresentada por Simpson (1931 e 1945), modificada da de Kellog (1928), da qual difere — segundo Simpson — apenas pela inserção de algumas famílias adicionais, de acôrdo com Abel e Weber (citados por Kellog). A divisão dos *Archaeoceti* é, exactamente, a proposta por Kellog (1936). O ponto mais duvidoso da presente classificação é a inclusão dos *Patriocetidae* entre os *Odontoceti*. Esta família é, às vezes, colocada, embora com dúvidas, entre os *Archaeoceti* e alguns autores chegam, mesmo, a inclui-la entre os *Mysticeti*.

As famílias *Protocetidae* e *Dorudontidae* foram dissociadas de *Basilosauridae* (= *Zeuglodontidae*). As dos *Ziphiidae*, entre os odontocetos, e *Cetotheriidae*, entre os mysticetos, foram separadas, respectivamente, dos *Physeteridae* e *Balaenopteridae*, a que são ligadas, por alguns autores, na qualidade de sub-famílias. O gênero *Rachianectes*, único representante da família *Rachianectidae*, é também classificado, às vezes, entre os *Balaenopteridae*.

O agrupamento dos *Ziphiidae* e *Physeteridae* numa mesma super-família (*Physeteroidea*) é duvidoso, como reconhece Simpson (1945). Segundo Colbert, estas duas famílias são tão distantes uma da outra, quanto cada uma delas o é dos *Delphinoidea*.

CLASSE MAMMALIA

SUB-CLASSE EUTHERIA Huxley, 1880

III — Ordem Cetacea Blumenbach, 1779 (= Cete Linnaeus, 1758)

† 1. Sub-ordem Archaeoceti Flower, 1883

(= *Zeuglodon* Gill, 1872)

† A — Família Protocetidae Stromer, 1908

- † B — Família **Dorudontidae** Miller, 1923
- † C — Família **Basilosauridae** Giebel, 1855
(= **Zeuglodontidae** Giebel, 1855, nome invalidado).
- 2. Sub-ordem **Odontoceti** Flower, 1864 (= **Cetodonta** aut.)
 - † AA — Super-família **Squalodontoidea** Simpson, 1945 *
 - † A — Família **Patriocetidae** Abel, 1914 (?)
 - † B — Família **Agorophiidae** Abel, 1913
 - † C — Família **Squalodontidae** Brandt, 1873
 - BB — Super-família **Platanistoidea** Simpson, 1945
Família única: **Platanistidae** Gray, 1863
 - a) Sub-família **Iniinae** Flower, 1867 *
 - b) Sub-família **Platanistinae** Flower, 1867
 - c) Sub-família **Stenodelphininae** Miller, 1923
 - CC — Super-família **Physeteroidea** Gill, 1872
 - A — Família **Ziphiidae** Gray, 1865
 - B — Família **Physeteridae** Gray, 1821
 - a) Sub-família **Hoplocetinae** Cabrera, 1926
 - b) Sub-família **Physeterinae** Flower, 1867
 - c) Sub-família **Kogiinae** Gill, 1871
 - DD — Super-família **Delphinoidea** Flower, 1864
 - A — Família **Eurhinodelphidae** Abel, 1901
 - B — Família **Hemisyntrachelidae** Slijper, 1936
 - C — Família **Acrodelphidae** Abel, 1905
 - D — Família **Monodontidae** Gray, 1821
 - E — Família **Delphinoidea** Gray, 1821
 - F — Família **Phocaenidae** Bravard, 1885
- 3. Sub-ordem **Mysticeti** Flower, 1864 (= **Mystacoceti** aut.)
 - † A — Família **Cetotheriidae** Brandt, 1872
 - B — Família **Rhachianectidae** Weber, 1904
 - C — Família **Balaenopteridae** Gray, 1864
 - D — Família **Balaenidae** Gray, 1821

ORDEM CETACEA Blumenbach, 1779

Os cetáceos são mamíferos aquáticos, mais ou menos pisciformes, de pele nua e macia e corpo cilíndrico. Sua cabeça é pouco ou nada diferenciada do tronco. Suas narinas são situadas muito para trás, na superfície superior da cabeça. Seus membros anteriores são transformados em nadadeiras, sendo os posteriores apenas vestigiais. O sacro é ausente. A cauda é expandida para os lados, horizontalmente, servindo

Convenções:

† Extinta, isto é, sem representantes vivos ou atuais.

(?) De posição sistemática duvidosa.

* Representada no Brasil, por formas fósseis.

de leme. As glândulas mamárias são situadas na região inguinal, contíguas à abertura genital.

“Os Cetáceos — escreve Zittel (1894) — constituem, por seu aspecto pisciforme e por seu modo de vida, uma ordem bem diferente de todos os outros grupos de Mamíferos, e cuja filiação e parentesco são ainda, completamente desconhecidos. Seu corpo passou, provavelmente, em virtude de adaptação ao meio em que vivem estes animais, por transformações que o fizeram assemelhar-se, exteriormente, ao dos Peixes e ao de certos Saurios marinhos fósseis. A conformação de todo o esqueleto, dos órgãos da nutrição, da reprodução e dos sentidos dá, entretanto, aos Cetáceos, com certeza absoluta, seu lugar entre os Mamíferos.”

“Seu corpo é envolvido por uma pele liza e espessa, sob que se acha uma forte camada de graxa, má condutora do calor. Os pêlos são completamente ausentes, nos animais adultos, ou são, em alguns gêneros, reduzidos a pequeno número de penugens, situadas na vizinhança dos olhos. Os embriões dos Mysticetos (Balêias de barbatanas) apresentam, ordinariamente, maior número de pêlos. O gênero *Neomeris*, (1) entre os Platanistídeos, apresenta, segundo Kükenthal, a indicação duma carapaça dérmica dorsal, composta por séries regulares de placas ornadas de tubérculos; esta forma de carapaça era, talvez, mais desenvolvida nos *Zeuglodon* (2).”

“Os ossos do esqueleto dos Cetáceos, e sobretudo as vértebras, se distinguem por sua estrutura esponjosa e são, geralmente, muito impregnados de graxa. As epífises permanecem separadas por muito tempo, não somente nas vértebras, mas ainda nos ossos sem medula, dos membros. As faces anteriores e posteriores das vértebras são planas e reunidas por rodela cartilaginosa; as vértebras cervicais (Fig. 1-A) são todas presentes, mas, às vezes, muito encurtadas, discóides; na maioria das Balêias de barbatanas (*Balaenidae*) e nos Golfinhos, todas ou somente certas vértebras cervicais são coossificadas.”

“O atlas é a mais forte das vértebras cervicais; suas duas facetas articulares para o occipital são muito grandes, sendo o corpo vertebral substituído por uma hipapófise. Ordinariamente, o axis não apresenta apófise odontóide; esta, quando existente, se forma por um centro de ossificação distinto. As apófises espinhosas das vértebras cervicais seguintes são soldadas, assim como seus centros, sendo as apófises transversais superiores e inferiores, tanto distintas como soldadas por suas extremidades distais, envolvendo, neste caso, um vaso sanguíneo bastante desenvolvido.”

“Em seguida às 7 vértebras cervicais, tão fortemente encurtadas, como vimos, apresentam-se 9 a 16 vértebras dorsais, 3 a 24 lombares e

(1) O gênero *Neomeris* Gray, 1846 nec Lamouroux, 1816, é colocado, hoje, na sinonímia de *Neophocaena* Palmer, 1899. Além disto, é classificado, atualmente, entre os delfinídeos *Phocaenidae*. (C.P.C.).

(2) O extinto gênero *Zeuglodon* Owen, 1839, da sub-ordem *Archaeoceti*, também extinta, é relegado, atualmente, à sinonímia de *Basilosaurus* Harlan, 1834, que é o nome válido para o gênero. (C.P.C.).

18 a 30 caudais. O **sacrum** é ausente, os arcos superiores e as epífises ossificadas das vértebras torácicas permanecem distintos, por muito tempo, do corpo vertebral, com que não se soldam completamente senão muito tarde. O comprimento das vértebras dorsais aumenta gradualmente das anteriores para as posteriores, suas apófises espinhosas são longas e fortes, enquanto as zigapófises não são desenvolvidas senão nas vértebras anteriores da região forsal, sendo atrofiadas nas vértebras dorsais posteriores e nas vértebras lombares e caudais; elas são substituídas por metapófises que se situam, primeiro, na extremidade das apófises transversais e avançam, progressivamente, sobre o arco, até atingirem a base das apófises espinhosas, abarcando os dois lados da apófise espinhosa da vértebra precedente, sob a forma de duas proeminências linguiformes. As apófises transversais partem do arco superior, na região dorsal anterior, depois tornam a descer para trás, até o meio do corpo da vértebra. Nos **Physeteridae** (**Physeter**, **Ziphius**, etc.) (3), as apófises transversais do arco superior se atrofiam nas vértebras dorsais posteriores, enquanto se desenvolvem, no corpo vertebral, apófises transversais inferiores, que se unem, pouco a pouco, com as costelas. As apófises transversais inseridas no corpo das vértebras lombares distinguem-se, ordinariamente, por um comprimento e uma largura consideráveis; seu corpo apresenta, comumente, forma alongada, cilíndrica."

"As **vértebras caudais** são facilmente reconhecíveis, em virtude do grande desenvolvimento dos arcos inferiores (hemapófises, ossos chevrons), que se unem, geralmente, numa apófise espinhosa inferior. Essas hemapófises ligam-se à extremidade posterior do corpo da vértebra e parecem ter, por isto, uma posição intervertebral. Os corpos vertebrais da porção anterior da cauda são cilíndricos e muito desenvolvidos, seus arcos, apófises espinhosas e transversais são bem nítidos. Um pouco mais para trás, os arcos e apófises desaparecem e os corpos vertebrais são elevados e comprimidos lateralmente. Na extremidade posterior, ao nível da natatória caudal, o tamanho dos corpos vertebrais diminui rapidamente, sendo eles, ali, comprimidos do alto para baixo. As vértebras caudais são, na maioria, atravessadas por dois canais arteriais verticais."

"As **costelas** dos Cetáceos distinguem-se das dos outros Mamíferos pelo fato de que sua união com a coluna vertebral e com o esterno faz-se muito mais frouxamente. Nos **Zeuglodon** (2) e nos **Odontocetos**, as costelas ou algumas d'entre elas (as anteriores) se articulam por um tuberculum e um capitulum com as apófises transversais e com o corpo vertebral; nas **Baléias** de barbatanas, o capitulum se atrofia e a costela liga-se ao corpo vertebral apenas por um ligamento. Ordinaria-

(3) O género **Ziphius** Cuvier, 1823, que vive em todos os oceanos, pertence à família **Ziphiidae**, de que é o tipo, dissociada da dos **Physeteridae**. (C.P.C.).

mente, 2 a 5 pares de costelas fixam-se ao esterno; mas nas Balêias de barbatanas, a fixação é feita apenas por um par de costelas."

"O **sternum** (esterno) reduz-se, nas Balêias de barbatanas, a uma placa óssea, escutiforme, às vezes chanfrada em seu bordo anterior; nos Odontocetos, o esterno, compõe-se de 2 a 5 peças ósseas justapostas; a primeira delas (manubrium) distingue-se por uma largura considerável e por uma chanfradura em seu bordo anterior."

"O **crânio** (Fig. 1-B-C) sofre modificações notáveis, resultantes, provavelmente, das condições de existencia; compõe-se de ossos leves, delgados, de grandes células. A cavidade craniana é notável por sua altura exagerada, sua largura considerável e, também, por seu muito pequeno comprimento; como esta cavidade se estreita em sua parte superior, o cérebro toma a forma dum cône truncado, de contornos arredondados. Os hemisférios cerebrais, que apresentam numerosas circunvoluções, cobrem quasi completamente o cerebello. Os lóbulos olfativos podem faltar ou ser indicados apenas muito fracamente; as cavidades nasais não têm cornetos e servem exclusivamente para a respiração, nunca como órgãos olfativos. Com exceção do gênero *Zeuglodon* (2), que tem uma cápsula craniana pouco elevada, lembrando a dos Mamíferos normais, particularmente a dos Ungulados ou dos Carnívoros, os parietais não se unem n'uma sutura sagital e não se tocam, mesmo, no plano mesial, senão nas Balêias de barbatanas. Mas, no crânio dos Cetáceos, o osso supra-ocipital, excessivamente desenvolvido, avança sobre os parietais e sobre o interparietal intercalado e forma a maior parte da abóbada craniana. Nos Odontocetos (Fig. 2), o supra-ocipital (ocipital superior) separa completamente os parietais, os quais são, por êle, afastados para os lados, de modo a formarem apenas a porção lateral da cápsula craniana. Em virtude do encurtamento do crânio e da rejeição lateral dos parietais, o supra-ocipital e o interparietal tocam diretamente que é, por sua vez, muito curto, alargando-se para os lados numa grande placa óssea que protege a órbita. A alta superfície occipital, fortemente inclinada para trás (de cima para baixo), é quasi inteiramente formada pelo occipital superior; os exoccipitais envolvem o muito largo **forame magnum** aberto na parte posterior do crânio e formam os dois grandes côndilos occipitais. O osso temporal (**squamosum** — **Sq**), profundamente encaixado, apresenta uma forte apófise anterosuperior, que se une, à parte posterior da asa lateral do frontal. O esquamosal suporta, além disso, o osso jugal (**Ju**) que é delgado e em forma de varêta, nos Odontocetos, mas bastante forte nas Balêias de barbatanas; o osso jugal bordeja inferiormente as longas cavidades orbitárias. A extremidade anterior do osso jugal une-se a uma saliência lateral preorbitária, formada pela maxila e pelo frontal."

"O **rostrum** (focinho), muitíssimo alongado, comumente deprimido estreito, é formado pela premaxila, maxila, vomer e mesetmóide. As premaxilas, estreitas e muito alongadas, terminam, atrás, no frontal ou cobrem, em parte, este osso; nos Odontocetos, as premaxilas se dis-

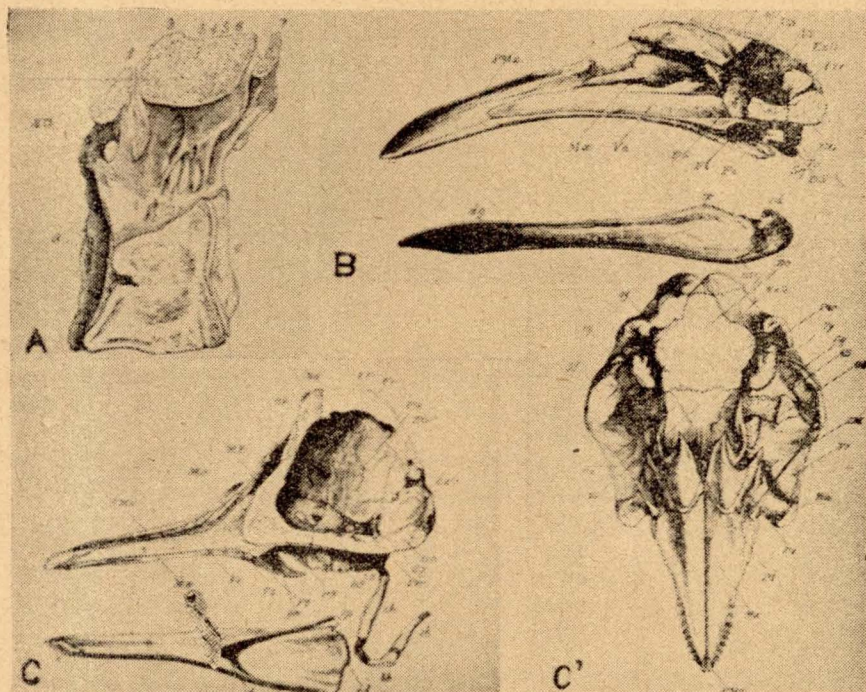


Fig. 1 — A, secção longitudinal através da linha média das vértebras cervicais, soldadas, da baléa reta da Groenlandia (*Balaena mysticetus* Linnaeus). Multíssimo reduzido, a, superfície articular para o côndilo occipital; e, epífise da extremidade distal da sétima vértebra cervical; sn, forame, em arco, do atlas, para a passagem do primeiro nervo espinhal; 1, arco do atlas; 2, 3, 4, 5 e 6, arcos do axis e das quatro vértebras cervicais seguintes, reunidos; 7, arco da sétima vértebra cervical. B, secção sagital do crânio dum feto da baléa reta do sul (*Eubalaena australis* Desmoulin). Multíssimo reduzido. C e C', crânio dum jovem golfinho (*Globicephalus melas*), em secção sagital (C) e visto de baixo (C'). Muito reduzido, a, ângulo mandibular; an, aberturas nasais anteriores; AS, alisfenóide; bh, basióide; BO, basiocipal; BS, basiesfenóide; cd, côndilo mandibular; ep, apófise coronóide; dg canal dentário; ExO, exocital; Fr, frontal; id, canal dentário inferior; IP, interparietal; Jú, jugal; ME, parte ossificada do mesetmóide; mg, restos do canal dentário mandibular, com cartilagem de Meckel alojada; Mx, maxila; Na, nasal; OS, orbitoesfenóide; Pa, parietal; Per, periótico; Pl, palatino; Pmx, premaxila; pn, aberturas nasais posteriores (coânes); PS, preesfenóide; Pt, pterigóide; s, sínfise mandibular; sh, estilóide; SO, supraocipital; sq, esquamossal e sua superfície glenóide articular (em B); th, tirolóide; Ty, timpânico; Vo, vomer. Em B, não há nenhuma parte do mesetmóide ossimicada. (de (Flower, 1885).

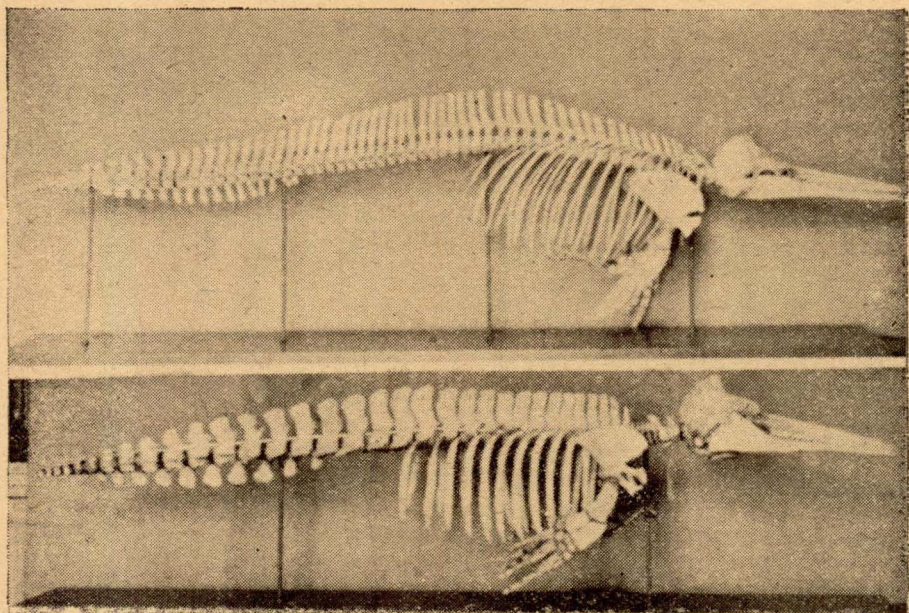


Fig. 2 — Esqueletos de cetáceos odontocetos. Em cima: *Sotalia brasiliensis*, da baía de Guanabara, 3/100 apr. Em baixo: *Inia geogroyensis* Blainville, d o Amazonas, 1/20 apr. (Montagens de Carlos Lako — Museu Nacional do Rio de Janeiro).

te, nos Odontocetos e na maioria das Balêias de barbatanas, o osso frontinguem por uma assimetria mais ou menos acentuada. Em sua região anterior, são, ou intimamente justapostas, ou separadas, deixando entre si um sulco que se abre para cima e que se alarga para trás. Em sua extremidade posterior, isto é, imediatamente antes dos frontais, acham-se as cavidade nasais, cuja direção é quasi vertical, nos Odontocetos; nas Balêias de barbatanas e nos Zeuglodontes (4), as narinas são dirigidas principalmente um pouco para diante. O vapor d'água expirado (e não um jato d'água) é expelido pelas narinas. Os orifícios nasais externos são abrigados por ossos nasais (**Na**) curtos, mas bem desenvolvidos nas Balêias de barbatanas, muito alongados nos Zeuglodontes (4); nos Odontocetos, nota-se uma forte redução dos ossos nasais que, às vezes, não são mais indicados senão por pequenos tubérculos ossificados. A cavidade craniana é fechada, adiante, por uma placa óssea **Mesethmoideum**) larga e alta, quasi vertical, que constitui, ao mesmo tempo, a parede inferior e posterior das fossas nasais; o mesetmóide envia para baixo e para diante uma lamela vertical cartilaginosa ou raramente ossificada, que separa as fossas nasais, pelo menos em sua base, e se continua além do vômer, até o cume do rostro. Em todos os Cetáceos atuais, as premaxilas (intermaxilas) são encaixadas lateralmente, em todo seu comprimento, nas maxilas (**Mx**) e são livres apenas na ponta do rostro (focinho); nos Zeuglodontes (4) fósseis e nos Odontocetos da extinta família dos Esqualodontídeos, as premaxilas ultrapassam, anteriormente, as maxilas e são guarnecidas de dentes em seu bordo inferior."

"A maxila (5) alarga-se muito para os lados, em sua região posterior que toca o frontal e forma, nos Odontocetos, uma grande placa óssea aliforme que avança sobre o frontal, que é, por ela, mesmo, coberto mais ou menos completamente. Os ossos lacrimais existem sómente em algumas Balêias de barbatanas e nos Fiseterídeos."

"A face inferior do rostro (Fig. 1-C') é constituída, sobretudo, pelos ramos horibontais da maxila, mas às vezes, também o vômer (**Vo**) participa da formação da abóbada palatina, sob a forma duma estreita faixa, situada entre as maxilas, que se prolonga até a extremidade do rostro. Na parte mais anterior, as premaxilas são visíveis na superfície da abóbada palatina. O vômer envolve a apófise anterior do Mesetmóide e se prolonga para trás até o basiesfenóide. Atrás das maxilas se vêem os ossos palatinos (**Pl**) que apresentam, às vezes, a forma de ossos curtos em forma de faixas alargadas nos lados; tocam, atrás, os Pteri-

(4) Zeuglodontes — Basilossáurios é o nome válido para este grupo de cetáceos primitivos, visto que o nome genérico *Basilosaurus* Harlan, 1834, tipo do grupo, tem prioridade sobre *Zeuglodon* Owen, 1839, que é um sinónimo d'aquêle. (Vide nota 2). (C.P.C.).

(5) Maxila — Este é o termo mais apropriado para designar o osso do crânio que os nossos autores, inclusive nós, mesmo, a exemplo dos franceses, chamam, comumente, "maxilar" ou "maxilar superior", enquanto dão à mandíbula o nome, ainda mais impróprio, de "maxilar inferior". Maxila é o nome do osso; maxilar é o adjetivo qualificativo pertinente ao mesmo. Pela mesma razão o nome Premaxila (Intermaxila) é preferível a Premaxilar (Intermaxilar). (C.P.C.).

góides (**Pt**), que são muito desenvolvidos e se soldam na linha média, prolongando, assim, o muito sólido palato, e formam, também, as paredes laterais dos Coanes (6)."

"A base da cápsula craniana é principalmente formada pelo **basio-cipital** (**Bo**) cujo desenvolvimento é considerável; na frente d'êste último acha-se o **basiesfenóide**, ordinariamente precedido por um préesfenóide autonomo. Êstes dois ossos são, entretanto, geralmente cobertos pela extremidade posterior do vômer e não são visíveis na face inferior do crânio. O alisfenóide e o orbitoesfenóide participam da formação das paredes laterais da caixa craniana."

"Os ossos da capsula auditiva (periótico e timpânico), situados entre os esquamosais e o exocipital, são particularmente interessantes. Distinguem-se por uma espessura considerável e, como não são fixos aos outros ossos do crânio, senão fracamente, destacam-se facilmente, no momento da fossilização. Ossos perióticos ou timpânicos (**Cetolitos**) encontram-se em quasi todos os jazigos de Cetáceos fósseis, assim como no fundo dos mares atuais, como provaram as dragagens do Challenger."

"O osso periótico é muito espesso, de forma um pouco irregular, arqueado para dentro, duma estrutura quasi tão compacta quanto a do marfim; é soldado com o timpânico, nas Balêias de barbatanas, enquanto é apenas justaposto intimamente a êste, nos Odontocetos. O osso periótico compõe-se, ordinariamente, duma região média hemisférica, que encerra o labirinto e duma porção lateral, composta de duas apófises. Na face interna se acha uma grande abertura alongada, para o **meatus auditorius internus**; na face voltada para o osso timpânico abrem-se a fenestra oval e a fenestra redonda. Êste osso tem duas superfícies de contato com o osso timpânico, sendo a face posterior (**a**) tôda sulcada nos Golfinhos e coberta, na juventude, por uma placa intermediária distinta; nas Balêias de barbatanas, a apófise posterior (**a**) do osso timpânico é alongada numa grande asa piramidal."

"O osso timpânico ou a **Bulla** é uma placa óssea espessa, enrolada, excavada do lado interno, mais ou menos arqueada; apresenta forma alongada, arredondada ou um pouco achatada e angulosa. A cavidade interior, arredondada, comunica-se com a trompa de Eustáquio, por uma grande abertura, em forma de fenda irregular."

"Os ossos da capsula auditiva, principalmente os ossos timpânicos, apresentam variações importantes, em particular nas Balêias de barbatanas, e são utilizados para a distinção dos gêneros e das espécies."

"A **mandíbula** (5) compõe-se de dois ramos quasi retos, achatados lateralmente, nos Odontocetos, cilíndricos e fortemente curvos para fora, nas Balêias de barbatanas. No primeiro grupo, os ramos são reunidos numa sínfise mais ou menos longa; no segundo, são unidos, em sua parte anterior, por um ligamento. A face interna da mandíbula dos Odontocetos apresenta um longo sulco milohióide. A apófise coronóide

(6) Coane — De "Choane". Abertura nasal. (C.P.C.).

é ausente ou fracamente indicada; o ângulo posterior não é, comumente, saliente. O côndilo, medianamente arqueado, se acha completamente ou quasi completamente na extremidade posterior do ramo mandibular, articulando-se com o temporal."

"A **dentição** dos Cetáceos difere enormemente da dos outros Mamíferos, lembrando, sob muitos pontos de vista, a dos Répteis. Os dentes nunca são renovados, embora em muitos Odontocetos se encontrem dentes de substituição; êstes dentes nunca chegam a perfurar a gengiva. A forma dos dentes das diversas regiões da maxila e mandíbula não varia nada nas Baléias atuais. São dentes geralmente cônicos e pontudos, de uma só raiz, metidos em profundos alvéolos; a dentição é, pois, monofiodonte e homodonte (7)."

"Nos Zeuglodontídeos (4) fósseis e no gênero **Squalodon** os dentes anteriores, de uma só raiz, distinguem-se dos dentes posteriores, comprimidos lateralmente e providos de duas ou três raízes, de modo que a dentição é, nêles, heterodonte, podendo-se distinguir incisivos, caninos e molares. Nos Platanistídeos e Delfinídeos (Fig. 4), o número de dentes é o máximo (até 60, na maxila e mandíbula); mas nota-se, entretanto, nos Golfinhos uma tendencia à redução do número dos dentes; em alguns gêneros, acham-se de cada lado somente 8 ou 9 dentes superiores e inferiores. No Narval (**Monodon**), desenvolve-se em cada uma das duas maxilas (direita e esquerda) uma só defesa (**Stosszahn**), dirigida para a frente, atrofiando-se, depois, a do lado direito. Os Fiseterídeos representam um termo de transição dos Odontocetos às Baléias de barbatanas, nas quais os dentes não existem. Os dentes funcionais são exclusivamente localizados na mandíbula que apresenta, às vezes, um grande número dêles, mas que, em certos casos, é provida apenas de um par de dentes. Na maxila, ainda se acham dentes, mas êles são cobertos pela gengiva e se atrofiam dentro de certo tempo. Nas Baléias de barbatanas, os dentes faltam completamente; em seu lugar se desenvolvem sobre as papilas dérmicas do palato placas córneas especiais (barbatanas), de comprimento e vigor variáveis, que formam uma rêde apertada, fixa na maxila, que funciona como elemento de retenção dos animais marinhos nadadores (Pterópodos, Cefalópodos, Medusas, Crustáceos, etc.), arrastados pela corrente d'água e que constituem a alimentação dos Cetáceos. Convem salientar que as Baléias de barbatanas possuem, durante sua vida fetal, pequenos dentes, entre os quais os posteriores apresentam, às vezes, duas raízes."

"Em virtude do modo de vida aquático dos Cetáceos, seus membros são transformados dum modo especial e sua conformação lembra mais, principalmente, a das natatórias dos antigos Sáurios marinhos (**Pytho-**

(7) Monofiodonte e homodonte é a dentição cujos dentes não têm substitutos e apresentam todos a mesma forma, ao contrário da dentição difiodonte e heterodonte, cujos dentes de leite são substituídos pelos permanentes (difiodontia), distinguindo-se os dentes, pela forma e posição, em incisivos, caninos, premolares e molares (heterodontia). (C.P.C.).

nomorpha, Ichthyosauria) (8) que a dos membros locomotores dos outros Mamíferos."

"A **cintura torácica** (escapular) não tem clavícula, nem coracóide distinto. A escápula (omoplata) é notável por sua forma excessivamente larga e achatada e por seu pequeno comprimento; a crista, quando presente, forma uma aresta pouco saliente, perto do bordo anterior da escápula e termina, ordinariamente, num longo acrômio proeminente e achatado. A escápula apresenta, também, às vezes, uma apófise coracóide reta, achatada, paralela ao acrômio. Em muitas Balêias de barbatanas, o acrômio e o processo coracóide não existem."

"O **humerus** é um osso achatado e curto, apresentando uma cabeça articular semiesférica, em sua extremidade proximal, e duas facetas articulares chatas, em sua extremidade distal, como nos **Ichthyosaurus**, **Plesiosaurus** e **Mosasaurus**; estas facetas formam, entre elas, um ângulo obtuso e servem de superfícies de articulação para os ossos do antebraço, que são comprimidos lateralmente e que não são móveis, nem em relação ao humerus, nem um sobre o outro. Os ossos do carpo, cuja ossificação é, às vezes, incompleta, são mergulhados num tecido conjuntivo fibroso, não são, ordinariamente, articulados ou sua articulação se faz muito imperfeitamente. Abstração feita do pisciforme, situado, em alguns Cetáceos, no bordo ulnar (cubital), o carpo apresenta apenas seis ossinhos, três dos quais pertencem à série proximal e correspondem ao escafoide, ao lunar e ao cuneiforme. Na série distal, o trapezóide, o grande osso e o unciforme são, ordinariamente, representados, mas o grande osso também se atrofia, às vezes, ou se solda ao trapezóide. Exceto em algumas Balêias de barbatanas (**Balaenopteridae**), cujo terceiro dedo, por uma bizarra singularidade, e não o primeiro, se atrofia, os Cetáceos têm cinco dedos; mas estes dedos não são articulados, mas reunidos por cartilagem ou por tecido conjuntivo. Completamente envolvidos por uma pele comum, os dedos não apresentam nem unhas, nem garras, e se compõem de longas falanges achatadas, truncadas transversalmente, em suas duas extremidades, e um pouco estranguladas, em seu meio; as da extremidade dos dedos são tão pequenas que nem sempre é possível determinar seu número, com certeza. Para os primeiro e quinto dedos, o número de falanges oscila entre 1 e 4; o dedo médio apresenta, quasi sempre, mais de três falanges e, em certos gêneros, este número varia de 9 a 15 para os segundo e terceiro dedos. Esta hiperfalangia distingue os Cetáceos de todos os outros Mamíferos e lembra, novamente, os répteis marinhos (**Pythonomorpha**, **Sauropterygia** e **Ichthyo-**

(8) **Pythonomorpha** — Antiga sub-ordem de répteis marinhos extintos, mesozóicos, da ordem **Squamata**, distribuídos por diversas famílias (**Mosasauridae**, **Platecarpidae**, **Tylosauridae** e **Globidentidae**), que os autores modernos, pelo menos os norte-americanos, preferem resumir numa só (**Mosasauridae**), que classificam na sub-classe **Lepidosauria**, ordem **Squamata**, sub-ordem **Lacertilia** (= **Sauria**) e infra-ordem **Platyntota**, ao lado de outras famílias extintas e da atual família dos **Varanidae**, a que pertence, além de gêneros extintos, o atual **Varanus Merrem**, gênero de lagartos da África (**V. niloticus** Linnaeus), da Ásia meridional (**V. bengalensis** Daud.) e da Austrália (**V. gouldii** Gray). O título **Pythonomorpha** caiu em desuso. (C.P.C.).

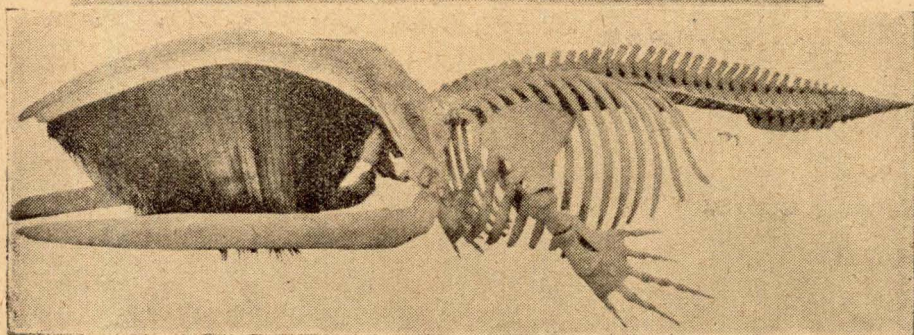
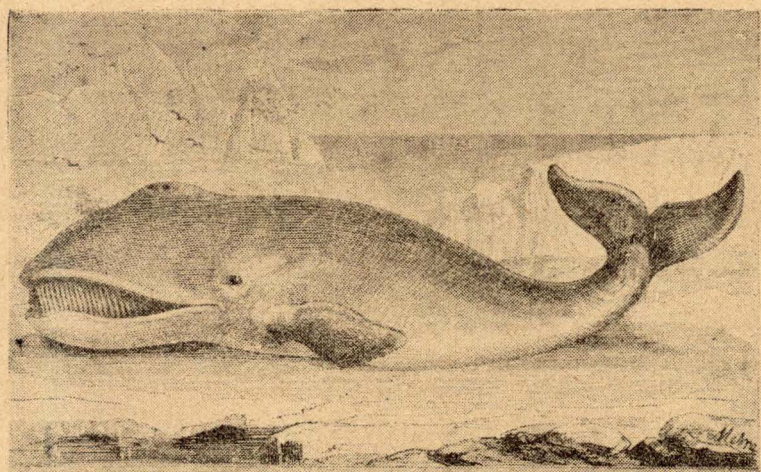


Fig. 3 — Balêia reta austral (*Eubalaena australis* (Desmoulins), do Atlântico e Pacífico meridionais e do Índico. Em baixo, esqueleto montado no "The American Museum of Natural History", em New York.

saúria) (8). A explicação desta hiperfalangiia varia, tendo sido atribuída, tanto à segmentação transversal duma cartilagem irradiante, situada em seguida à última falange (Weber, Ryder, Baur), tanto ao crescimento e à ossificação autonoma das epífises das falanges, cujo número seria primitivamente normal (Kükenthal); as epífises teriam atingido o tamanho das diáfises, cuja forma, também, teriam tomado. Kükenthal (9) atribui ao mesmo processo a hiperfalangiia da natatória dos Répteis aquáticos; este autor vê, com razão, nesta similitude, um resultado da adaptação às mesmas condições, sem nenhuma expressão em favor duma ligação filogenética."

"Os membros anteriores não cumprem sua função de órgãos locomotores e não servem mais, senão como remo ou leme, na natação, enquanto que os membros posteriores, tornados inúteis, se atrofiam completamente ou se reduzem a fracos rudimentos mergulhados nas carnes e não visíveis exteriormente."

"A Bacia ou Pelvis, salvo no género *Platanista*, é ainda representada por dois pequenos ossos alongados, dispostos paralelamente à coluna vertebral, a que são ligados por tecido fibroso. Em algumas Balêias de barbatanas, pequenos ossinhos, que correspondem aos fêmures, ligam-se aos rudimentos da bacia; e, além disso, na Balêia da Groenlandia, o rudimento do fêmur é seguido por um outro pequeno ossinho que representa uma tíbia."

"Uma grande natatória caudal, achatada horizontalmente, serve de órgão especial de locomoção e substitui os membros que não cumprem mais este papel; esta natatória é sustentada, não por osso, mas por um espesso tecido fibroso."

"A despeito da semelhança externa dos Cetáceos com os Peixes e com os Saurios marinhos, devida à adaptação às mesmas condições de existência, o esqueleto é construído, sob todos os pontos de vista, segundo o plano fundamental do dos Mamíferos, e não se pode achar nêle a menor aproximação com o dos Peixes ou dos Répteis. Os outros órgãos, o coração, os pulmões, a dupla circulação de sangue quente, os órgãos genitais, reprodutores, os órgãos dos sentidos assemelham-se apenas aos dos Mamíferos."

"Certos Cetáceos atingem tamanho gigantesco e vivem em sociedade, nos mares abertos, sobretudo nas regiões frias. As formas menores procuram a vizinhança das costas; e mesmo alguns *Odontocetos* habitam o curso inferior dos grandes rios. As Balêias de barbatanas nutrem-se de pequenos animais marinhos, os *Odontocetos* são carniceiros e se nutrem sobretudo de Peixes."

Resumo da história paleontológica. — Os mais primitivos dos cetáceos conhecidos são do Eoceno médio da Nigéria, na África ocidental (*Pappocetus* Andrews) e do Egito (*Protocetus* e *Eocetus* Fraas) e pertencem à extinta sub-ordem *Archaeoceti*, conhecida, também, no Eoce-

(9) Zoologische Jahrbücher von Spengel. 1890.XV.373 (Citação de Zittel).

no superior da América do Norte, Europa e África, assim como no Oligoceno inferior e superior da Europa e no Mioceno inferior da Europa e Nova Zelandia, como veremos.

Ao **Protocetus**, **Eocetus** e **Pappocetus** seguem-se, em antiguidade, os gêneros **Dorudon** Gibbes, **Zygorhiza** True, **Prozeuglodon** Andrews e **Basilosaurus** Harlan (= **Zeuglodon** Owen), da mesma sub-ordem, representados por diversas espécies, no Eoceno superior da América do Norte (**Dorudon**, **Zygorhiza**, **Basilosaurus**), da Europa (**Zygorhiza**) e do Egito (**Dorudon**, **Prozeuglodon**).

O grupo é presente, também, no Oligoceno inferior (**Platysphís** Kellog, um basilosaurídeo da Ucrânia) e superior da Europa e no Mioceno inferior da Europa (**Phococetus** Gervais, um dorudontídeo da França) e da Nova Zelandia (**Kekenodon** Hector, também dorudontídeo).

Estas formas primitivas diferiam muito dos cetáceos atuais, por sua dentição essencialmente arcáica, que compreendia molares de duas raízes e incisivos unirradiculados, enquanto os dentes dos cetáceos atuais, quando presentes, são todos semelhantes e unirradiculados. O seu crânio era, também, muito primitivo, de rostro alongado, como o dos répteis piscívoros, seus antecessores, nos mares mesozóicos, mas seu esqueleto já evoluiu muito, na adaptação à vida marinha. Alguns destes animais atingiam o tamanho das maiores baléias (20 m de comprimento). Richard Owen considera-os como constituintes dum tipo intermediário entre as focas e os cetáceos, aproximando-se das primeiras por seus dentes, e dos últimos, pela forma e alongamento da maxila e da mandíbula.

Das duas sub-ordens atuais (**Odontoceti** e **Mysticeti**), a dos odontocetos ou cetodontes (cachalotes, etc.) era, já, certamente, representada nos mares do Eoceno superior, por gêneros da extinta família **Agorophiidae** (**Agorophius** Cope e **Xenorophus** Kellog, do Eoceno superior da América do Norte), que parece não ter sobrevivido àquela época.

Quanto aos misticetos ou mistacocetos (baléias, propriamente ditas), aparecem, pela primeira vez, no Oligoceno médio da Europa, com **Pachycetus** Van Beneden, da família **Cetotheriidae** que se extinguiu, provavelmente nos tempos do Plioceno inferior, cujos sedimentos ainda encerram restos de animais a ela pertencentes, na Europa, como veremos.

Do Oligoceno superior da Europa procedem restos de odontocetos das famílias **Patriocetidae** (**Patriocetus** Abel) e **Squalodontidae** (**Microcetus** Kellog) e de misticetos da família **Cetotheriidae** (**Cetotheriopsis** Brandt).

Durante o Mioceno, os odontocetos e misticetos foram muito florescentes.

Nos tempos do Mioceno inferior, os odontocetos eram representados por **Microsqualodon** Abel, **Rhytisodon** Paolo, **Neosqualodon** Dal Piaz, **Squalodon** Grateloup, **Trirhizodon** Cope, da Europa, **Phoberodon** Cabrera, da América do Sul, **Prosqualodon** Lydekker, da América do Sul e Nova Zelandia, e **Metasqualodon** Hall e **Parasqualodon** Hall, da Austrália,

todos da extinta família dos esqualodontídeos; **Notocetus** Moreno, da América do Sul, e **Squalodelphis** Dal Piaz, da Europa, zifiídeos; **Apenophyseter** Cabrera, **Idiorophus** Kellog e **Diaphorocetus** Ameghino, da América do Sul, fiseterídeos; **Argyroctetus** Lydekker, da América do Sul, e **Ziphiodelphis** Dal Piaz, da Europa, pertencentes à extinta família dos **Eurhinodelphidae**; **Acrodelphis** Abel e **Eoplatanista** Dal Piaz, da Europa, e **Schizodelphis** Gervais, da Europa e África, da família dos acrodelfídeos, também extinta; **Protodelphinus** Dal Piaz, **Iniopsis** Lydekker, da Europa, e **Delphinavus** Lull, da América do Norte, delfinídeos. Os mistictetos achavam-se representados, pelo menos, por **Cetotheriopsis** Brandt e **Aglaocetus** Kellog, da América do Sul, e **Mauicetus** Benham, da Nova Zelândia, pertencentes à extinta família dos cetoterídeos, e **Morenoctetus** Cabrera, um balenídeo da Argentina.

Nos mares e rios dos tempos do Mioceno médio, viviam odontocetos esqualodontídeos (**Squalodon** Grateloup, da Europa e América do Norte, **Trirhizodon** Cope, da Europa), platanistídeos (**Zarhachis** Cope, da América do Norte; **Proinia** True, da América do Sul), zifiídeos (**Cetorhynchus** Gervais e **Ziphioides** Probst, da Europa), fiseterídeos (**Hoplocetus** Gervais, da Europa, **Aulophyseter** Kellog, da América do Norte; **Ontocetus** Leidy, da América do Norte e Japão, **Idiophyseter** Kellog e **Orycterocetus** Leidy, da América do Norte), eurrinodelfídeos (**Eurhinodelphis** Du Bus, da América do Norte), hemisintraquelídeos (**Lophocetus** Cope, da América do Norte), acrodelfídeos (**Acrodelphis** Abel e **Schizodelphis** Gervais, da Europa e América do Norte, **Champsodelphis** Gervais, **Heterodelphis** Brandt e **Pomatodelphis** Allen, da Europa) e delfinídeos (**Kentriodon** Kellog, **Delphinodon** Leidy e muitos outros gêneros norte-americanos, **Stereodelphis** Gervais, da Europa) e mistictetos cetoterídeos norte-americanos, **Mesocetus** Van Beneden, da Europa).

Nos tempos do Mioceno superior, viviam, nos mares, odontocetos das famílias dos esqualodontídeos (**Squalodon** Grateloup, da Europa e América do Norte, **Saurocetus** Agassiz e outros, da América do Norte), zifiídeos (**Cetorhynchus** Gervais, **Palaeoziphius** Abel e outros, da Europa, **Anoplonaassa** Cope, **Proroziphius** Leidy, da América do Norte, **Choneziphius** Duvernoy, **Mesoplodon** Gervais, etc., da Europa e América do Norte), fiseterídeos (**Scaldicetus** Du Bus, **Prophyseter** Abel e outros, da Europa, **Ontocetus** Leidy, **Physeter** Linnaeus, este ainda vivo, da América do Norte), eurrinodelfídeos (**Eurhinodelphis** Du Bus, da Europa e Japão), acrodelfídeos (**Acrodelphis** Abel, **Schizodelphis** Gervais, etc., da Europa), delfinídeos (**Delphinopsis** Müller e outros gêneros, da Europa, **Ceterhinops** Leidy, da América do Norte) e **Phocaenidae** (**Palaeophocaena** Abel, etc., da Europa), enquanto certos rios eram habitados por platanistídeos (**Pachyacantuhuhs** Brandt, da Europa). A mesma época pertencem mistictetos cetoterídeos (**Cetotherium** Brandt, **Isocetus** Van Beneden e diversos outros gêneros da Europa, **Cephalotropis** Cope, **Metopocetus** Cope, **Ulias** Cope e outros gêneros da América do Norte) e balenopterídeos (**Mesoteras** Cope, da América do Norte).

Os sedimentos marinhos do Plioceno inferior encerram restos de odontocetos zifiídeos (**Choneziphius** Duvernoy, **Mesoplodon** Gervais, este atual, da Europa), fiseterídeos (**Physetodon** McCoy, da Austrália, **Kogiopsis** Kellog, da América do Norte), hemisintraquelídeos (**Hemisyntrachelus** Brandt), acrodelfídeos (**Schizodelphis** Gervais, da Europa e América do Norte, **Pomatodelphis** Allen, da América do Norte) e delfínídeos (**Steno** Gray, **Delphinus** Linnaeus, atuais, da Europa) e de mistícetos cetoterídeos (**Amphicetus** e **Heterocetus** Van Beneden, da Europa), balenopterídeos (**Megapteropsis** e **Plesiocetus** Van Beneden, da Europa, **Balaenoptera** Lacépède, da Europa e América do Norte, e **Megaptera** Gray, da América do Norte, os três últimos ainda vivos) e balenídeos (**Protobalaena** Du Bas e **Balaena** Linnaeus, atual, da Europa), enquanto sedimentos de água doce da mesma idade fornecem restos de odontocetos platanistídeos (**Hesperocetus** True, da América do Norte). Os odontocetos esqualodontídeos e eurrinodelfídeos estavam, já, completamente extintos, segundo parece.

Nos tempos do Plioceno médio, alguns odontocetos platanistídeos viviam nos rios da América do Norte (**Lonchodelphis** Allen, enquanto os mares alimentavam odontocetos zifiídeos (**Berardiopsis** Portis, da Europa), fiseterídeos (**Balaenodon** Owen, **Priscophyseter** Portis, da Europa) e delfínídeos (**Steno** Gray, **Delphinus** Linnaeus, **Orcinus** Fitzinger, da Europa, todos atuais), assim como mistícetos balenopterídeos (**Idiocetus** Capellini, **Burtinopsis** Van Beneden, **Palaeocetus** Seeley e **Megaptera** Gray, da Europa, o último ainda vivo, **Balaenoptera** Lacépède, da Europa e América do Norte, atual) e balenídeos (**Balaenotus** e **Balaeluna** Van Beneden, **Balaena** Linnaeus, da Europa, o último atual). Os odontocetos **Hemisyntrachelidae** e **Acrodelphidae** e os mistícetos **Cetotheriidae** estavam completamente extintos ou, pelo menos, não têm representantes conhecidos a partir do Plioceno médio.

Os mares do Plioceno superior alimentavam odontocetos zifiídeos, fiseterídeos, delfínídeos (**Tursiops** Gervais, da Europa), bem como mistícetos balenopterídeos (**Balaenoptera** Lacépède, da América do Norte, atual) e balenídeos (**Balaena** Linnaeus, da Europa, atual).

A épocas indeterminadas do Plioceno pertencem, na América do Sul, sedimentos marinhos e de água doce que encerram restos de odontocetos platanistídeos (**Saurodelphis** Burmeister, **Ischyrorhynchus** Ameghino, **Anisodelphis** Rovereto, **Hesperocetus** True, **Pontistes** Burmeister e **Pontivaga** Ameghino) e de mistícetos balenopterídeos (**Notiocetus** Ameghino).

As famílias e os gêneros de odontocetos e mistícetos do Pleistoceno são, todos, atuais.

Assim, entre os odontocetos, os platanistídeos são conhecidos por restos descobertos no Pleistoceno da América do Norte (**Stenodelphis** Gervais, hoje habitante das águas costeiras do Atlântico sul); os fiseterídeos, no Pleistoceno da América do Norte (**Physeter** Linnaeus); os monodontídeos, no Pleistoceno da América do Norte e da Europa (**Del-**

phinapterus Lacépède, da América do Norte, **Monodon** Linnaeus, da América do Norte e Europa); os delfinídeos, no Pleistoceno da América do Norte (**Globicephala** Lesson); os **Phocaenidae**, no Pleistoceno da Nova Zelândia (**Phocaenopsis** Huxley).

Entre os mysticetos, os balenopterídeos acham-se representados no Pleistoceno da América do Norte (**Balaenoptera** Lacépède, **Megaptera** Gray) e os balenídeos, no Pleistoceno da América do Sul (**Eubalaena** Gray).

Os delfinídeos são os odontocetos mais numerosos, em formas, atualmente. Os diversos gêneros pertencentes a esta família (**Steno** Gray, **Sotalia** Gray, **Delphinus** Linnaeus, **Orcinus** Fitzinger, **Tursiops** Gervais, **Globicephala** Lesson e outros) são encontrados em todos os oceanos (**Steno** ou golfinho de bico longo, **Tursiops**, **Globicephala** ou “peixe negro”, não encontrados nos mares polares, **Delphinus** ou golfinhos comuns, **Orcinus** ou **Orca**, “baleia” assassina), no Oceano Índico (**Sotalia**) e Atlântico (**Sotalia** e outros) e nos mares do Sul. Alguns gêneros desta família habitam, frequentemente, as embocaduras dos grandes rios e as águas das grandes baías (**Sotalia** habita as águas costeiras da África ocidental e da América do Sul oriental: o **S. brasiliensis** é o boto característico das águas da baía da Guanabarra). Os zifiídeos atuais habitam o Pacífico (**Tasmacetus** Oliver, do sul, **Berardius** Duvernoy), o Atlântico norte, Pacífico sul, Antártico e Mediterrâneo (**Hyperoodon** Lacépède, principal fornecedor do espermacete) ou todos os oceanos (**Ziphius** Cuvier), enquanto os monodontídeos restringem-se ao Ártico e ao Pacífico e Atlântico norte (**Delphinapterus** Lacépède, a baleia branca ou beluga, e **Monodon** Linnaeus, o narval do Ártico e do Atlântico norte) e os fisetídeos vivem no Atlântico, na Pacífico e no Índico (**Kogia** Gray, baleia de espermacete anã) ou em todos os mares, principalmente nas zonas tropicais (**Physeter** Linnaeus ou cachalote, baleia de espermacete), sendo os **Phocaenidae** presentes no Índico e Pacífico ocidental (**Neophocaena** Palmer) e em todos os oceanos, excepto nas regiões polares (**Phocaena** Cuvier ou marsuínos comuns). Os platanistídeos vivem na embocadura dos grandes rios da América do Sul (**Iniinae** e **Stenodelphinae**), da Ásia meridional (**Platanistinae**) e da China (**Iniinae**). Os iniínos atuais são **Inia** D'Orbigny, de focinho longo e peludo e de olhos bem desenvolvidos, habitante da foz do Orenoco e do Amazonas e seus tributários (**I. geoffroyensis** Blainville) e **Lipotes** Miler, dos rios da China, enquanto os estenodelfínos e platanístinos têm por representantes atuais, respectivamente, os gêneros **Stenodelphis** Gervais, de menor tamanho que **Inia** (1,50 m de comprimento, no máximo), intermediários entre os golfinhos marinhos e os de água doce, habitantes do litoral do Atlântico sul e encontrados, frequentemente, na foz do Rio da Prata e na Lagôa dos Patos, e **Platanista** Wagler, o “susu” ou golfinho do Ganges e outros rios da Ásia meridional.

Das três famílias de mysticetos atuais, apenas a dos **Rachianectidae**, cujo gênero único é **Rachianectes** Cope, do Pacífico norte (**R. glaucus**

Cope), não tem representantes fósseis conhecidos. A dos balenopterídeos, conhecida desde o Mioceno superior, é representada atualmente por **Balaenoptera** Lacépède ou rorcal (diversas espécies, entre as quais **B. musculus** (Linnaeus), que chega a atingir 27 m de comprimento, é o maior de todos os cetáceos e mamíferos conhecidos), **Megaptera** Gray, com umas cinco espécies, e **Sibbaldus** Gray, balêia azul, habitantes de todos os oceanos. Enfim, a família dos balenídeos ou balêias propriamente ditas, conhecida desde o Mioceno inferior, é representada, no Ártico, por **Balaena** Linnaeus (**B. mysticetus** Linnaeus), no Pacífico sul, por **Neobalaena** Gray (**N. marginata** Gray, da Nova Zelândia) e, em todos os oceanos, exceto no Ártico, por **Eubalaena** Gray, entre cujas espécies **E. australis** (Desmoulins) é do Atlântico sul. (Fig. 3).

A filogenia dos cetáceos é, ainda, muito obscura. Embora os carnívoros pinípedes (focas) e os sirenídeos (vacas marinhas) sejam francamente considerados como descendentes de mamíferos terrestres, quadrúpedes, que teriam retornado à vida aquática, os cetáceos admitem mais dificilmente uma idêntica suposição, pois sua adaptação à vida marinha é mais completa.

A presença de membros posteriores, atrofiados, na maioria dos cetáceos, levou alguns naturalistas a considerá-los como descendentes de quadrúpedes que poderiam, pelos menos, arrastar-se nos baixios, como deviam fazer os **Ichthyosauria** e **Plesiosauria**, répteis marinhos, do Mesozóico.

Os **Archaeoceti**, por muitos caracteres de sua estrutura, parecem constituir um ramo do primitivo tronco creodonte, que se teria transformado em devorador de peixes. Mas os basilossaurídeos ou zeuglodontes, principalmente, pela forma especial de seu crânio, cujo aspecto é bem reptiliano (crocodiliano), deviam ser muito mais semelhantes aos ictiossáurios e a outros sáurios marinhos, do Mesozóico, do que os cetáceos atuais e — segundo Trouessart (1886-1902) — se admitirmos que estes tiveram por ancestrais os basilossáurios, podemos, também, admitir que os últimos, por sua vez, tenham descendido dos ictiossáurios, pois a comparação entre os basilossáurios e os ictiossáurios seria muito mais instrutiva, sob o ponto de vista do transformismo, segundo Trouessart, do que uma comparação direta entre os cetáceos atuais e os ictiossáurios que, na opinião de alguns autores, parecem ter sido também vivíparos, como os mamíferos. Outros autores não admitem, porém, tal filogenia reptiliana para os cetáceos, cuja tão alta antiguidade geológica torna, também, pouco provável que eles tenham derivado de certos mamíferos creodontes. Acredita Kellog que eles tenham surgido muito cedo, dum tronco euteriano ancestral, relativamente indiferenciado.

A balêia, verdadeiro desdentado marinho, cujo feto apresenta, atavicamente, vestígios de dentes, que se vão tornando cada vez mais indistintos, até desaparecerem, antes do nascimento, para darem lugar às produções córneas, conhecidas sob o nome de barbatanas, descendem

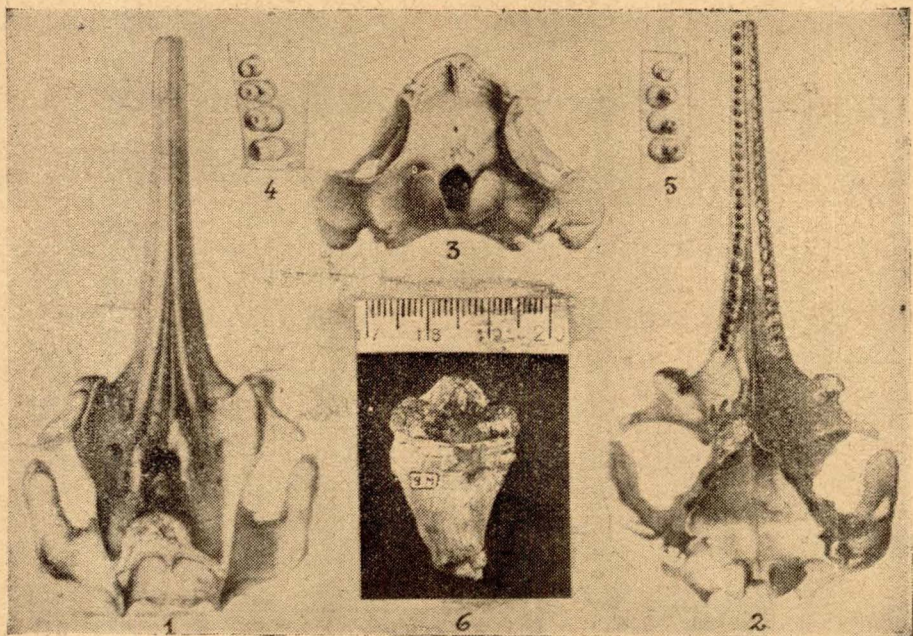


Fig. 4 — *Inia geoffroyensis* Blainville (1-5) e *Pliocodontinia mourai* Miranda Ribeiro (6). 1, 2 e 3 — crânio de *I. geoffroyensis*, visto de cima, de baixo e de trás, respectivamente. 4 e 5 — dentes superiores e inferiores da mesma. 1-3 1/5 apr.; 4 e 5, 1/2 apr. (de van Beneden e P. Gervais 1868-1879). 6, dente de *Pliocodontinia mourai*, holótipo (D.G.M. — N.º 9-M).

de tipos que possuíam dentes. Aliás, já foram descobertos restos fósseis de baléias que realizam, aparentemente, o elo intermediário entre os tipos providos de dentes (odontocetos) e os tipos desdentados atuais (misticetos).

A origem e evolução dos misticetos constituem questões cuja solução se mostra, ainda, muito difícil, pois tal grupo se originou em tempos geologicamente muito remotos e o número de formas fósseis conhecidas é, entretanto, insuficiente para dar uma idéia clara sobre tais questões. Eles evoluíram paralelamente com os odontocetos; não parecem ter derivado destes.

Os únicos vestígios fósseis de cetáceos, conhecidos no Brasil, pertencem a odontocetos extintos.

Sub-ordem ODONTOCETI

Compreende esta sub-ordem as “baléias” providas de dentes e seus afins, os golfinhos fluviais e marinhos e os cachalotes. Os dentes são comumente muito numerosos, embora sejam, às vezes, reduzidos a um simples par. A maxila sobrepõe-se, parcialmente, ao frontal. Os ossos nasais são reduzidos. As narinas confluem, externamente, formando uma abertura ou evento simples, situado muito para trás e dirigido para cima.

Quatro são as super-famílias participantes desta sub-ordem:

Squalodontoidea, extinta, cujos representantes fósseis conhecidos se distribuem, como vimos, desde o Eoceno superior até o Mioceno superior;

Platanistoidea, cujos representantes mais antigos são do Mioceno médio;

Physeteroidea, atual, conhecida desde o Mioceno inferior; **Delphinioidea**, atual, idem.

Super-família PLATANISTOIDEA (Golfinhos fluviais)

Família Platanistidae

Os odontocetos desta família distinguem-se dos outros, principalmente, por terem todas as suas vértebras cervicais completamente livres e algo mais compridas, relativamente, que as dos outros cetáceos. O focinho é longo e estreito, mas sólido. Os dentes são muito numerosos. Os membros anteriores são largos e truncados. O evento abre-se, externamente, em forma de crescente ou em sentido longitudinal. Hábitos fluviais ou estuáricos.

A esta família pertencem três sub-famílias: **Platanistinae**, **Iniinae** e **Stenodelphinae**.

A primeira é conhecida no Mioceno médio da América do Norte (*Zarchachis* Cope), no Mioceno superior da Europa (*Pachyacanthus* Brandt) e atualmente, nos rios Ganges e Indo, onde vive o gênero *Platanista* Wagler (*P. gangetica* Lebeck, o vulgar "susu"). A segunda é representada no Mioceno, Plioceno e Pleistoceno da América do Sul *Proinia* True, Mioceno inferior, *Saurodelphis* Burmeister, *Anisodelphis* Rovereto, *Ischyrorhynchus* Ameghino, Plioceno), no Plioceno inferior da América do Norte (*Hesperocetus* True) e hoje, no rio Amazonas e Orenoco (*Inia* D'Orbigny) e nos rios da China (*Lipotes* Miller). A terceira tem representantes fósseis conhecidos no Plioceno médio (*Lonchodelphis* Allen) e Pleistoceno (*Stenodelphis* Gervais) da América do Norte e no Plioceno da América do Sul (*Pontistes* Burmeister, *Pontivaga* Ameghino) e é representada, atualmente, pelo gênero *Stenodelphis* Gervais, cuja espécie única (*S. blainvillei* Gervais) e encontrada nas águas atlânticas da foz do Rio da Prata, onde é conhecida sob o nome vulgar de "Franciscano", e na Lagôa dos Patos, sul do Brasil, onde o vulgo lhe deu o nome de "Toninha".

Sub-família Iniinae

Este grupo tem por tipo o gênero *Inia* D'Orbigny, seu atual representante, na América do Sul. A espécie única do gênero é *I. gecffronensis* Blainville, o golfinho ou boto do Amazonas e Orenoco, vulgarmente denominado "Uyara" ou "Pyarayaguara". É uma espécie exclusivamente fluvial, que se encontra, juntamente com os delfínídeos *Sotalia tucuxi* Gray e *Sotalia pallida*, a 2.500 km rio acima da foz do Amazonas, invadindo, também, as águas de seus principais afluentes, pelos quais chega a atingir a Bolívia e o Perú, a grande altura sobre o nível do mar. (Fig. 2).

O outro gênero atual é *Lipotes* Miller, cuja espécie única (*L. vexillifer* Miller, o golfinho d'água doce da China) habita o lago Toungh-Ting e a embocadura dos rios que nêles se lançam, lago êsse que se acha, aproximadamente, a 1.000 km da foz do Yang-tsé-Kiang ou Rio Azul. Esta espécie assemelha-se ao delfínídeo *Sotalia sinensis*, o golfinho branco da China, por sua coloração, mas sua forma externa e a estrutura de seu organismo distinguem-n'a bastante do último.

O gênero extinto *Plicodontinia* Miranda Ribeiro (1938), considerado como um ancestral não muito remoto do atual *Inia*, é conhecido por um dente fóssil, quasi completo (Fig. 4), coletado na areia da barranca do Rio Jurúa, em Aquidaban, Estado do Amazonas (Plioceno?). A espécie única do gênero é *P. mourai* Miranda Ribeiro. O dente em referência pertence à Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional da Produção Mineral (ex-Serviço Gelológico do Brasil) (N.º 9-M).

Incertae sedis

Além do dente tipo de **Plicodontinia mourai** foram descobertos, na mesma região, os seguintes restos, que não conseguimos determinar exactamente: um fragmento anterior de mandíbula de cetáceo, provavelmente do gênero **Inia** Géoffroy, de aparência recente, com sínfise longa, alvéolos sub-circulares, em série contínua, assim como um fragmento de região supra-ocipital e parietal de cetáceo, fossilizado. Estes restos pertencem à mesma instituição (N.ºs 8-M e 17-M, respectivamente).

BIBLIOGRAFIA

KELLOG, Remington

1928 — The history of whales. Their adaptation to life in the water. **Quart. Rev. Biol.**, vol. III, págs. 29-76, 174-208. (Citação de Simpson).

1936 — A review of the Archaeoceti. **Carnegie Inst. Washington**, Publ. N.º 482, págs. I-XV, 11366. (Citação de Simpson).

MIRANDA RIBEIRO, Alípio de

1938 — **Plicodontinia mourai** g. e esp. nov. **Livro Jubilar do Professor Lauro Travassos** (1913-1938), págs. 319-321. Rio de Janeiro.

NORMAN, J. R. e **FRASER**, F. C.

1938 — **Les Géants de la Mer**. Payot. Paris.

SIMPSON, George Gaylord

1931 — A new classification of Mammals. **Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.** vol. LIX, Art. V, págs. 295-381.

1945 — The Principles of Classification and a Classification of Mammals. **Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.**, Vol. 85, págs. 100-105 e 213-216.

TROUESSART, Edmond Louis

1886-1902 — Artigo "Cétacés". **La Grande Encyclopédie**, vol. X, págs. 161-163.

VAN BENEDEN e **PAUL GERVAIS**

1868-1879 — **Ostéographie des Cétacés**. Atlas, pl. XXXIII. Paris.

ZITTEL, Karl A. von

1893 — **Traité de Paléontologie**. Vol. IV — Paléozoologie — Vertebrata (Mammalia). Edição francesa, tradução de Charles Barrois. Paris.